

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência – PROMESTRE

Isis Aloma Marinho Lima

**POTÊNCIAS SINGULARES, SABERES PLURAIS E EXPERIÊNCIAS
DE FORMAÇÃO NO CONTEXTO DO PROGRAMA FORÇAS NO
ESPORTE: narrativas de professores/as de Educação Física**

BELO HORIZONTE, MG

2023

Isis Aloma Marinho Lima

**POTÊNCIAS SINGULARES, SABERES PLURAIS E EXPERIÊNCIAS
DE FORMAÇÃO NO CONTEXTO DO PROGRAMA FORÇAS NO
ESPORTE: narrativas de professores/as de Educação Física**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência – PROMESTRE - da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito final à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Ensino de Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior

BELO HORIZONTE, MG

2023

L732p
T

Lima, Isis Aloma Marinho, 1984-
Potências singulares, saberes plurais e experiências de formação no contexto do Programa Forças no Esporte [manuscrito] : narrativas de professores/as de educação física / Isis Aloma Marinho Lima. -- Belo Horizonte, 2023.

123 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Admir Soares de Almeida Junior.

Bibliografia: f. 102-107.

Apêndices: f. 108-123.

1. Brasil -- Aeronáutica -- Teses. 2. Programa Segundo Tempo (Brasil) -- Teses. 3. Programa Forças no Esporte (Brasil) -- Teses. 4. Educação -- Teses. 5. Professores -- Formação -- Teses. 6. Educação física militar -- Teses. 7. Educação militar -- Teses. 8. Professores de educação física -- Formação -- Teses. 9. Professores de educação física -- Narrativas pessoais -- Teses. 10. Professores de educação física -- Prática de ensino -- Teses.

I. Título. II. Almeida Junior, Admir Soares de, 1969-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.71

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROMESTRE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ÍISIS ALOMA MARINHO LIMA

Realizou-se, no dia 15 de Dezembro de 2023, às 14 horas, na sala 2117 da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 483ª defesa de dissertação, intitulada *POTÊNCIAS SINGULARES, SABERES PLURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: NARRATIVAS DE DOCENTES NO INTERIOR DO PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE*, apresentada por **ÍISIS ALOMA MARINHO LIMA**, número de registro 2021650809, graduada no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Admir Soares de Almeida Júnior - Orientador (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof. José Alfredo de Oliveira Debortoli (Universidade Federal de Minas Gerais) e Profa. Juliana Batista Faria (Universidade Federal de Minas Gerais).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada.
 Reprovada.
 Aprovada com indicação de correções.

A Banca sugeriu e a candidata acatou a mudança do título da dissertação para: *Potências Singulares, Saberes Plurais e Experiências de Formação no contexto do Programa Forças no Esporte: narrativas de professores/as de Educação Física*.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 15 de Dezembro de 2023.

Prof. Admir Soares de Almeida Júnior (Doutor)

Prof. José Alfredo de Oliveira Debortoli (Doutor)

Profa. Juliana Batista Faria (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli, Professor do Magistério Superior**, em 18/12/2023, às 16:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Admir Soares de Almeida Junior, Professor do Magistério Superior**, em 18/12/2023, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Batista Faria, Professora Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 18/12/2023, às 19:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2860236** e o código CRC **1D048961**.

*Para V. e I.: ao lado de vocês eu descobri o verdadeiro significado das palavras
amor e felicidade.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Admir, pela disponibilidade, alegria, serenidade e sabedoria que ampliaram a minha forma de ver o mundo.

À professora Juliana, pelo olhar perspicaz, afetuoso e inspirador que delineou um norte para as minhas reflexões e ao professor José Alfredo, por cada palavra preciosa que me permitiram vislumbrar novos horizontes.

Aos/às professores/as participantes da pesquisa formação pelos momentos incríveis que permitiram a realização deste trabalho. Obrigada pela parceria amistosa e por me ensinarem tantas coisas ao escrevermos, coletivamente, os memoriais de formação. Emerson, Fábio e João: foi uma honra trabalhar com vocês!

À Lara, a Luiza e ao professor Glaucinei, pelo processo de *design* gráfico do produto educacional, em formato de livro eletrônico, parte integrante deste trabalho.

Aos/as integrantes do Programa Forças no Esporte e do Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica pela amizade e compromisso em fazer o nosso melhor, em prol de toda comunidade escolar.

Aos/às meus/minhas amigos/as e familiares por sonharem os meus sonhos.

Ao meu esposo, pelo apoio incondicional, compressão e companheirismo que me inspiram a ser uma pessoa melhor e ao meu filho, por me motivar com a sua doçura e entusiasmo em descobrir o mundo. Amo vocês!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender, por meio de memoriais de formação produzidos em encontros de uma pesquisa formação inspirada na documentação narrativa de experiências pedagógicas, as experiências de formação de professores/as de Educação Física do Programa Forças no Esporte (PROFESP), realizado no interior das organizações militares da Aeronáutica. O estudo dialoga com as singularidades desses/as docentes, que se constituem enquanto potências que carregam diversos saberes e permeiam uma pluralidade de culturas, cujas vozes ainda são pouco conhecidas no âmbito acadêmico. Para isso, me ancorou no campo epistemológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica. Os resultados foram obtidos pela análise compreensiva-interpretativa (SOUZA, 2006; 2014) dos memoriais de formação e evidenciaram uma prática pedagógica pautada nos princípios do esporte educacional. Além disso, percebi que os professores realizam atividades que vão além da docência, requerendo habilidades e competências da área de gestão. Por fim, considero a escrita dos memoriais de formação dos colaboradores deste estudo como um ato de resistência, pois em cada unidade em que atuam, eles têm em comum o fato de compartilhar uma prática pedagógica capaz de construir caminhos de enfrentamento e superação das condições de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Formação docente; Narrativas (auto)biográficas; Prática Pedagógica; Educação Física; Experiência de Formação.

ABSTRACT

This work aims to understand, through training memorials produced in meetings of a research-training inspired by the narrative documentation of pedagogical experiences, the training experiences of Physical Education teachers at Profesp (Programa Forças no Esporte), carried out in the interior of of the Air Force's military organizations. The study dialogues with the singularities of these teachers, who constitute themselves as powers that carry diverse knowledge and permeate a plurality of cultures whose voices are still little known in the academic field. To do this, I anchored myself in the epistemological field of (auto)biographical narrative research. The results were obtained through a comprehensive-interpretative analysis (SOUZA, 2006; 2014) of training memories and showed a pedagogical practice based on the principles of educational sport. Furthermore, I noticed that teachers carried out activities that went beyond teaching, requiring skills and competencies in the area of management. Finally, I consider the writing of the training memorials of the collaborators in this study as an act of resistance, because in each unit in which they work, they have in common the fact of sharing a pedagogical practice capable of building ways of coping and overcoming the conditions of social vulnerability.

keywords: Teacher training; (Auto)biographical narratives; Pedagogical Practice; Physical education; Training Experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Local favorito na infância.....	17
Figura 2 – Turma de Pilates e Treinamento Funcional.....	19
Figura 3 – Comemoração da turma pela conclusão da especialização	20
Figura 4 – Cerimônia de formatura da turma de oficiais.....	21
Figura 5 – Formatura da Turma Águia	22
Figura 6 – Aula de Hidroginástica com os alunos/as dos cursos de formação de oficiais	26
Figura 7 – Ginásio do CIAAR	27
Figura 8 – Complexo Esportivo do CIAAR	28
Figura 9 – Alunos/as do curso de formação de oficiais jogando voleibol	29
Figura 10 – Aula de natação dos/as alunos/as do PROFESP	31
Figura 11 – Alunos/as do PROFESP no parquinho.....	32
Figura 12 – Formatura militar com a participação dos/as alunos/as do PROFESP ..	33
Figura 13 – Aula de música.....	34
Figura 14 – Aula inaugural do Profesp no CIAAR	35
Figura 15 – Aula de lutas	36
Figura 16 – Aula de música.....	37
Figura 17 – Palestra com dentista.....	37
Figura 18 – Café da manhã no CIAAR.....	38
Figura 19 – Equipe de Coordenação do PROFESP CIAAR.....	39
Figura 20 – Roda de conversa na aula de Educação Física	40
Figura 21– Aula de Educação Física.....	41
Figura 22 – Roda de conversa com a pedagoga do PROFESP CIAAR.....	41
Figura 23 – Alunos/as do PROFESP CIAAR em apresentação cultural	42

Figura 24 – Oficina de circo na capacitação de Brasília.....	44
Figura 25 – Oferta de disciplinas do Promestre	49
Figura 26 – Processo de escrita coletiva dos memoriais de formação.....	59
Figura 27 – Proibido jogar futebol	61
Figura 28 – Professor Fabiano comemora com a turma	79
Figura 29 – Alunos/as na aula de atletismo	82
Figura 30 – Alunos/as na aula de lutas	83
Figura 31 – Tiro com arco no Festival Paralímpico	85
Figura 32 – Professor com alunos/as.....	86
Figura 33 – Campanha de arrecadação de presentes para o Natal do PROFESP ...	88
Figura 34 – Entrega de presentes no Natal.....	88
Figura 35 – Reunião com os/as professores/as voluntários/as	91
Figura 36 – Conhecendo as aeronaves da FAB.....	95
Figura 37 – Alunos/as conhecendo o saxofone.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Titulação acadêmica dos/as professores/as de Educação Física do PROFESP	47
Tabela 2 – Perfil dos/as colaboradores	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPODE	– Centro de Estudo do Esporte para Pessoa com Deficiência
CFT	– Curso de Formação de Tutores
CIAAR	– Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica
CINDACTA 2	– Segundo Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo
COEP	– Comitê de Ética em Pesquisa
COVID-19	– Coronavírus 19
CP	– Centro Pedagógico
CPE	– Curso de Prática de Ensino
CPI-M	– Curso de Preparação de Instrutores Militar
EAD	– Educação a distância
EAT	– Estágio de Adaptação Técnico
EBAP	– Escola de Educação Básica e Profissional
EEAR	– Escola de Especialistas da Aeronáutica
EEFFTO	– Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EF	– Educação Física
FaE	– Faculdade de Educação
FE	– Faculdade de Educação
LAPENSI	– Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de SI
MG	– Minas Gerais

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OM	– Organização Militar
ONG	– Organização Não Governamental
PAM	– Pesquisa de Aquisição de Material
PCN	– Parâmetro Curricular Nacional
PET	– Programa de Educação Tutorial
PJP	– Programa João do Pulo
ProEFE	– Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Física Escolar
PROFESP	– Programa Forças no Esporte
PROMESTRE	– Mestrado Profissional em Educação e Docência
PPN	– Projeto Pedagógico de Núcleo
PR	– Paraná
RJ	– Rio de Janeiro
SEF	– Seção de Educação Física
SESI	– Serviço Social da Indústria
SME	– Secretaria Municipal de Educação
SP	– São Paulo
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TFM	– Treinamento Físico Militar
UFJF	– Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais
UNICAMP	– Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 UM QUARTEL CHEIO DE CRIANÇAS	30
2.1 O núcleo do PROFESP no CIAAR	35
2.2 Cronograma de atividades desenvolvidas no quartel.....	36
2.3 Algumas reflexões sobre a minha prática pedagógica no PROFESP	39
2.4 A importância da formação continuada na minha prática pedagógica no PROFESP	43
3 DE PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO PROFESP A PESQUISADORA NO MESTRADO PROFISSIONAL: como me reconheci narradora	46
4 O CAMPO DE ESTUDOS DA PESQUISA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA E A PESQUISAFORMAÇÃO	52
5 OS ENCONTROS DA PESQUISAFORMAÇÃO.....	57
5.1 Primeiro encontro – acolhimento e apresentação da <i>pesquisaformação</i>	57
5.2 Segundo encontro: primeiras impressões sobre a pesquisa narrativa (auto)biográfica e o memorial de formação	60
5.3 Terceiro encontro: modos outros de escrita do memorial de formação – campo de sensibilidades.....	64
5.4 Quarto encontro	66
5.5 Quinto encontro.....	69
5.6 Sexto encontro	71
5.7 Sétimo encontro	71

6 DIÁLOGOS ENTRECruzADOS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO NO PROFESP	73
6.1 O processo da escrita dos memoriais de formação	75
6.1.1 <i>Como me tornei professor/a de Educação Física.....</i>	<i>76</i>
6.1.2 <i>A minha prática pedagógica no PROFESP.....</i>	<i>80</i>
6.1.3 <i>As principais vivências realizadas no programa.....</i>	<i>87</i>
6.1.4 <i>Contribuições das experiências de formação continuada para a minha prática pedagógica.....</i>	<i>93</i>
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
8 RECURSO PEDAGÓGICO.....	101
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICES	108

1 INTRODUÇÃO

Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas.

E me encantei.

(Manoel de Barros)

A pandemia da COVID-19 trouxe inúmeras transformações em nossa sociedade. Dentre elas a necessidade do distanciamento social como medida preventiva para evitar a propagação da doença. O trabalho remoto foi uma das soluções encontradas por muitos setores da economia, inclusive na área da educação, para minimizar o contágio pelo Coronavírus. A nova forma de trabalho foi fundamental para a minha decisão de realizar a escrita do projeto de pesquisa para ingressar no Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pois consegui aproveitar melhor o meu tempo livre, que antes era despendido no trajeto casa-trabalho.

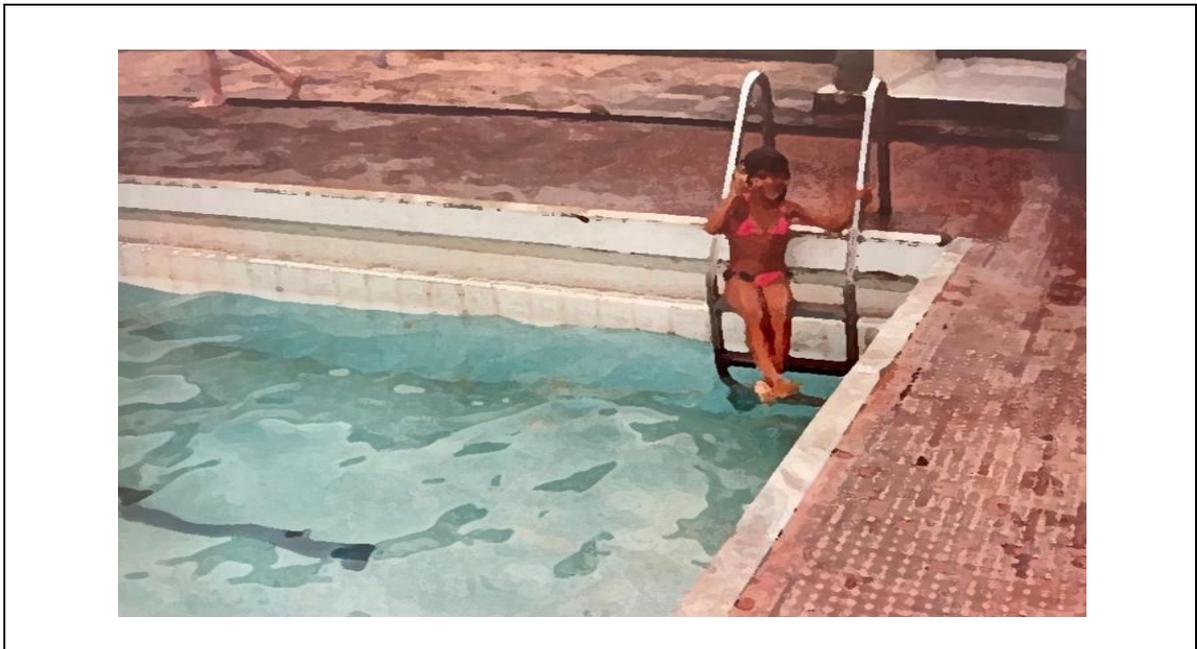
Um colega de trabalho me falou sobre a abertura das inscrições e levei um susto ao perceber que teria só um mês para o desenvolvimento da proposta de estudo. Sendo assim, iniciei a corrida contra o tempo e escolhi a palavra obstinação como a principal aliada para realizar a escrita do projeto de pesquisa, no mês de agosto de 2019. Senti que aquele seria o momento de galgar novos caminhos na minha vida acadêmica. Foram dias intensos, com muitas leituras e reflexões que me permitiram saborear o gosto dos trabalhos de autores/as, que aprendi a admirar durante a graduação em Educação Física. Para minha sorte, quando tirava os olhos da tela do computador, eu avistava um ipê roxo florido da janela da minha sala. Ele foi o meu alento durante a estruturação das ideias.

Por se tratar de Mestrado Profissional, associar questões inerentes ao meu trabalho ajudou muito no desenvolvimento do tema da pesquisa. Dentre os desafios do meu cotidiano, elegi as temáticas da prática pedagógica em Educação Física e da formação profissional, como norteadoras para a minha escrita. Neste sentido, contextualizei o cenário que provocou as inquietações e permitiram a realização deste estudo.

Falar sobre a própria história é como se desvencilhar de muitas camadas do próprio ser, tomando posse de cada uma delas. É permitir que o outro nos veja translúcido, percorrendo conosco os caminhos que nos permitiram chegar até chegar aqui.

Desde a mais tenra idade queria ser igual ao meu avô e o seguia para todos os lados. Ele gerenciava um clube de futebol que também funcionava como espaço de lazer para os seus associados. Foi neste local que passei parte da minha infância e aprendi a amar a Educação Física. Lá eu brincava de tudo: futebol, vôlei, peteca, esconde-esconde, pegador, basquete, queimada, rouba-bandeira e, é claro, não saía da piscina! (FIGURA 1).

Figura 1 – Local favorito na infância



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Sempre estudei em escolas públicas. As experiências com as aulas de Educação Física na escola foram diversificadas. Nos anos iniciais do ensino fundamental me lembro, com carinho, das aulas e as atividades que mais recordo são o banho de mangueira na quadra, queimada, pega-pega, pular corda, pular elástico, jogo de polícia e ladrão, jogar xadrez e dama nos dias chuvosos. A partir da sexta série as professoras introduziram esportes como futebol, vôlei, handebol, basquete e atletismo. Os dias das aulas de Educação Física eram os melhores.

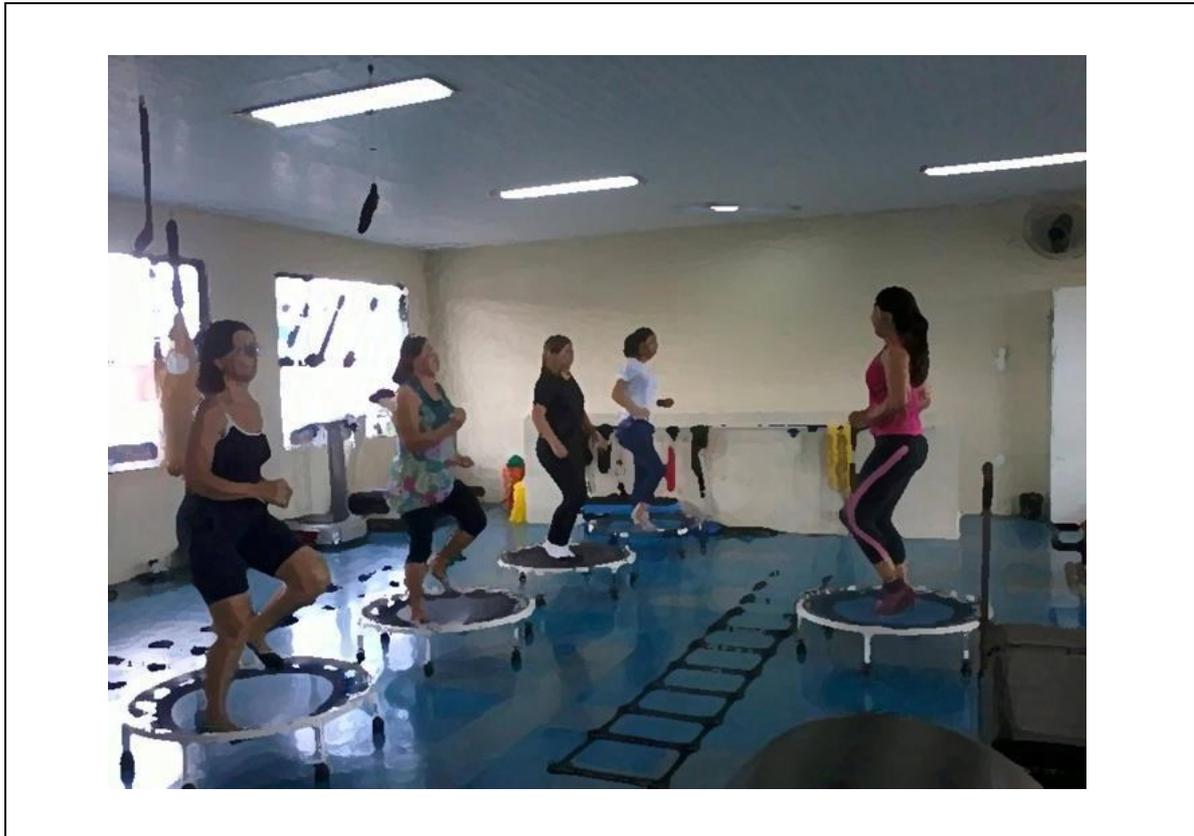
Aos doze anos comecei a frequentar a empresa de contabilidade do meu tio, para aprender datilografia, e ganhei uma profissão. Fui auxiliar do departamento pessoal, além de ajudar com os serviços externos do escritório. Eu adorava trabalhar na rua porque tinha muito tempo livre, nas filas dos órgãos públicos e nos transportes coletivos, para ler. Manoel de Barros, Cecília Meireles, Machado de Assis, Mário Quintana, Alúcio Azevedo, José de Alencar, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo e tantos outros/as escritores/as que me transportavam para novas realidades.

Cursei o ensino médio no Colégio Municipal Marconi e morava longe da escola. Lembro-me de percorrer quarenta minutos dentro do ônibus e depois mais trinta minutos caminhando. Já chegava aquecida para a aula de Educação Física no primeiro horário! A minha professora de Educação Física era incrível! Ela se preocupava em organizar as aulas de modo atraente, com repertório de atividades variadas, mas com maior destaque para os esportes.

Em 2004, ingressei na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sou a primeira mulher da minha família a ingressar na universidade. Nesta escola, participei de alguns grupos de estudo, pesquisa e extensão, dentre os quais destaco o Centro de Estudo do Esporte para Pessoa com Deficiência (CEPODE); Projeto Brincar; Programa de Educação Tutorial Educação Física e Lazer (PET); Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Física Escolar (ProEFE) e Projeto Guanabara. Fui bolsista da Fundação Universitária Mendes Pimentel, do PET Educação Física e Lazer e do Projeto Guanabara. Além disso, também era integrante do Grêmio Estudantil.

Participar desses grupos me permitiu amadurecer o olhar sobre a Educação Física, pois trabalhei com diversas faixas etárias, da infância à terceira idade. Percorri o campo das brincadeiras, da musculação, dos esportes, das lutas, da yoga, do pilates e da dança. Também foi nestes grupos que aprendi a refletir sobre a minha prática pedagógica, a compartilhar experiências e aprendizados com meus/minhas colegas de trabalho e tive a primeira oportunidade de trabalhar com crianças em situação de vulnerabilidade social. Durante a graduação, também fiz estágio em academias, nas áreas de musculação, voleibol, natação e pilates (FIGURA 2).

Figura 2 – Turma de Pilates e Treinamento Funcional



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Em 2007, ingressei como servidora pública na Prefeitura de Belo Horizonte, no cargo de auxiliar de biblioteca. Foi um período importante para mim, pois tive aproximação com o universo da escola, da infância e da adolescência, das brincadeiras e da contação de histórias. Em 2010, ingressei como Professora de Educação Física na prefeitura de Contagem e trabalhei com os anos iniciais do ensino fundamental. Também atuei como professora e coordenadora de academia, nas áreas de musculação e pilates. Foi um período intenso, de muita dedicação, trabalho e aprendizado.

No ano de 2012 concluí a Especialização em Educação Básica – Área de Educação Infantil, na Faculdade de Educação da UFMG. A realização deste curso foi importante, pois despertou o meu olhar para a infância. Desenvolvi sensibilidades e sutilezas que fizeram grande diferença na minha prática pedagógica (FIGURA 3).

Figura 3 – Comemoração da turma pela conclusão da especialização



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Em 2013, ingressei como oficial temporária da área de Educação Física, no Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica (CIAAR), onde são formados os oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB). O processo de admissão foi composto por várias etapas e a mais desafiadora foi a primeira fase do Estágio de Adaptação Técnico (EAT). Nele foram trabalhados temas concernentes à doutrina militar, tais como instruções para comando de tropa e a utilização de armamentos, aulas sobre chefia e liderança, atividades que proporcionaram a reflexão sobre valores, importantes para a vida na caserna, dentre os quais destaco espírito de corpo (FIGURA 4).

Figura 4 – Cerimônia de formatura da turma de oficiais



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O espírito de corpo é o conjunto de ideais, atitudes, interesses, aspirações e tradições que identificam os membros de um grupo, superando as diferenças individuais em prol de um objetivo comum. É o auge da maturidade de um grupo, onde a comunhão de ideais, objetivos e características em comum conferem a este grupo uma força difícil de ser superada. Deve ser entendido como um sentimento de “orgulho coletivo” (para com a pátria, com as Forças Armadas, com a Força Aérea Brasileira, com a unidade onde se serve, com a sua especialidade e com os seus companheiros) que permite identificar, ante a coletividade, os membros de um grupo específico. As canções militares, os gritos de guerra e o culto aos valores, símbolos, heróis e tradições da FAB são formas de demonstrar o espírito de corpo, que o militar conserva em sua vida, dentro e fora da instituição (BRASIL, 2021a, p. 21).

Durante o EAT passei a integrar a turma Águia, composta por profissionais de várias áreas: professoras de Educação Física, fisioterapeutas, engenheiros/as, arquiteta, fonoaudiólogos/as, nutricionistas, bibliotecárias e pedagogas. Juntos/as aprendemos sobre a importância do espírito de corpo na caserna, considerando-se que somente com a união da turma conseguiríamos superar os desafios, apresentados durante as instruções que nos prepararam para a pronta resposta, durante as atividades próprias do militarismo (FIGURA 5).

Figura 5 – Formatura da Turma Águia



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A experiência como professora de Educação Física contribuiu para o meu êxito no decorrer do EAT. Durante a minha carreira, atuei e atuo tanto com atividades da licenciatura, como professora na Educação Básica e também no Ensino Superior, e atividades do bacharelado, tais como pilates, yoga, treinamento funcional, *spinning*, musculação, jump, ginástica coletiva, treinamento de corrida, *personal trainer* e coordenadora. A vivência nessas atividades permitiu realizar as atribuições da disciplina Treinamento Físico Militar (TFM) com facilidade, além de auxiliar no treinamento com os colegas que apresentavam dificuldades.

Durante o EAT, a maioria das aulas de TFM apresentava a mesma configuração: os alunos/as eram organizados/as em filas e fileiras, realizavam o alongamento e em seguida os exercícios de treinamento de força. Em geral, repetíamos o circuito duas ou três vezes e depois seguíamos para o treinamento de corrida. Esta organização das aulas produziu-me algumas reflexões, pois as demais atividades que constituem o conjunto da cultura corporal de movimento não eram ofertadas. Além disso, os/as alunos/as não tinham a oportunidade de assumir a postura de protagonismo durante as aulas, pois os/as professores/as ficavam na frente e a turma seguia reproduzindo os comandos realizados por eles/elas.

Nesse sentido, percebi a necessidade de um novo olhar sobre a prática pedagógica na Educação Física realizada no ambiente militar, considerando-se que o/a professor/a, “ao utilizar metodologias que estimulam a participação dos/as alunos/as, como protagonistas do processo ensino-aprendizagem, contribui para a reflexão acerca dos saberes produzidos pela experiência das manifestações corporais” (SILVA et al, 2020, p. 7) Construir um ambiente diversificado, participativo e de autonomia discente faz parte do processo explorado cotidianamente, com suas idas e vindas e inflexões. Nessa linha, a Educação Física, na condição de disciplina, tem como finalidade “formar indivíduos, dotados de capacidade crítica em condições de agir, com autonomia, na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2010, p. 12).

Mesmo com os avanços teóricos e epistemológicos, produzidos na área de Educação Física, percebi que durante o EAT foram realizadas práticas pedagógicas que pouco dialogavam com este referencial reforçando, nos dias de hoje, padrões superados na década de 1980, do século passado, tais como atividades que privilegiam a ênfase na técnica, o esporte de rendimento e a competitividade. Este fato nos conduz à necessidade de ampliarmos as discussões sobre a prática pedagógica no cotidiano das aulas de Educação Física, realizadas no contexto militar.

Após a conclusão do EAT, fui designada para o cargo de Adjunta da Seção de Educação Física (SEF) e tive a oportunidade de lecionar a disciplina TFM, para os/as alunos/as dos cursos de formação de oficiais e para o efetivo da unidade em que servi e, aos poucos, fui construindo junto aos/às meus/minhas colegas de profissão e aos/às meus/minhas alunos/as, um novo olhar sobre a prática pedagógica em Educação Física, apresentando outras possibilidades de práticas corporais.

Com subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, 1996, p. 30).

Nesse sentido, compreendo que a finalidade da escola, seja ela civil ou militar, não se limita a adaptar o/a aluno/a ao universo sociocultural e sim, possibilitar que a educação se conecte ao que faz sentido para ele/a, que considere o universo de recursos simbólicos próprios de sua experiência de vida e, desse modo, possa produzir relações e aprendizados que sejam significativos na sua formação. Aos poucos fomos introduzindo no TFM práticas corporais outras.

É que essas práticas corporais revelam os humanos tanto quanto qualquer outra obra sua: nós lhes atribuímos significados diversos, e também criamos diversas maneiras de praticá-las. Justamente por isso elas guardam e expressam todos os sentimentos humanos, sendo marcadas e atravessadas por valores éticos e estéticos que expressam modos de se apropriar dos tempos e dos espaços do viver, modos de sentir, enfim. Como criações do pensamento e da ação humanas, são um patrimônio cultural imaterial da humanidade, constitutivas também de sua história (VAGO, 2009, p. 35).

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isto não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles (FREIRE, 1979, p. 27).

A inserção destas práticas corporais não foi um processo solitário. Partiu de muitas rodas de conversa com os/as alunos/os e colegas de profissão. Um dos principais desafios dos/das meus/minhas colegas era a dificuldade em se manter a proposta de diversificação das atividades na ausência de algum/a professor/a, devido ao envolvimento com escalas relacionadas a tarefas administrativas do quartel. A realização de trabalhos distintos da docência comprometia a execução do planejamento das atividades, que precisavam ser alteradas de acordo com a expertise dos/as docentes.

Ainda assim, sempre pude realizar a minha prática pedagógica com liberdade e autonomia. Lembro-me da primeira vez em que propus que o tradicional aquecimento estático, organizado em fileiras, fosse substituído pela ginga da capoeira. Eram cerca de cem militares gingando dentro do ginásio. Meia lua de frente, de compasso, martelo, esquiva e queixada, ao som do berimbau. Aos poucos a timidez foi sendo substituída pela alegria e percebi que muitos/as alunos/as possuíam familiaridade com a capoeira.

No calor das contradições, o movimento concreto da capoeira vem demonstrando e acenando que é possível construir referências mais sintonizadas com o desenvolvimento da sociedade atual na perspectiva de sua transformação. A despeito de barreiras políticas e econômicas, os seres humanos, através de suas práticas significativas, destroem fronteiras e edificam um mundo onde, simbolicamente, tudo são margens, onde não há centro, onde não há outros. Com isso, ela aponta novas perspectivas pedagógicas, em que os educadores são chamados a criar pedagogias sem fronteiras, capazes de incorporar os deslocamentos que aproximam os povos em torno de projetos solidários de construção da felicidade humana (FALCÃO, 2004, p. 309-310).

A capoeira foi uma das muitas vivências introduzidas que proporcionou momentos solidários e os degraus da hierarquia foram substituídos pela integração da roda. Este contexto possui mais sentido para a minha prática pedagógica, pois, além de possibilitar a reflexão crítica, relacionada aos processos históricos que caracterizam o jogo da capoeira, ressignificam as relações marcadas pelo cotidiano no militarismo.

Compreendo a educação como um processo de autotransformação do sujeito que envolve e provoca aprendizagens em diferentes domínios da existência, evidencia-se o processo que acontece em cada sujeito, traduzindo-se na dinâmica que estrutura ou é estruturada por cada um no seu modo de ser, estar, sentir, refletir e agir (SOUZA, 2014, p.48).

Igualmente acredito no potencial em se superar práticas conservadoras na Educação Física por proposições que levem à emancipação e protagonismo dos/as alunos/as e professores/as produzindo diálogos que contribuam para a transformação da sua realidade social.

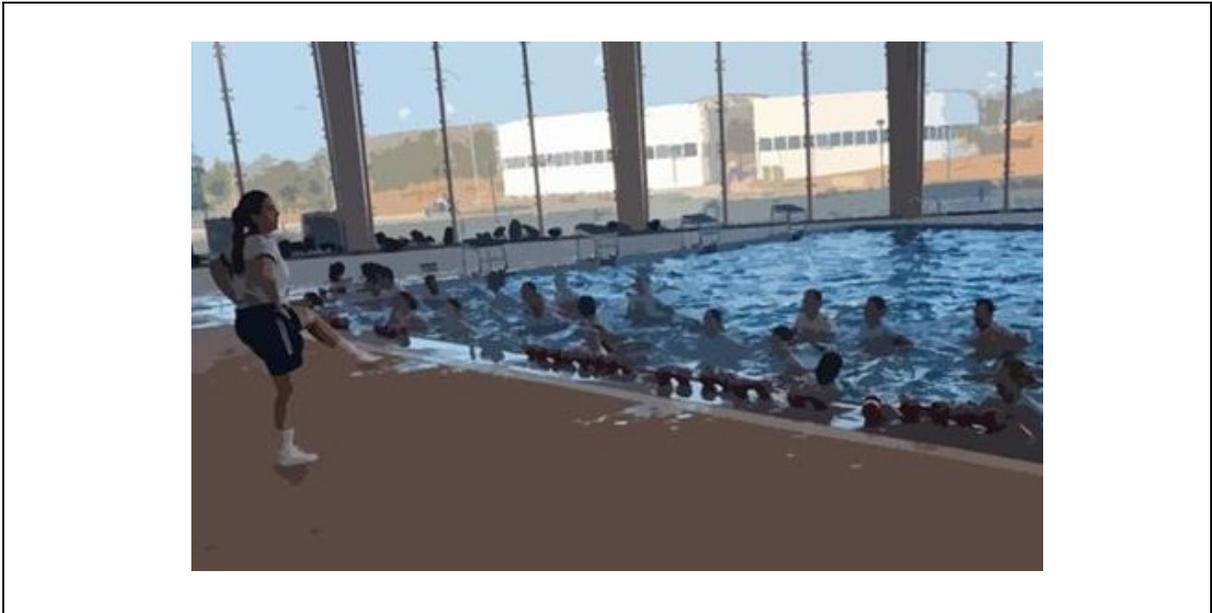
Após cerca de três anos na função de adjunta à SEF, acumulei este cargo com outras funções de natureza gerencial e administrativa, o que me distanciou do planejamento pedagógico das aulas.

Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte ao mundo nos coloca. Renuncio a participar a cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p. 23).

Neste sentido, nas ocasiões em que era escalada para ministrar o TFM assumia a postura epistemológica de acrescentar, no planejamento das aulas, questões que

considero relevantes para a minha emancipação e de meus/minhas alunos/as. Foram muitos diálogos antes, durante e após as aulas. Na Figura 6, o registro de uma aula de hidroginástica.

Figura 6 – Aula de Hidroginástica com os alunos/as dos cursos de formação de oficiais



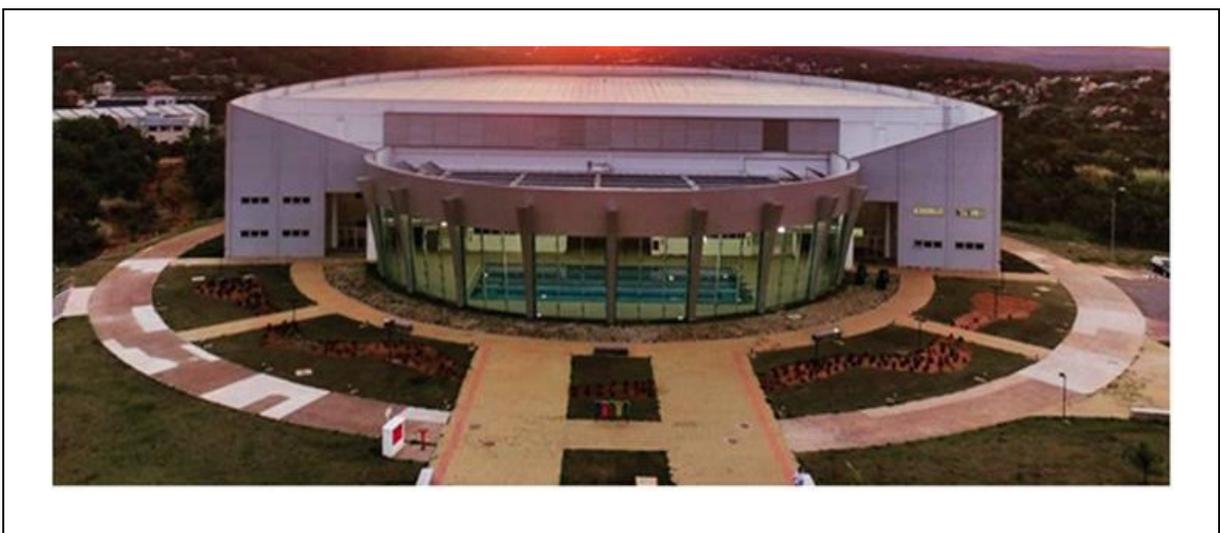
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Em uma dessas conversas, uma aluna me relatou a preocupação com a aproximação da data de realização do teste físico e o fato de estar com dificuldades na parte da corrida, devido ao sobrepeso. Agendamos o horário para traçarmos a estratégia para melhorar sua performance no teste de corrida. Nessa conversa, ela compartilhou comigo suas vivências na carreira militar, seus problemas familiares, sua postura política a respeito das avaliações em que era submetida no curso de formação militar e o seu posicionamento no mundo enquanto mulher, militar, esposa, mãe e arrimo de família. Em muitos momentos nossas histórias teciam tramas, que dialogavam entre si. E, como resultado desta conversa, a minha ação enquanto professora de Educação Física, está muito além de prescrever uma planilha com orientações para o treinamento de corrida. Trata-se de assumir postura política que se pressupõe partilhar com meus/minhas educandos/as a construção da sua autonomia, para intervirem na realidade em que estão inseridos/as, seja dentro ou fora do quartel, modificando-a, haja vista que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p.38).

Neste mesmo cenário, tive um aluno que me relatou não concordar com o fato da disciplina TFM ser obrigatória. Como justificativa, ele disse que já fazia musculação fora do quartel e as atividades propostas “atrapalhavam” o treino dele, referindo-se às atividades de treinamento em circuito e a corrida na pista. Neste momento percebi a necessidade de conversar com os meus pares a respeito do ocorrido, considerando-se que a Educação Física “estaria buscando elementos para construir uma prática pedagógica não mais centrada no exercitar-se, mas na aquisição de novos conhecimentos relacionados às manifestações da Cultura Corporal de Movimento” (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011, p.120).

Após dois anos conciliando as funções administrativas de outros setores com a função de professora de Educação Física, dos cursos de formação de oficiais e do efetivo do CIAAR, fui designada para os cargos de Chefe da Seção de Educação Física e da Seção do Programa Forças no Esporte (PROFESP) (FIGURAS 7 e 8). Foi o momento mais esperado da minha carreira, pois seria a oportunidade de colocar em prática muitos projetos adormecidos, desde o meu ingresso na FAB. Ao mesmo tempo, assumir estes cargos significava grande responsabilidade. Além da docência, eu seria a responsável pela manutenção do complexo esportivo com mais de vinte e um mil metros quadrados e coordenaria as atividades do PROFESP.

Figura 7 – Ginásio do CIAAR



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 8 – Complexo Esportivo do CIAAR



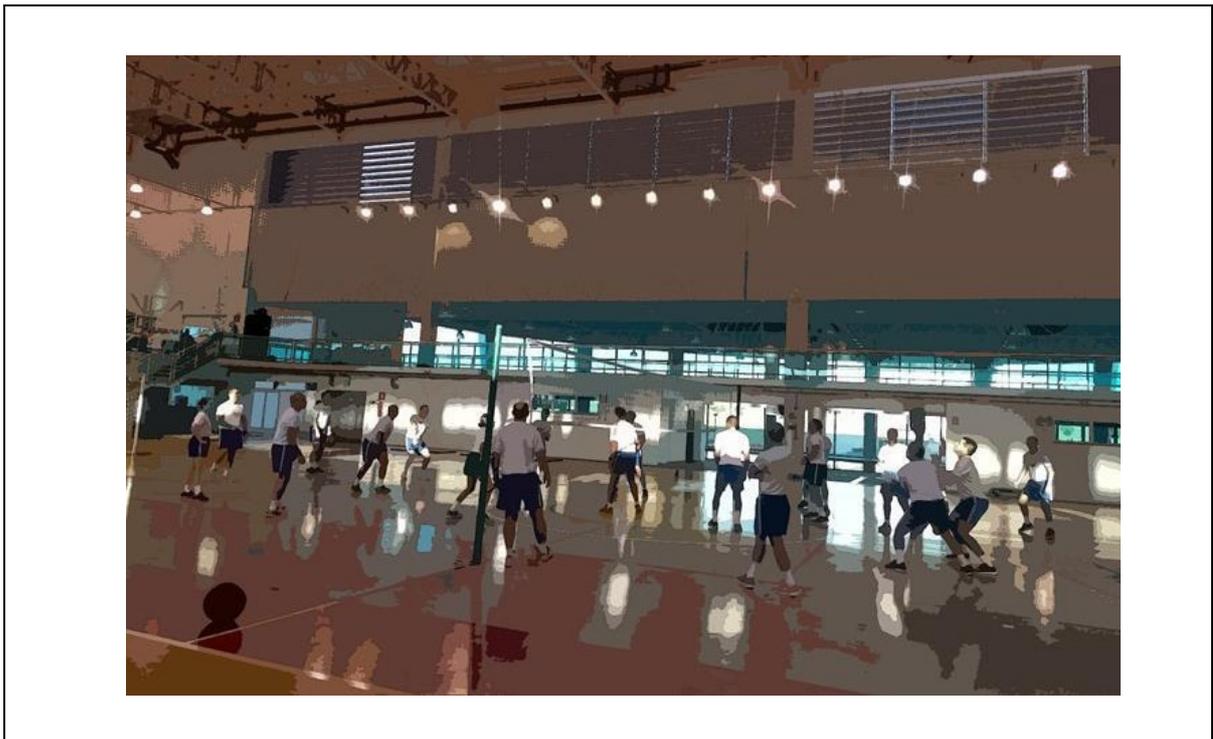
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Como chefe da SEF e Coordenadora do PROFESP, o meu intuito era “semear um lindo jardim florido”. Para cumprir este propósito contei com o apoio dos meus chefes, que endossaram as minhas ideias e designaram pessoas extraordinárias para cumprir esta missão junto comigo. Na gestão anterior, os planos de aula eram desenvolvidos apenas pela chefia da SEF e os/as professores/as externos os executavam, fato que limitava as possibilidades de vivências nas aulas, bem como não permitia o protagonismo e a emancipação do grupo. Reuni-me com os/as professores/as e pedi que cada um realizasse o seu próprio plano de aula, garantindo autonomia às suas ações. Os planos de aula eram compartilhados, virtualmente, na rede interna do CIAAR e todos/as acessavam, partilhando ideias e traçando as decisões coletivamente.

Em relação aos alunos/as, adequamos o planejamento das aulas ao que era significativo para eles/elas, de acordo com as etapas da periodização do treinamento. Desse modo, o foco era que obtivessem o melhor resultado no teste físico, porém sem deixar de realizar práticas corporais que permitissem reflexões críticas acerca dos contextos ético, histórico e político inseridos. Em todas as aulas eles/elas desempenhavam o papel principal no palco do TFM.

Com isso, além dos tradicionais treinos em circuito, de corrida e da ginástica calistênica, outros conteúdos da cultura corporal de movimento foram incorporados, tais como jogos e brincadeiras, hidroginástica, handebol, basquetebol, *voleibol, natação, polo aquático, futebol, peteca, corrida de orientação, yoga, pilates, crossfit*, badminton, judô, jiu-jitsu, tênis, tênis de mesa, xadrez, jogos eletrônicos, dentre outros (FIGURA 9). Os/as alunos/as assumiram o protagonismo na escolha destas atividades, junto ao coletivo de professores/as, bem como a autonomia para definir quais fariam parte da Taça Eficiência.¹ A mudança de paradigma na SEF só foi possível porque encontrei pessoas dispostas a “semear junto comigo”. São profissionais com rica vivência na licenciatura e no bacharelado que reconhecem o papel transformador da Educação.

Figura 9 – Alunos/as do curso de formação de oficiais jogando voleibol



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

¹ A Taça Eficiência é um torneio composto por jogos e esportes, realizado anualmente no CIAAR.

2 UM QUARTEL CHEIO DE CRIANÇAS

*Aprendera no Circo, há idos,
que a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo
para ser séria de rir.
(Manoel de Barros)*

Em conjunto com as atividades da SEF, fui responsável pela implantação e coordenação da seção do Programa Forças no Esporte (PROFESP) no CIAAR. Este programa é desenvolvido pelo Ministério da Defesa, em parceria com o Ministério da Educação, o Ministério da Cidadania e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, tendo como público-alvo crianças e adolescentes a partir dos seis até os dezoito anos de idade, em situação de vulnerabilidade social, regularmente matriculados na rede pública de ensino.

O PROFESP e o Programa João do Pulo (PJP) têm, por objetivo promover a valorização do indivíduo, a redução de riscos sociais, o fortalecimento da cidadania, da inclusão e integração sociais de seus beneficiados, pelo acesso à prática de atividades educacionais, esportivas, físicas, atividades socialmente inclusivas, modalidades de esporte adaptado e equoterapia (BRASIL, 2021, p. 8).

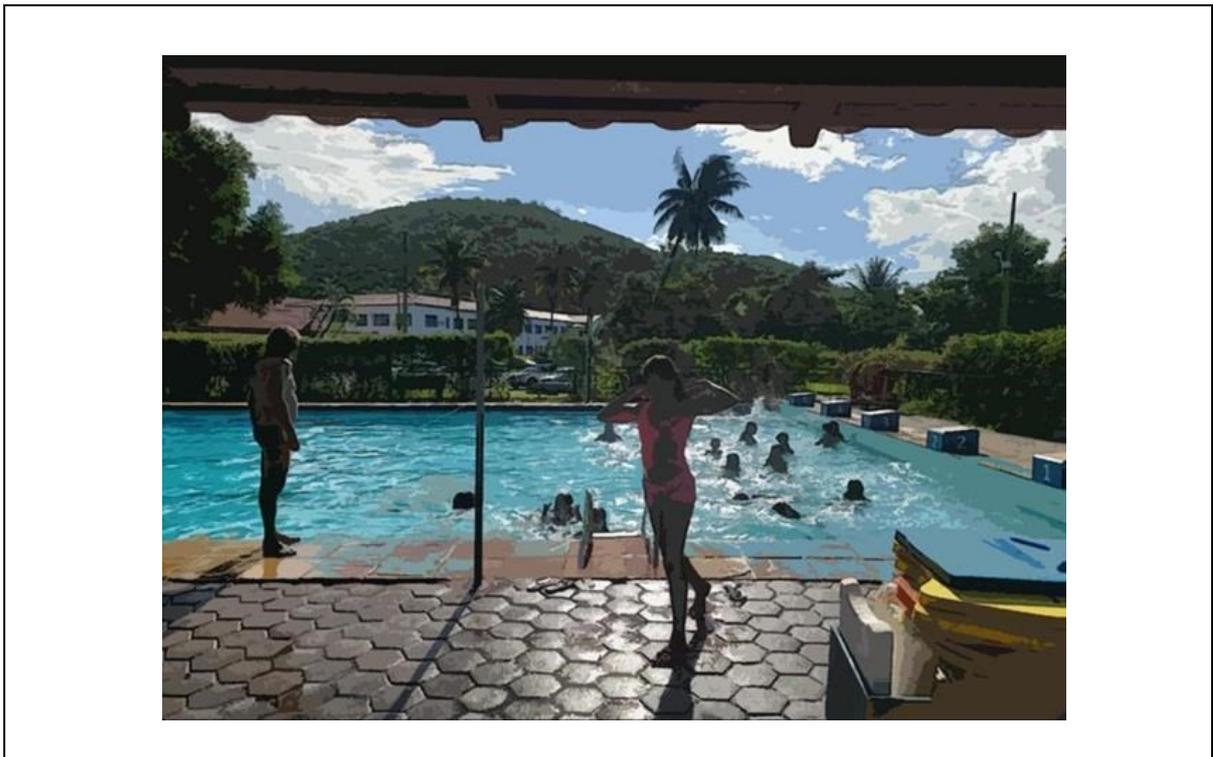
No presente trabalho, trataremos apenas do PROFESP, pois os/as colaboradores/as deste estudo que produziram os memoriais de formação não realizaram atividades no PJP, até o momento.

A primeira vez que ouvi falar do PROFESP foi em 2013, no mesmo ano em que ingressei na Aeronáutica. Uma capitã me disse que seria ótimo ver as instalações esportivas do quartel cheias de crianças, pois ela já acompanhava o desenvolvimento das atividades do programa na Marinha, desde o início da parceria entre o Ministério da Defesa e o Ministério do Esporte. Mas, como assim? Um quartel cheio de crianças? De fato, esta afirmação causa estranhamento, especialmente para o público civil que não tem acesso às instalações militares.

São espaços privilegiados para a prática do esporte e do lazer: quadras, piscinas, pistas de corrida, campos de futebol, muita área verde e ruas com pouco trânsito de veículos, além da infraestrutura com salas de aula, vestiários, restaurantes, auditórios e posto médico. Em muitas organizações militares, estes espaços são

subutilizados, não cumprindo a função social. Nesse sentido, o PROFESP contribui para preencher esta lacuna, pois se constitui como um programa que, literalmente, abre as portas das organizações militares, oferecendo atividades, no contraturno escolar, para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social (FIGURA 10).

Figura 10 – Aula de natação dos/as alunos/as do PROFESP



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No Brasil, com a persistência das desigualdades sociais, a criança é o grupo etário mais afetado pela pobreza e pela violência, geradas por essas desigualdades. No quadro dos problemas sociais urbanos, é fundamental destacar que a cidade é fragmentada e desigual, e essa fratura social cria condições de vulnerabilidade ainda maiores para as crianças pobres (CARVALHO, 2015, p. 65).

As crianças expostas ao risco social vivenciam em seus cotidianos grande parte dos assuntos que, raramente, são tratados no ambiente escolar: tráfico de drogas, trabalho infantil, prostituição, violência física e mental, contato com armas, falta de acesso ao saneamento e condições dignas de vida, dentre outras mazelas.

Propiciar um ambiente transformador na vida das crianças que ingressaram no PROFESP do CIAAR e, ao mesmo tempo, gerir o processo de mudança institucional, em um ambiente constituído por adultos formados pelos preceitos do militarismo, foi desafiador. Receber estes/as alunos/as com gentileza, acolhimento, carinho, ternura, empatia e amor eram os principais objetivos que defini com a minha equipe (FIGURA 11).

Figura 11 – Alunos/as do PROFESP no parquinho



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Para dar início às atividades do PROFESP no CIAAR, em 2018, realizei uma visita à Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR), no município de Guaratinguetá, em São Paulo. Mantenho viva, em minha memória, a imagem dos/as alunos/as chegando ao PROFESP, da EEAR, e desembarcando dos ônibus. Eram cerca de quinhentas crianças e adolescentes, com os/as professores/as e monitores/a da prefeitura. Rapidamente as quadras, ruas, auditórios e salas da EEAR tornaram-se movimentadas com uma alegria contagiante.

Professores/as civis da prefeitura conduziam as aulas de Educação Física, os músicos do quartel orquestravam as aulas de inicialização musical, ao mesmo tempo em que os alunos/as transitavam entre uma oficina e outra cantando, acompanhados por monitores/as militares. Eles/as participaram da cerimônia de formatura semanal da unidade. Prestaram continência ao comandante e desfilaram.

O fato das crianças participarem do desfile militar me chamou atenção. Para um/a espectador/a que não teve a oportunidade de vivenciar cotidianamente as atividades do PROFESP, poderia postular que estão “institucionalizando” as crianças. De certo modo, as instruções de ordem unida que participam, trazem movimentos próprios do militarismo, como a marcha e a continência. Por outro lado, o fato de participarem do desfile agrega o significado de pertencimento ao grupo. Elas desenvolvem a liderança para “comandar” os movimentos da tropa e dialogam com a cultura daquele ambiente. Ao adentrar os muros do quartel, emergem novos valores, significados, tensões, contradições e formas de ver o mundo que serão problematizados nas várias instâncias que vivenciam (FIGURA 12).

Figura 12 – Formatura militar com a participação dos/as alunos/as do PROFESP



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A criança constrói ativamente a sua identidade, por meio dos diálogos e interações, com os elementos que caracterizam o seu cotidiano. Elas se apropriam da linguagem, das manifestações culturais, dos espaços e ressignificam a vivência experimentada de acordo com a sua própria visão de mundo.

Os estudos sociológicos no campo da infância vêm sustentando a noção da autonomia das culturas infantis, postulando que as crianças, pelas relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo (BORBA, 2009, p. 142)

Em muitos momentos, percebi as crianças brincando de ser militar. Durante as atividades no quartel, os monitores que as acompanhavam diziam que elas marchavam e prestavam continência muito melhor do que os próprios militares.

O caráter lúdico media a ação da criança no mundo. Em suas atividades, a criança empresta-lhes um sentido que não está na objetividade dos resultados, mas no prazer da sua execução. Prazer que vem de brincar com os objetos, os seres e a linguagem, emprestando-lhes o sentido que vai além da realidade imediata. A criança atribui ao que a cerca o sentido próprio, transgredindo o real e, ao mesmo tempo, dialogando com esse real, reinventando-o (GOUVEA, 2011, p. 555).

A visita na EEAR foi uma experiência inspiradora. Minha equipe e eu percebemos que havia pessoas comprometidas em oferecer condições de aprendizado que agregariam mudanças significativas, tanto por parte das crianças beneficiadas pelo programa, quanto por parte dos/as gestores/as e professores/as do PROFESP (FIGURA 13).

Figura 13 – Aula de música



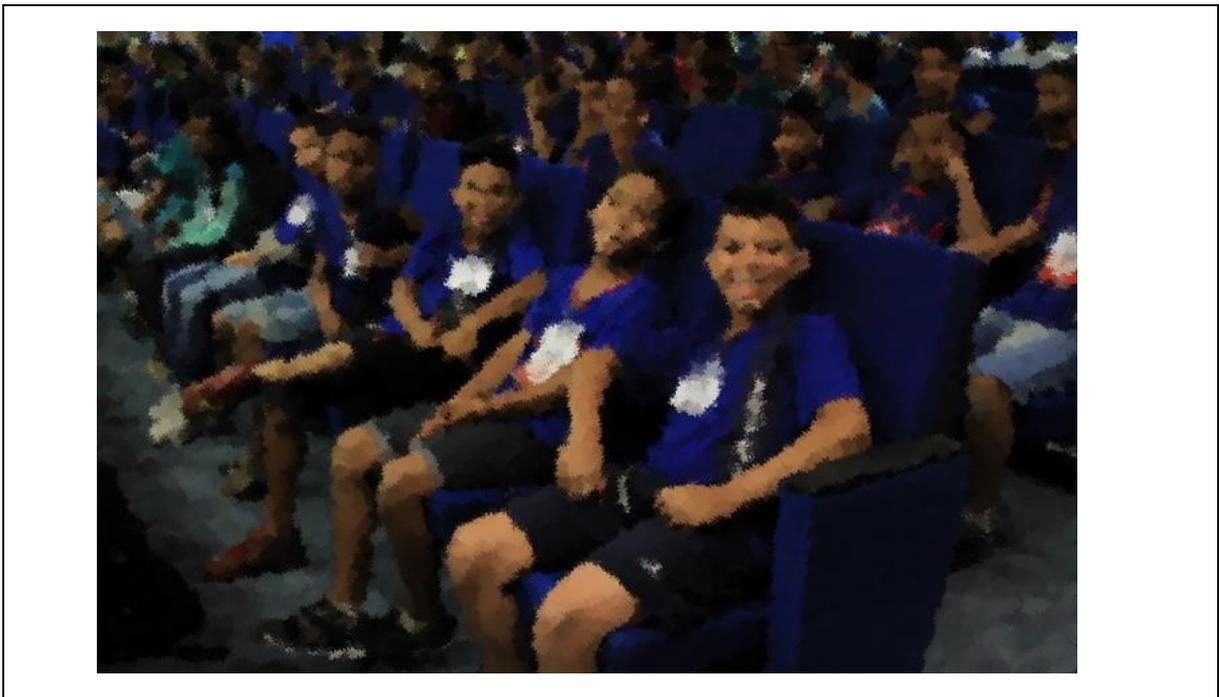
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

2.1 O núcleo do PROFESP no CIAAR

No ano de 2018, trabalhei na implantação do núcleo do PROFESP no CIAAR. Naquela época, a legislação que regulamenta o programa estava em fase de reestruturação e foi pelo diálogo, com colegas que compartilharam as suas experiências, que defini os direcionamentos necessários para o início das atividades.

Em 2019 realizamos a aula inaugural com a participação de cem alunos/as e seus respectivos familiares/responsáveis (FIGURA 14). A maior parte do público presente residia na periferia do município e algumas crianças moravam em abrigos. Para muitos, antes dessa visita, o quartel era apenas mais uma edificação que compunha o cenário do município de Lagoa Santa, agora estava de portas abertas, assegurando um papel social representativo na vida dessas pessoas.

Figura 14 – Aula inaugural do Profesp no CIAAR



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A inserção dos alunos/as do PROFESP, no cenário do quartel, provocou uma mudança institucional que agradava a alguns e desagradava a outros. Alguns diziam que a finalidade das Forças Armadas não era essa, certamente por desconhecer o Artigo 16, da Lei Complementar número 97, de 9 de junho de 1999, que dispõe

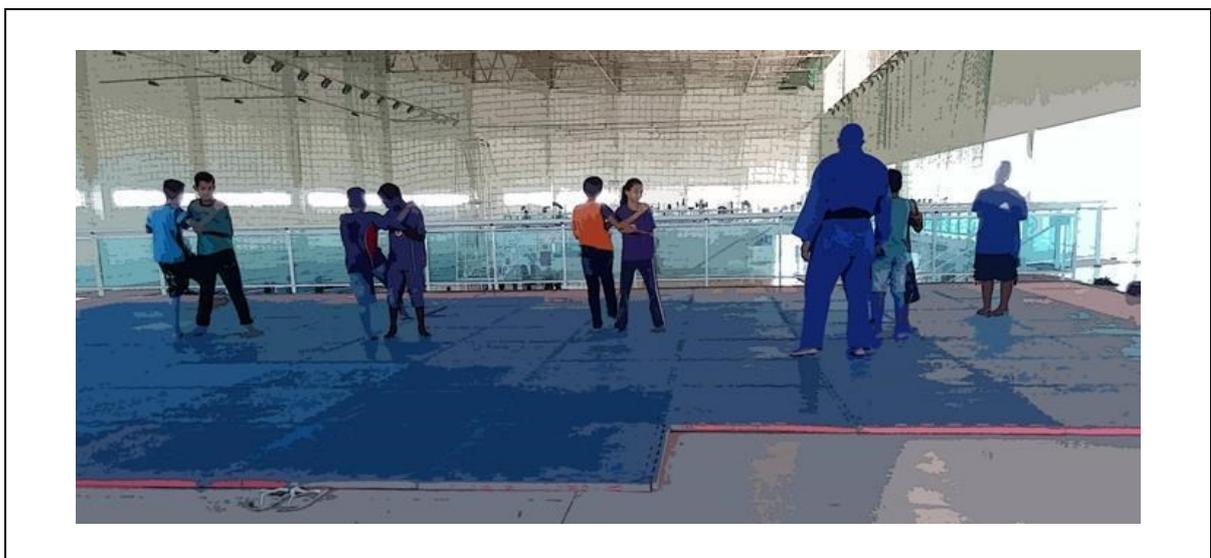
sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. O artigo prevê que “cabe à missão das Forças Armadas, como atribuição subsidiária geral, cooperar com o desenvolvimento nacional e a defesa civil, na forma determinada pelo Presidente da República” (BRASIL, 1999, p. 3). Para auxiliar no processo de mudança do cenário do quartel, convidei alguns/mas educadores/as para realizarem palestras, oficinas e promover vivências que elucidaram a importância do desenvolvimento das atividades.

2.2 Cronograma de atividades desenvolvidas no quartel

Para dar início às atividades, foi necessário contar com a expertise de militares voluntários/as, pois não havia efetivo dedicado exclusivamente para este fim. Neste sentido, contávamos com verdadeiro “exército da boa vontade”: pedagogos/as, professores/as de Educação Física, Inglês, Português, Música, Educação Ambiental, Jiu-jitsu, Judô, Matemática, nutricionistas, fonoaudiólogos, médicos/as e dentistas.

A seleção das atividades oferecidas aos/às estudantes passou por dois momentos. O primeiro foi programado para o ano de 2019, a partir das competências dos profissionais que se elegeram como voluntários. Foram realizadas oficinas de iniciação esportiva, lutas, ordem unida, educação ambiental, iniciação musical e palestras com profissionais de várias especialidades (FIGURAS 15, 16 e 17).

Figura 15 – Aula de lutas



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 16 – Aula de música



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 17 – Palestra com dentista



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Para o ano seguinte, o planejamento previa a participação da comunidade escolar na escolha das atividades, considerando-se que a prefeitura renunciava a contratação de professores/as para atuarem no PROFESP.

As aulas eram ministradas nas segundas, quartas e sextas-feiras e seguiam o calendário da Organização Militar (OM), em conjunto com o calendário escolar do município. A rotina dos/as alunos/as estava estruturada, conforme o Quadro 1. Na Figura 18, os alunos no café da manhã.

Quadro 1 – Cronograma de atividades do PROFESP CIAAR

Horário	Atividade
6h30	– Deslocamento Escola/CIAAR
7h30	– Café da Manhã
8h30	– Oficina 1
9h30	– Oficina 2
10h30	– Almoço
11h30	– Deslocamento CIAAR/Escola

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Figura 18 – Café da manhã no CIAAR

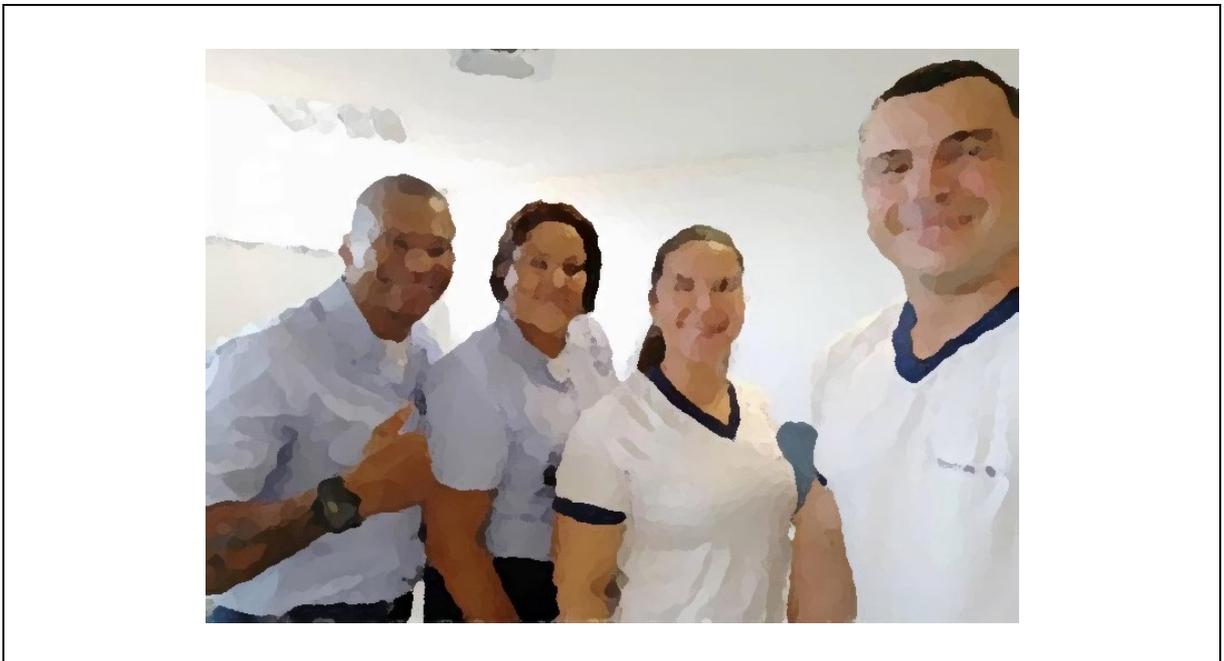


Fonte: Acervo pessoal, 2023.

2.3 Algumas reflexões sobre a minha prática pedagógica no PROFESP

Realizar a gestão de um projeto social foi um dos momentos mais significativos da minha prática pedagógica. Embora fosse grande o número de tarefas administrativas, requeridas pela função, era gratificante perceber a alegria das crianças ao chegarem no ginásio. Quanto à coordenação esportiva e pedagógica, pude contar com uma equipe de professores/as engajada e comprometida com a transformação social dos/as alunos/as (FIGURA 19).

Figura 19 – Equipe de Coordenação do PROFESP CIAAR



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

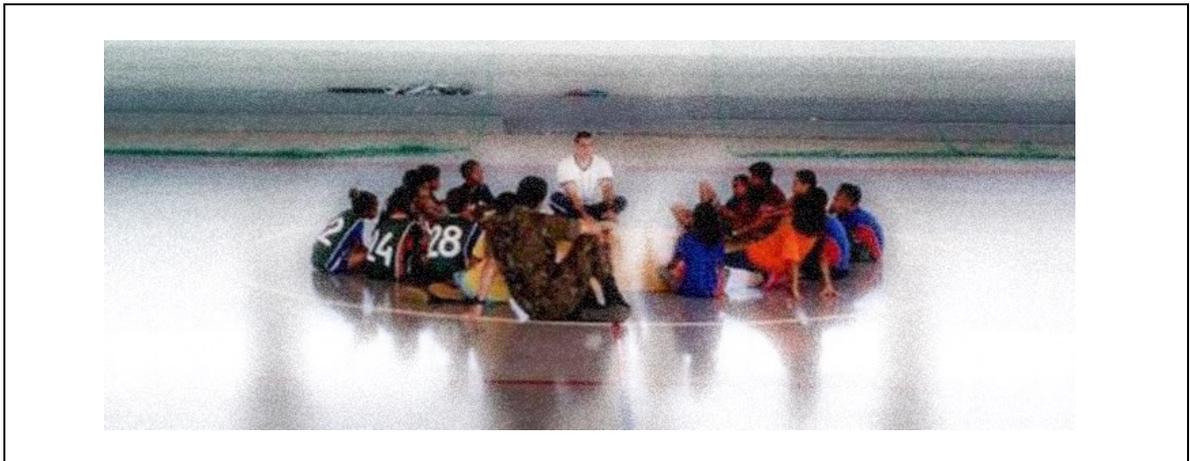
Pensar a presença da Educação Física na escola pressupõe a compreensão de que ela é construída na e, ao mesmo tempo, construtora da cultura escolar. Isso exige que seus professores estejam plenamente envolvidos com o projeto pedagógico da escola em que atuam, sensíveis ao diálogo crítico com a realidade social e com as crianças, com suas necessidades e seus interesses, e sempre atentos à dimensão cultural das práticas corporais de movimento (DEBORTOLI *et al*, 2002, p. 94).

As aulas de Educação Física começavam com a roda de conversa. Nela os/as alunos/as construía(m), junto com os/as professores/as, os caminhos a serem trilhados naquele dia. Optamos por desenvolver um trabalho que permitisse a autonomia dos/as estudantes por meio do desporto educacional (FIGURA 20). Para

orientar as ações, seguimos o que preceitua a Lei 9.615, de 24 de março de 1998, item I, artigo 3º, sobre a natureza e finalidade do desporto:

O desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer (BRASIL, 1998, p. 2).

Figura 20 – Roda de conversa na aula de Educação Física



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No ano de 2019, optamos pela iniciação esportiva como a possibilidade de dialogar com a cultura dos/as alunos/as.

Os corpos humanos guardam e expressam histórias de cada um, histórias partilhadas, histórias de humanidade, histórias da humanidade. O corpo não é, assim, algo que possuímos “naturalmente”. Nem é somente uma construção pessoal, mas também sociocultural: ele é suporte e expressão máxima de uma dada cultura (e são infinitas as expressões culturais de povos distintos marcadas nos corpos) (VAGO, 2009, p. 33).

Estiveram presentes os jogos e as brincadeiras, o voleibol, o futebol, o handebol, o basquete, o atletismo e as lutas. Durante as aulas, os/as alunos/as sempre traziam novidades: ora o passinho tomava conta das comemorações de um ponto marcado, ora os/as alunos/as começavam a cantar um funk. Eu estava sempre aprendendo – dançando e cantando com eles/as (FIGURA 21).

Figura 21– Aula de Educação Física



Fonte: Acervo pessoal, 2023

Enquanto coordenadora do programa, podia transitar entre as oficinas e acompanhar de perto o trabalho desenvolvido pelos/as meus/minhas colegas professores/as. Possibilitar a autonomia dos/as alunos/as pela reinvenção dos jogos e brincadeiras e realizar a escuta acolhedora de seus anseios eram os pontos de maior destaque no trabalho que desenvolvemos (FIGURA 22).

Figura 22 – Roda de conversa com a pedagoga do PROFESP CIAAR



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Também tivemos desafios. Foram muitos os momentos de tristeza, entre o grupo de professores/as, quando alguma criança estava doente ou vítima das mazelas, oriundas da vulnerabilidade social. Nestes casos, atuamos em conjunto com a Diretoria de Desenvolvimento Social do município, para resguardar os direitos destas crianças. Entretanto, a sensação de impotência surgia quando enfrentávamos o nosso maior oponente: a evasão escolar.

Mesmo com os esforços coletivos realizados pela nossa equipe e a equipe da prefeitura, era alto o índice de evasão. No sentido de reverter esse panorama, foram realizadas visitas nas casas dos/as alunos/as faltosos/as. Em algumas delas, a equipe da prefeitura obteve êxito. Porém, em outras, alguns pais/responsáveis não atendiam, como também foram identificados casos que necessitaram de intervenção do Conselho Tutelar.

Reconheço que o Programa Forças no Esporte se constitui enquanto uma importante ferramenta na transformação social de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. No que diz respeito ao quantitativo de crianças atendidas, percebo a necessidade de ampliação deste número, seja utilizando os espaços dos quartéis bem como outros espaços de esporte e lazer da cidade, tanto públicos quanto privados. Considero que o mais importante é que cada vez mais crianças sejam assistidas de forma respeitosa, acolhedora e que sejam oportunizadas experiências capazes de transformar a forma como elas veem o mundo (FIGURA 23).

Figura 23 – Alunos/as do PROFESP CIAAR em apresentação cultural



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

2.4 A importância da formação continuada na minha prática pedagógica no PROFESP

Compreendo o conceito de formação continuada de professores e professoras, enquanto possibilidade de desenvolvimento profissional.

“Desenvolvimento” tem uma conotação de evolução e continuidade que parece superar a tradicional justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento dos professores. Por outro lado, o conceito de desenvolvimento profissional dos/das docentes pressupõe uma abordagem de formação de professores/as que valorizam o seu caráter contextual, organizacional e orientado para mudança (DAMASCENO; MONTEIRO 2005, p. 197).

Pensar e fazer a formação de professores envolve considerar condições situacionais e conscientizar-se das finalidades dessa formação, considerar os porquês, o para quê e o para quem é realizada essa formação, assumindo compromissos éticos e sociais (GATTI, 2017, p. 721). Dentre os cursos de formação que realizei destaco aqueles que tiveram maior relevância para a minha prática pedagógica no PROFESP: o Curso de Especialização em Educação e Docência – Área Educação Infantil, da FAE/UFMG e as disciplinas que eu cursei do Curso Especialização em Gestão Pública da UFJF. Os conhecimentos adquiridos nas áreas de educação e gestão auxiliaram na condução das minhas ações e foram o diferencial para atuar na coordenação esportiva e nas funções administrativas do programa.

Enquanto militar, tive a oportunidade de realizar alguns cursos ofertados pela Força Aérea Brasileira (FAB), destacando-se o Curso de Formação de Tutores (CFT), o Curso de Prática de Ensino (CPE), o Curso de Preparação de Instrutores Militar (CPI-M) e o curso de Pesquisa e Aquisição de Material (PAM) e Termo de Referência. No CIAAR, participei dos encontros e simpósios nacionais em que foram discutidas metodologias ativas de aprendizagem, tecnologia aplicada ao ensino e outros temas relevantes para o direcionamento das nossas atividades. Como desdobramento desses aprendizados, planejamos algumas ações, como a implantação de um laboratório de informática e robótica, salas de aula com mobiliário e recursos pedagógicos que permitissem a autonomia dos/as estudantes e também a aquisição de um parquinho para as crianças.

Durante os anos de 2018 a 2022, realizei as “capacitações” ofertadas pela coordenação nacional do PROFESP. Em 2018, o encontro foi em Brasília. Particpei das oficinas práticas de esportes de raquete, judô e circo. Além disso, também aprendi sobre a operacionalidade da plataforma online que funcionava como banco de dados para a gestão do programa (FIGURA 24).

Figura 24 – Oficina de circo na capacitação de Brasília



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Nos anos de 2020 a 2022, participei das “capacitações” do PROFESP que ocorreram no formato virtual, em virtude da pandemia. Foram momentos de muito aprendizado, com profissionais que possuem uma grande bagagem profissional e acadêmica. Um dos diferenciais que percebi neste momento de formação foram as palestras gravadas no YouTube, no canal do PROFESP, constituindo-se como importante ferramenta de consulta para orientar os trabalhos realizados nos núcleos.

O contato com outros/as professores/as e a partilha de experiências, durante os intervalos das capacitações, foram os momentos de maior aprendizado.

A necessidade de construir um sentido de formação continuada que não esteja interligado à ideia de que o professor vivencia esses lugares para se “capacitar”, mas entendê-lo como mais um dos múltiplos contextos de formação que o permitam problematizar o sentido que atribui à sua prática, entendendo-a como produtora de teoria. Isso resulta em mudança nas relações

estabelecidas, em que os professores passem de espectadores a autores, corresponsáveis pelo processo de formação (LUIZ *et al*, 2015, p. 101).

As experiências de formação continuada sempre agregaram conhecimento e novas possibilidades de ação na minha prática pedagógica. Entretanto, em sua maioria, houve momentos em que percebi a não valorização dos/das professores/as, enquanto protagonistas do seu processo de formação, e a falta de reconhecimento da escola enquanto espaço que propicie a reflexão sobre os dilemas que o exercício profissional enfrenta no cotidiano escolar.

3 DE PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO PROFESP A PESQUISADORA NO MESTRADO PROFISSIONAL: como me reconheci narradora

*A importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.
(Manoel de Barros)*

Meus colegas de trabalho e eu ingressamos na FAB como militares temporários, ou seja, que atuam por um período limitado a oito anos de serviço. Até o presente momento, a especialidade Educação Física não está presente no quadro de carreira da FAB. Ingressar como oficial da Força Aérea, da Especialidade em Educação Física, me trouxe nova visão sobre a organização da prática docente e a profissão militar. Antes de ingressar na FAB, a minha rotina de trabalho iniciava às 7h e terminava por volta das 22h. Aos finais de semana sempre estava organizando/participando de algum evento nas academias ou nas escolas. Quando fui informada que o horário de expediente no quartel era das 8h às 16h, não acreditei. Significou um salto na minha qualidade de vida, mesmo tendo que participar de algumas escalas de serviço 24h. Para mim, um dos maiores atrativos da carreira militar refere-se à equidade salarial, pois o militar recebe o soldo a partir do posto ou graduação que ocupa. Por exemplo, o profissional oficial 1º Tenente, receberá a mesma remuneração, seja ele médico, dentista, engenheiro, arquiteto, pedagogo, aviador, intendente ou professor/a de Educação Física. Atualmente, fora do contexto militar, a remuneração do/a professor/a está aquém do valor considerado justo, em virtude da importância da função desempenhada por este/a profissional.

Durante o período em que atuei no PROFESP, as aulas de Educação Física eram ministradas por professores/as militares voluntários/as, ou seja, além de atuar no projeto eles/as também desempenhavam funções administrativas e na docência. O corpo docente era constituído por profissionais com formação acadêmica em nível de especialização, mestrado e doutorado (TABELA 1).

Tabela 1 – Titulação acadêmica dos/as professores/as de Educação Física do PROFESP

Formação	Quantidade de professores/as
Doutorado	3
Mestrado	2
Especialização	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A rotina de atividades no quartel demandava muita dedicação, pois estava atrelada a prazos de execução que exigiam energia para o cumprimento em tempo hábil. Neste viés, quando organizávamos reuniões pedagógicas para tratar assuntos do PROFESP, nem todos/as professores/as podiam participar, pois estavam incumbidos de resolver outros assuntos ou participando de alguma escala de serviço militar. “A experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho” (LARROSA, 2002, p. 4).

Sobre os/as professores/as de Educação Física, que atuam no PROFESP, acredito que a maior parte dos/as profissionais possui a sua prática pedagógica invisibilizada. Seja pelo acúmulo de funções, que impossibilita a realização de tempos/espacos para a reflexão sobre a própria prática; bem como pela carência de estudos que investigam a atuação do/a professor/a de Educação Física, no contexto de projetos sociais realizados em organizações militares.

Para conhecer os trabalhos realizados, que abordam a temática do PROFESP, foi realizada uma busca no portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Google Acadêmico. A busca utilizou os descritores “PROFESP” e “Forças no Esporte”. Considerou-se o período de 2003 a 2023, pois o programa foi implementado em 2003. Foram encontrados dezenove trabalhos, realizados entre 2013 e 2022, sendo dez artigos, três trabalhos de conclusão de curso, três monografias de graduação e duas dissertações. Este material se caracteriza como importante ferramenta para compreensão das atividades desenvolvidas no programa. Os/as autores/as dialogam com diversos temas, tais como: ação socioeducativa, política pública, importância do professor/a de Educação Física, atividades desportivas e pedagógicas, inclusão social, moral, ética e cidadania, detecção de talentos, valores humanos, motivação, psicologia e processo de militarização da sociedade brasileira. O material analisado está no

Apêndice A. Não identifiquei estudos que abordam a questão das experiências de formação dos professores/as de Educação Física que atuam no PROFESP.

Ao mesmo tempo em que pude constatar essa lacuna nos estudos, eu já intuía, por minha própria experiência como professora no PROFESP, que seria interessante desenvolver um trabalho que olhasse para as experiências de formação de outros/as professores/as em um processo que fosse investigativo e formativo ao mesmo tempo, viabilizando um diálogo entre as nossas experiências.

Sendo assim, este estudo buscou compreender, por meio de memoriais de formação produzidos em encontros de uma *pesquisaformação* inspirada na documentação narrativa de experiências pedagógicas, as experiências de formação dos/as professores/as de Educação Física do PROFESP, dialogando com as singularidades destes/as profissionais que se constituem enquanto potências, carregam diversos saberes e permeiam uma pluralidade de culturas, cujas vozes ainda são pouco conhecidas.

À medida que as histórias partilhadas por professoras e crianças podem ser contadas e apropriadas, abrem-se perspectivas para que determinados discursos possam ser reconhecidos e superados. Nesse sentido, ao pensar a formação de professores, cabe refletir que, além da importância de compreensão de pressupostos e concepções teóricas, torna-se fundamental recuperar a condição de sujeitos na produção dos significados das práticas e das relações pedagógicas e, por isso, inseparáveis da compreensão dos discursos e dos lugares sociais, onde se revelam e podem ser decifradas (DEBORTOLI, 2008, p. 104).

São precários os resultados e efeitos que, em geral, têm os documentos que pesquisadores e professores universitários produzem, por encomenda das administrações dos sistemas de ensino, para atualização e aperfeiçoamento do sistema ou dos profissionais de educação: diretrizes curriculares, programas de ensino, propostas de nova organização do ensino etc. (SOARES, 2003, p. 81).

Por esta perspectiva, o estudo foi realizado por meio da escuta sensível junto ao/à outro/a, de forma coletiva e atenta aos detalhes despercebidos nos outros modos de pesquisar. A construção de um modo *outro* de pesquisar se deu na caminhada que percorri no Mestrado, em que aos poucos fui me reconhecendo como pesquisadora narradora. É importante ressaltar que isso foi um processo, que não é simples produzir uma pesquisa com essa perspectiva. No ano de 2020, ao ingressar no Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE), deparei com grande lista de disciplinas que me causaram encantamento e dúvidas (FIGURA 25).

Encantamento pelas possibilidades de estudar temas relevantes na área de Educação. E dúvidas porque a ementa continha um breve resumo sobre os temas abordados e eu não conhecia a maioria dos/as professores/as tampouco como os conteúdos contribuíram para a escrita deste trabalho

Figura 25 – Oferta de disciplinas do Promestre

Matrícula				
Turma	Tipo Turma	Horário	Créditos	Ofertante
DIP FAE705 OP3 ESCRITA CIENTIFICA	TEÓRICA		2	142821 FAE - EDUCACAO E DOCENCIA/MP
DIP FAE942 SP3 SEMINÁRIO DE PESQUISA III: ORIENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	PRÁTICA	Semana 1 a 17 : 14:00 às 17:40	2	142821 FAE - EDUCACAO E DOCENCIA/MP

Histórico Escolar do Aluno				
Atividade	Natureza	Créditos	Situação	
DIP FAE714 - TÓPICOS EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA		02	A	
DIP FAE937 - SUJ. DA EDUCAÇÃO: ESC. E IDENT. SOCIAL		02	A	
DIP FAE938 - CONHEC., LING. E INTER. EM SALA DE AULA		02	A	
DIP FAE939 - METODOLOGIA DE PESQUISA		02	A	
DIP FAE940 - SEM. DE PESQ. I: ANAL. DA PRÁT. PEDAGÓGICA		02	A	
DIP FAE988 - DIDÁTICA E DOCÊN:O ENS. COMO OBJ. DE EST.		02	A	
DIP FAE709 - TÓPICOS EM EDUCAÇÃO, ENSINO E HUMANIDADES		2	A	
DIP FAE714 - TÓPICOS EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA		02	A	
DIP FAE715 - TÓPICOS EM DIDÁTICA E DOCÊNCIA		02	A	

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Dentre as disciplinas optativas ofertadas no primeiro semestre de 2020, uma delas me chamou atenção: DIP FAE 714: Tópicos de Ensino de Educação Física - Pesquisa Narrativa em Educação que, por sinal, era ofertada pelo meu orientador, Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior e pela Prof.^a Dr.^a Juliana Batista Faria. Realizei uma breve busca de textos e vídeos que abordavam o tema e pesquisei alguns dos principais estudiosos que utilizam essa metodologia em seus trabalhos. Após o primeiro contato, me matriculei na disciplina para conhecer um pouco mais sobre a pesquisa narrativa. Ao longo dos estudos, teci minhas primeiras aproximações com os trabalhos de Delory-Momberger, Marie Christine Josso, Maria da Conceição Passeggi, Inês Ferreira de Souza Bragança, Walter Benjamin, Pierre Bourdieu, Guilherme do Val Toledo Prado, Daniel Suárez, Elizeu Clementino de Souza, dentre tantos outros/outras autores/autoras que se constituem como referências para a realização deste estudo.

Durante a disciplina, tive a oportunidade de escrever o meu memorial de formação. A primeira vez que realizei este exercício foi durante a escrita do projeto para ingresso no PROMESTRE. Porém, na disciplina, a realização desta atividade foi muito diferente. Primeiramente, porque os memoriais produzidos deveriam ser inseridos no *Google Drive* em um arquivo no qual todos/as tinham acesso, pois a disciplina estava ocorrendo no formato virtual. O título da primeira tarefa: “Como cheguei até aqui”. Para a minha surpresa, os textos escritos não se limitaram ao formato convencional da dissertação, alguns/as colegas escreveram nos formatos de poesia e cordel e contaram as suas histórias de modo surpreendente. A segunda tarefa consistia em fazer a leitura oral e coletiva dos memoriais de formação. O fato de ler o texto em voz alta para meus/minhas colegas me trouxe reflexões que não havia percebido antes. Na terceira tarefa, realizamos comentários nos trabalhos que os/as colegas disponibilizaram no *Google Drive*. Os comentários foram essenciais para o adensamento das narrativas, especialmente porque contribuíram para a elaboração das ideias que seriam integradas às próximas versões dos memoriais de formação. Realizamos mais duas versões da escrita e foi gratificante verificar o amadurecimento do material produzido ao compararmos a primeira e a terceira versão. O processo de escrita coletiva propiciou um momento de formação. O grupo refletiu sobre a própria experiência, analisando questões importantes para a profissão docente, que poderiam ser compartilhadas tanto nos processos de formação inicial de professores/as, quanto em processos de formação continuada.

Nos estudos realizados por Assis (2020), foi mencionada a expectativa dos professores e das professoras em investir em formação para auxiliá-los na resolução dos problemas que se apresentam no cotidiano da escola, em especial, da Educação Física, considerando-se as demandas advindas da prática pedagógica. Segundo o autor, a busca pela formação continuada não se configurou no que podem oferecer, mas no que, na leitura dos professores e professoras, poderia dialogar com seus contextos de ensino, suas necessidades e expectativas, que podem ser apropriadas, objetivando responder às suas demandas. Por conseguinte, as narrativas produzidas por professores de Educação Física, no contexto de sua prática pedagógica, podem “evidenciar diferentes tipos de saberes construídos e mobilizados no cotidiano escolar” (ALMEIDA JUNIOR, 2011, p. 11).

Ao refletir sobre a formação continuada ao longo da minha trajetória, percebi a preocupação na atuação de diretores/as e coordenadores/as em trazer “formadores de fora” para ministrar cursos de capacitação profissional. A disciplina “Pesquisa Narrativa em Educação” me trouxe um novo olhar: a formação de professores e professoras direcionada para a valorização destes profissionais, enquanto protagonistas do seu processo de formação, e no reconhecimento da escola enquanto espaço que propicie a partilha dos saberes e a reflexão coletiva acerca dos dilemas que o exercício profissional enfrenta no cotidiano escolar.

4 O CAMPO DE ESTUDOS DA PESQUISA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA E A PESQUISA FORMAÇÃO

A memória guardará o que valer a pena.

A memória sabe de mim mais que eu.

E ela não perde o que merece ser salvo.

(Eduardo Galeano)

O presente estudo se constitui na perspectiva da *pesquisa formação* e se ancora no campo de estudos da pesquisa narrativa (auto)biográfica. Segundo Benjamin (1987, p. 198) “narrar é a capacidade de intercambiar experiências”. Para o autor, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

“Experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21). “As experiências que nos derrubam e transformam, inscritas na memória, são recriadas pela narrativa em um movimento reflexivo, potencialmente formador para aquele que narra e para os que ouvem” (BRAGANÇA, 2016, p. 11). “Essa metodologia, ao priorizar o humano e seus estatutos singulares, os movimentos de ver, escutar, sentir, elaborar e socializar conhecimentos ampliam as perspectivas de conceber/fazer pesquisa” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 286). A narrativa vivenciada enquanto experiência formativa se adensa, possui longa duração e proporciona abertura para ser complementada por outros/as narradores/as, ela compartilha experiências e mobiliza memórias.

A pesquisa (auto)biográfica nasce do indivíduo, em sua inserção social, mediante modos próprios de biografização e de seus domínios social e singular. Da mesma forma, a temporalidade biográfica configura-se como outra vertente estruturante da experiência humana e das narrativas num tempo biográfico, ao explicitar territórios da vida individual e social, através

das experiências vividas e narradas pelos sujeitos, implicando-se com princípios hermenêuticos e fenomenológicos que caracterizam a vida, o humano e suas diferentes formas de expressão e manifestação (SOUZA, 2014, p. 41).

Pensar em uma dinâmica de estudo em que pudesse me inserir, junto ao coletivo de professores/as, para tecer reflexões sobre as nossas experiências pedagógicas no PROFESP foi um processo motivador. Ao contrário do que seria se, durante a pesquisa, tivesse que me distanciar das pessoas sem a possibilidade de compartilhar as minhas indagações e formas de ver o mundo. O postulado da *pesquisaformação* é que “a intensidade dessa experiência pode produzir conscientização como processo que não pode ser ensinado, mas que é vivido de maneira pessoal pelo sujeito: um movimento que leva à busca de transformação” (BRAGANÇA, 2012, p. 115).

Durante o ano de 2021, ao participar das reuniões do Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de SI/UFMG (LapenSI) conheci o livro "Caminhar para Si", de Marie-Christine Josso. As discussões provenientes da leitura do livro foram importantes para a compreensão da metodologia empregada na *pesquisaformação*.

A pesquisa-formação se define, em primeiro lugar, como uma estratégia de conhecimento que abrange procedimentos de constituição de corpus de informações e procedimentos de análise. Ela se situa na corrente de uma metodologia de compromisso dos pesquisadores numa prática de mudança individual ou coletiva, que inclui um conjunto de atividades extremamente variadas, seja do ponto de vista a disciplina de pertença dos pesquisadores, seja do ponto de vista dos campos de operação, seja, enfim do ponto de vista dos objetivos de transformação (JOSSO, 2010, p. 101).

Realmente estava em busca de transformação. Mas essa transformação precisava ser construída em conjunto, trabalhada com a tessitura de várias mãos.

A *pesquisaformação* envolve experiência significativa de articulação de saberes, não busca a produção de um saber dicotomizado que futuramente “poderá ser aplicado” socialmente, mas o desenvolvimento da pesquisa pressupõe a mobilização de saberes, experiências e práxis vitais (BRAGANÇA, 2012, p. 115).

No período em que atuei no PROFESP foram raros os momentos em que pude conversar com os/as professores/as de outros núcleos, a respeito das minhas experiências no programa². Deste modo, elegi a *pesquisaformação* como o caminho

² Em 2020, o PROFESP estava presente em cerca de 202 organizações militares, beneficiando quase 30 mil alunos/as (BRASIL, 2020).

que me permitiu visualizar os horizontes dos/as meus colegas professores/as de Educação Física. Durante este processo, refletimos sobre experiências de formação que foram significativas na prática pedagógica no PROFESP e, de acordo com Faria (2018, p. 179), ao escolher a expressão experiência de formação, a autora enfatiza que “a *formação se dá na e pela experiência* dos sujeitos em *imersão* no mundo em que vivem, seja nos contextos em que se planeja educar (como a escola e a universidade), seja em outros contextos de suas vidas”.

Palavras de pesquisaformação que não se inscrevem somente em uma racionalidade crítica, mas que também se associam às sensibilidades e inteligibilidades delicadas e generosas porque em partilha e comunhão de pensamentos e sentimentos – pesquisaformação que não se faz só! E são os modos outros de escrita acadêmica que favorecem o não estar só...A partir de uma perspectiva narrativa, eivada da constitutividade de outrem, que esses modos outros de escrita acadêmica se fortalecem no esteio coletivo de uma comunidade de narradores que, além de ouvir seus pares, propõem uma leitura ímpar para cada narrativa produzida, fortalecendo a autoria narrativa e favorecendo a partilha respeitosa e crítica. Cada um dos textos, em sua singularidade e subjetividade, cada palavra recolhida do caldo narrativo construído na pesquisaformação revela uma narradora/um narrador que, por sentirem e estarem acolhidos no berço polifônico do grupo de pesquisa, expõe-se e põe-se a narrar de modo radical e íntegro a sua trajetória de pesquisaformação (PRADO, 2020, p. 308-309).

Para realizar esta *pesquisaformação*, enviei uma carta convite (APÊNDICE B) aos professores/as de Educação Física que atuam/atuaram nos núcleos do PROFESP, distribuídos em diversas localidades brasileiras, utilizando uma rede social. Nela, apresentei a proposta para participarem do grupo de estudos virtual e realizar a escrita coletiva de memoriais de formação que, posteriormente, seriam publicados no formato de livro eletrônico. Sete professores/as responderam com interesse em participar do estudo. Os critérios para participação foram: ser professor/a de Educação Física e ter atuado no PROFESP.

Em seguida, foram organizados seis encontros síncronos coletivos e um individual. Atividades assíncronas também foram realizadas. A carga horária total foi de 40 horas.

Os encontros coletivos duravam, aproximadamente, duas horas e trinta minutos e o individual trinta minutos. Nas atividades assíncronas, utilizamos uma rede social para envio de mensagens, mantendo contato permanente. O aplicativo *Google Drive* foi utilizado para o compartilhamento da escrita dos memoriais e para a realização dos comentários do grupo, durante o processo de elaboração do material. Utilizamos

a Plataforma *Microsoft Teams* para as atividades síncronas. Na Tabela 2 o perfil do grupo, pela aplicação do questionário, disponível no Apêndice C³.

Tabela 2 – Perfil dos/as colaboradores

Idade	Cidade	Titulação	Tempo docência (anos)	Tempo de atuação no PROFESP (anos)	Função
41	Brasília, DF	Especialização em Treinamento Desportivo e Atividade Física Adaptada	Entre 15 e 20	Entre 5 e 7	Coordenador Esportivo e professor de Educação Física.
40	Pirassununga, SP	Doutorado – Ciências do Desenvolvimento Humano	Entre 15 e 20	Entre 7 e 10	Coordenador Esportivo; coordenador Pedagógico e professor de Educação Física.
46	São José dos Campos, SP	Graduação	Entre 15 e 20	Entre 1 e 2	Coordenador Esportivo e professor de Educação Física.
36	Curitiba, PR	Mestrado – Teologia e Sociedade	Entre 10 e 15	Entre 2 e 5	Coordenador Esportivo e professor de Educação Física.
31	Rio de Janeiro, RJ	Mestrado – Educação Física	Entre 7 e 10 anos	Entre 2 e 5	Coordenadora
49	Lagoa Santa, MG	Mestrado – Psicologia multidisciplinar com estudo no esporte	Mais de 20 anos	Entre 2 e 5	Coordenador de Núcleo; coordenador Esportivo e professor de Educação Física.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Para a realização dos encontros síncronos propusemos algumas atividades, tais como a leitura prévia de artigos acadêmicos, capítulos de livros, assistir a um documentário e ouvir *podcasts*. O cronograma e as referências utilizadas na *pesquisaformação* foram se ajustando de acordo com as necessidades do grupo, em conjunto com as percepções da pesquisadora e seu orientador. As atividades assíncronas consistiam na escrita do memorial de formação, na leitura e no comentário dos materiais elaborados pelos colegas.

A versão final do cronograma de encontros e atividades está no Apêndice D – Cronograma dos Encontros de Formação.

A realização da *pesquisaformação* foi inspirada nas estratégias metodológicas, utilizadas na documentação narrativa de experiências pedagógicas (SUAREZ, 2007; 2016).

³ Um dos colaboradores do estudo não respondeu ao questionário.

É possível delimitar uma série sucessiva e recursiva de “momentos metodológicos” que permite uma descrição pormenorizada do trajeto de trabalho pedagógico e traz na documentação narrativa uma compreensão mais profunda de como os docentes narradores participam ativamente em cada uma das instâncias. Esses momentos sucessivos e recursivos são: a) a geração de condições políticas, institucionais e pedagógicas adequadas para a investigação-ação-formação docente participativa; b) identificação e seleção de experiências a documentar; c) escrever e reescrever diferentes versões do relato de experiência; d) leitura, comentários e conversas a respeito das sucessivas versões dos relatos, quer dizer, a “edição pedagógica”; e) a publicação dos relatos e f) a circulação dos documentos narrativos em circuitos de recepção especializados (SUAREZ, 2016, p. 485, tradução nossa).

Durante as leituras dos trabalhos deste autor, percebi convergências em suas proposições metodológicas que foram adaptadas para a realização deste estudo. Em relação às condições políticas, institucionais e pedagógicas, adequadas para a pesquisa formação docente participativa, o primeiro direcionamento foi enviar carta de anuência para a Coordenação Geral pelos Programas Sociais pelo Esporte, do Ministério da Defesa (APÊNDICE E). O envio da carta gerou muitas tensões, pois o foco da pesquisa se desenvolveria no ambiente militar e havia a possibilidade da devolutiva negativa, por parte da instituição. Entretanto, segui confiante, pois acreditava na relevância do estudo, inclusive para desmistificar alguns estereótipos que se propagaram, ao longo do tempo, sobre o militarismo brasileiro. A devolutiva foi favorável e nos constituímos em potente grupo e, desde o primeiro momento, traçamos o objetivo de compartilhar um saber que se complementa e fortifica os laços criados.

O grupo era constituído por sete colaboradores/as, esta pesquisadora e seu orientador, totalizando nove integrantes.

O início dos encontros foi marcado pelo momento do abraço virtual⁴. Nele compartilhávamos poemas, músicas, vídeos, *podcasts*, imagens, dentre outras formas de linguagem, que traziam à tona importantes reflexões sobre a forma como estes/as professores/as dialogam com o mundo e consigo.

Os outros momentos da documentação narrativa de experiências pedagógicas inspiraram os demais encontros e atividades da *pesquisaformação*, sobre os quais passo a narrar no próximo capítulo.

⁴ Compreendi a importância deste momento ao cursar a disciplina do mestrado Tópicos em Ensino de Educação Física, ministrada pelo Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli e Prof. Dr. Joelcio Fernandes Pinto.

5 OS ENCONTROS DA *PESQUISAFORMAÇÃO*

Difícil fotografar o silêncio. Entretanto tentei.

(Manoel de Barros)

5.1 Primeiro encontro – acolhimento e apresentação da *pesquisaformação*

O primeiro encontro foi realizado no dia 24 de agosto de 2022, momento de muitas expectativas, entusiasmo e desafios. A responsabilidade de organizar encontros de formação para um grupo de professores/as altamente qualificado, tanto em nível acadêmico quanto profissional. As conversas com meu orientador Admir e seus direcionamentos foram de grande valia para me preparar e encorajar para este momento, bem como a presença dele durante o encontro. Outro desafio foi a recente experiência em me tornar mãe. Minha mente estava no encontro e o coração apertado, desejando estar com o meu bebê. Conseguir lidar com as emoções de forma equilibrada e, ao mesmo tempo, a organização do primeiro encontro foi uma experiência extraordinária.

Começamos o encontro com o abraço virtual, com um texto de Manoel de Barros.

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que o pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balança nem com barômetro etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós (BARROS, 2018, p. 43).

Pensar em uma *pesquisaformação*, que produza momentos de encantamento, foi um dos alicerces que me conduziram durante a realização deste trabalho, propiciar um espaço em que compartilhamos nossas histórias, lutas e experiências no PROFESP, pela escuta ativa e fala empoderada, que edifica e ao mesmo tempo balança as nossas percepções e modos de ver o mundo. Sob este ponto de vista, a autora Bell Hooks ensina sobre a sua gratidão às muitas mulheres e homens, que ousaram criar a teoria a partir do lugar “que expõe corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas” (HOOKS, 2013, p. 103).

No primeiro encontro, apresentei ao grupo o objetivo do estudo: compreender, por meio de memoriais de formação, produzidos em encontros de uma *pesquisa formação*, inspirada na documentação narrativa de experiências pedagógicas – as experiências de formação de professores/as de Educação Física do PROFESP. Mas o que seriam os memoriais de formação?

Talvez, um memorial não seja mais que um esforço para colocar o próprio caminho como problema, como pergunta. Escrever um memorial e dar a ler a sua escrita talvez seja um artesanal exercício de produção das próprias perguntas, aquelas questões que mesmo na timidez da sua presença, na entrelinha da ausência, na necessidade do esquecimento se levantam e se escrevem (RIBETTO, 2020, p. 305).

Neste encontro, foram apresentadas ao grupo as seguintes questões norteadoras para o processo de escrita.

1. Como me tornei professor/a de Educação Física.
2. Como é a minha prática pedagógica no PROFESP.
3. Quais as minhas principais vivências realizadas no programa.
4. Quais as contribuições das experiências de formação continuada na minha prática pedagógica.

A escolha do memorial de formação se justifica por ser um gênero textual privilegiado para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar públicas as suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 2).

Num memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da sua história. De modo geral, podemos dizer que se trata de um texto em que os acontecimentos são narrados geralmente na primeira pessoa do singular, numa sequência definida a partir das memórias e das escolhas do autor, para registrar a própria experiência e, como todo texto escrito, para produzir certos efeitos nos possíveis leitores. O texto encadeia acontecimentos relacionados à experiência de formação, à prática profissional e também à vida – nesse caso, nos aspectos que de alguma forma explicam, justificam ou ilustram o que está sendo contado. O tempo a que se reporta pode estar ou não circunscrito: formação do período de um curso ou programa, formação do tempo de profissão ou formação humana geral. De qualquer modo, a escrita de um memorial de formação é sempre a partir do campo da educação (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 7-8).

É importante destacar que, embora a narrativa envolva múltiplos acontecimentos de uma vida, não necessariamente eles são narrados de forma cronológica e linear: pode-se narrar os fatos ocorridos em uma perspectiva linear; pode-se eleger um fato mais recente e, a partir dele, abordar os demais fatos que a ele se relacionam; pode-se eleger um tema e contar o que tem a ver com ele, sem uma ordem temporal de apresentação

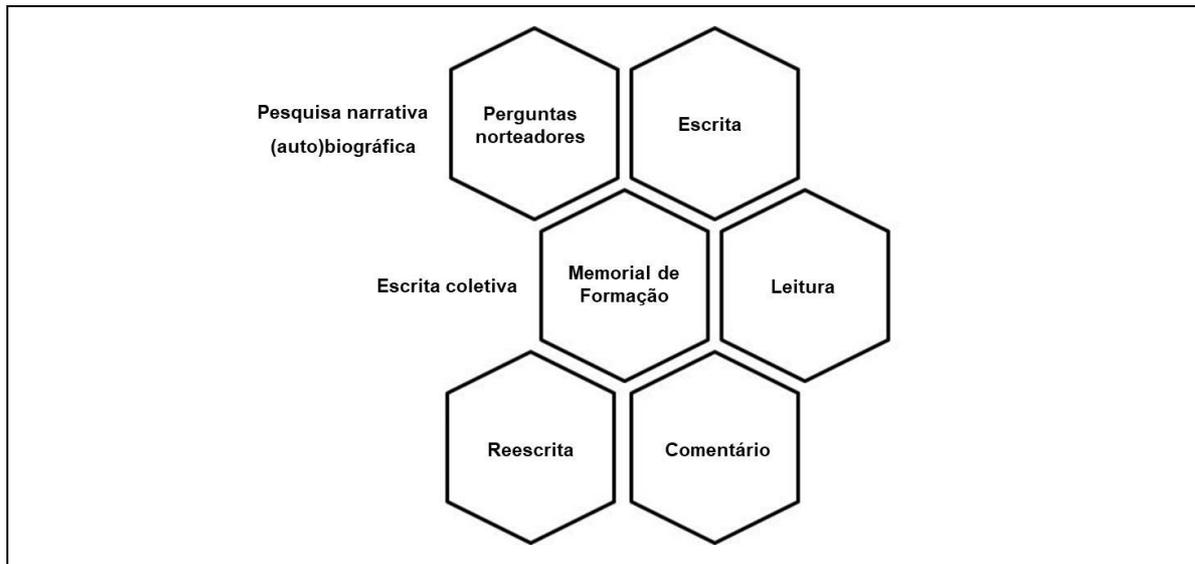
dos fatos. Em qualquer caso, as escolhas são sempre necessárias. É o modo como se narra que dá o tom: a sequência é da memória, não é exatamente dos acontecimentos (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 8).

Quando propus ao grupo a reflexão sobre estas perguntas, não o fiz no sentido do rigor acadêmico que busca uma resposta linear e direta. E sim, como um fio a ser tecido por várias mãos, em uma trama que convida à reflexão coletiva, no processo de idas, vindas e inflexões.

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (LARROSA, 2002, p. 27).

Na Figura 26, sintetizei a proposta apresentada aos/às professores/as.

Figura 26 – Processo de escrita coletiva dos memoriais de formação



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Para o processo de escrita coletiva, apresentamos a proposta em que os memoriais produzidos ficariam salvos em uma pasta no Google Drive para que todos/as tivessem acesso para a realização dos comentários que contribuiriam para o adensamento da escrita e para a emancipação do próprio grupo⁵. Além disso, havia a expectativa da produção de um livro eletrônico elaborado pelos/as docentes.

⁵ Adiante, narrarei detalhadamente o processo de realização dos comentários.

Após esta primeira etapa, apresentamos o cronograma dos encontros, bem como a proposta de leitura prévia de alguns materiais (APÊNDICE D) que auxiliariam o grupo a compreender melhor o campo epistemológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica. Com isso, ratificamos que ensinar é um ato político e, segundo Paulo Freire, o comprometimento é com a emancipação humana, posta por uma pedagogia da autonomia. “Isto faz com que o educador compreenda o aprendiz como sujeito de sentidos, cuja curiosidade criativa suscita o sentimento inexorável de sua história e de seu aprendizado” (DIÓGENES; PAZ, 2021, p. 267).

Apresentamos, então, o texto para a leitura prévia do encontro seguinte e a postagem da primeira versão do memorial, a partir das questões:

- Escolha da premissa: De onde eu vou começar a narrar, sobre o que eu vou falar primeiro?
- Utilização das fotografias durante o processo de escrita.
- Utilização das perguntas norteadoras: como me tornei professor/a de Educação Física; como é a minha prática pedagógica no PROFESP; quais as minhas principais vivências realizadas no Programa; quais as contribuições das experiências de formação continuada para a minha prática pedagógica?

Encerramos o encontro de forma amistosa. Fiquei emocionada com o entusiasmo dos/as professores/as em realizar esta *pesquisaformação*, mesmo diante de tantos compromissos advindos da rotina profissional e pessoal. Nos constituímos um potente coletivo de professores/as dispostos a aprender sobre o campo epistemológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica, ao mesmo tempo em que compartilhamos reflexões sobre a prática pedagógica em Educação Física, no Programa Forças no Esporte, e produzimos os nossos memoriais de formação.

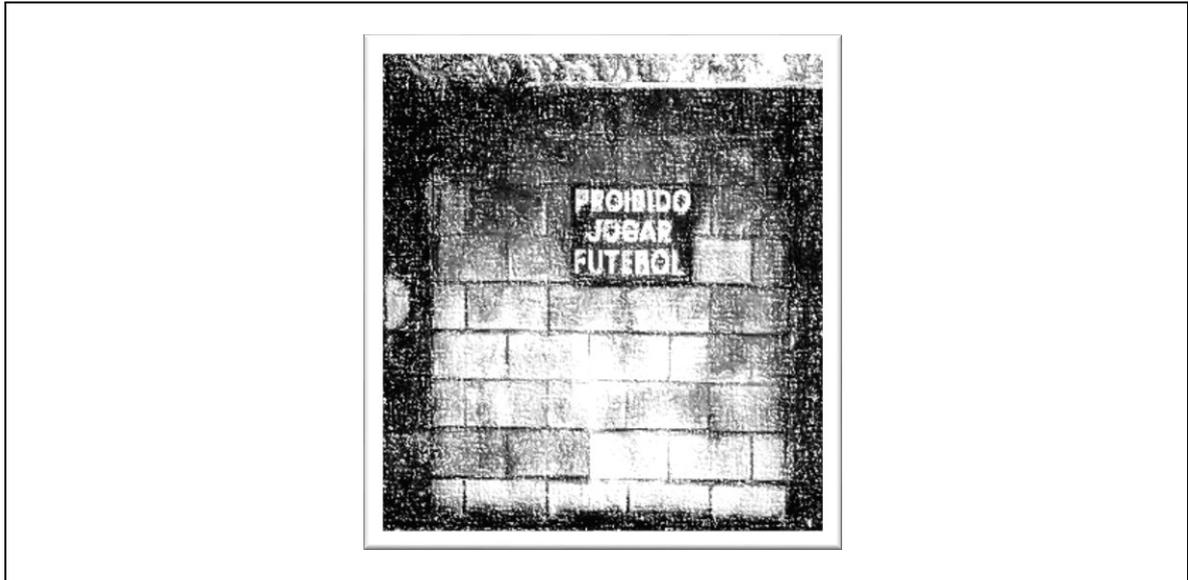
5.2 Segundo encontro: primeiras impressões sobre a pesquisa narrativa (auto)biográfica e o memorial de formação

O segundo encontro aconteceu no dia 21 de setembro de 2022. Realizamos a leitura prévia dos trabalhos de Almeida Junior (2011), Delory-Momberger (2016), Prado; Soligo (2007) e Souza; Meireles (2018) para possibilitar um primeiro diálogo do grupo com o campo epistemológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica, bem

como para traçar as estratégias acerca do processo de escrita de si pelo gênero textual memorial de formação.

Começamos o encontro com o abraço virtual e a figura apresentada pelo professor Fabiano (FIGURA 27).

Figura 27 – Proibido jogar futebol



Fonte: Encontros de formação, 2023.

O professor Fabiano trouxe uma importante reflexão ao lembrar que na infância dele, durante as décadas de 1980 e 1990, um muro como o da imagem acima convidava à prática do futebol. E, ao contrário do que acontecia no passado, para a infância de hoje ele lembra que não é permitida a prática deste esporte como era realizado antigamente. Ele refletiu sobre a nossa função enquanto professores/as de Educação Física no contexto de programas esportivos e também na área da educação física escolar. As ponderações do professor⁶ também reavivaram as memórias da infância do professor Jean e do professor Flávio. Ressaltaram questões atinentes ao sexismo em função de alguns rótulos que a sociedade impõe em algumas modalidades esportivas, bem como sobre a falta de segurança e locais adequados para a prática de atividades de esporte e lazer. As falas dos meus colegas me trouxeram provocações, sobretudo devido à necessidade de sistematização de tempos e espaços para conversarmos sobre a nossa prática pedagógica.

⁶ Foram adotados nomes fictícios para retratar os professores/as.

O grupo já no segundo encontro se firmava como um espaço de escuta, reflexão e ação. Esta última concretizada pela responsabilidade ao nos posicionarmos como professores/as de Educação Física nos diversos espaços que transitamos, sobretudo na escola e durante a prática pedagógica em projetos sociais.

Iniciamos a dinâmica e foram apresentadas as fotografias de infância de todos/as integrantes do grupo. Em seguida, escrevemos um pequeno texto sobre as impressões geradas e compartilhamos com os/as colegas. Conversar sobre as fotografias da infância e os sentimentos produzidos trouxeram à tona elementos que compõem as histórias dos sujeitos deste estudo: alegrias, dificuldades, o cuidado dos pais, desafios, jogos, brincadeiras, a identificação com a profissão de professor/a de Educação Física, dentre outras questões.

Instiga-me a possibilidade de me reconhecer como um sujeito que, assim como o poeta, vem buscando aprender a pensar por imagens, que pensa com as imagens, que vem se constituindo como professor através de uma relação crítica com as imagens. Resolvi, portanto, assumir essa dupla constituição - um sujeito letral que pensa por e com as imagens - tomando a mesma não como uma relação de oposição, mas sim de complementaridade. Lancei-me ao desafio de buscar algumas imagens fotográficas que poderiam compor uma narrativa que expresse os percursos, as trilhas e as partilhas do processo de tornar-me professor de educação física. Fui à caça dessas imagens. Procurei encontrar fotografias que pudessem instaurar um movimento de reavivar lembranças, emoções de encontros, de trocas, de partilhas, algumas delas já escondidas em minha memória (ALMEIDA JUNIOR, 2011, p. 15-16).

Dialogamos com o pensamento de Almeida Junior (2011), no sentido de sugerir aos integrantes do grupo a possibilidade de incorporar as fotografias ao processo de escrita do memorial de formação.

De certo modo, ao capturar “mundos sensíveis”, a fotografia permite um alargamento do objeto investigado, instaurando outros sentidos e interpretações. Auxilia, portanto, na elaboração de reflexões suscitadas pelos elementos apresentados, articulando-se com as práticas cotidianas e as histórias narradas. Ao possibilitar a escritura do cotidiano, a fotografia apreende traços mais sensíveis não captados pela narração escrita/oral (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 298-299).

O diálogo com as fotografias tem grande importância nesta pesquisa, pois dialogamos com o cenário pouco comum no meio acadêmico: um projeto social desenvolvido com crianças dentro de instalações militares. O acesso a estes espaços é limitado, especialmente por questões de segurança inerentes à atividade fim. Entretanto, para algumas organizações militares cuja atuação está direcionada

ao ensino e a pesquisa, percebo uma maior flexibilidade no uso das instalações para o desenvolvimento de parcerias com outras esferas do setor público e privado. Neste sentido, a fotografia se insere como uma potente ferramenta que suscitará o diálogo, reflexões e ampliará o campo de possibilidades de análise realizada pelos/as leitores/as.

Após a realização da dinâmica, direcionamos a atenção para o momento de discussão sobre a leitura dos textos de Delory-Momberger (2016) e Prado; Soligo (2007). A maioria dos integrantes do grupo cursou o mestrado e ficaram surpresos com este modo outro de pesquisar. A pesquisa (auto)biográfica “não tenta neutralizar a validade dos métodos científicos herdados, sua mirada epistemológica visa a superar uma visão fragmentada do humano” (PASSEGGI, 2010, p. 112). Dentre os objetivos dos encontros de formação, para além da produção dos memoriais, compartilhei com o grupo os conhecimentos adquiridos ao cursar as disciplinas “Pesquisa Narrativa em Educação” e “Perspectivas Metodológicas da Pesquisa Narrativa e Autobiográfica”⁷ e, também, ao participar do LapenSI. Mais do que produzir narrativas sobre si, elucidei aos/as professores/as a potência desta proposição metodológica.

A “fala de si”, sob todos os seus registros e em todas as suas diversidades, constitui o material privilegiado de um saber biográfico, ela é também o vetor pelo qual os seres humanos acessam a um saber e a um poder deles mesmos que lhes dão a capacidade de se desenvolver e de agir enquanto “sujeitos” no meio dos outros e no seio da cidade (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 145).

Trazer à tona as discussões provenientes das leituras dos materiais destes autores foi um processo que me permitiu, nas palavras de Delory-Momberger (2016) “a construção compartilhada de um saber singular”. Pois, ao refletirmos sobre as proposições do campo epistemológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica imergimos o grupo em um processo de autoformação que buscava perseguir “segundo os casos e em diferentes graus, objetivos individuais e coletivos de formação, de valorização dos recursos e das potencialidades, de produção e partilha dos saberes, de emancipação, de poder de agir, de transformação social e política” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.145).

⁷ A disciplina foi ministrada pela Profa. Dra. Claudia Starling Bosco e Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes, durante o mestrado.

Discutimos sobre o gênero textual memorial de formação, a partir da leitura do texto de Guilherme do Val Toledo Prado e Rosaura Soligo (2007).

O memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível, não só para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 9).

Até o momento são poucos os trabalhos que estudaram sobre o PROFESP (APÊNDICE E), como também sobre a atuação do professor/a de Educação Física neste programa. Elegemos a narrativa construída por meio do memorial de formação como veículo para tornar público o que fazemos. “Ao narrar a nossa experiência, podemos produzir no outro a compreensão daquilo que estamos fazendo e do que pensamos sobre o que fazemos” (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 7).

Ao término do encontro, pedimos ao grupo para realizar as seguintes tarefas: tecer os comentários nos textos produzidos pelos colegas e, em seguida, reescrever o material a partir das contribuições do grupo; assistir ao documentário Jogo de Cena, de Eduardo Coutinho e a leitura dos textos: O narrador, de Walter Benjamin e Narrar é humano, autobiografar é um processo civilizatório, de Maria da Conceição Passeggi.

5.3 Terceiro encontro: modos outros de escrita do memorial de formação – campo de sensibilidades

O terceiro encontro foi realizado no dia 19 de outubro de 2022. Nele, o grupo discutiu sobre o documentário Jogo de Cena, de Eduardo Coutinho, e sobre os trabalhos de Benjamin (1987) e Passeggi (2010). A partir da análise do documentário Jogo de Cena, conversamos sobre a narrativa (auto)biográfica no plano da oralidade e sobre a possibilidade de incorporar à escrita do memorial outras formas de linguagem, tais como vídeos, fotografias, podcasts, reportagens, poesias, imagens e músicas. O intuito, com este modo outro de escrever, era instigar a associação da sensibilidade durante o processo de escrita dos memoriais, favorecendo-o ao aguçar todos os sentidos e aproximando o grupo de professores/as em uma atmosfera que convida a escuta, a partilha, a comunhão e a reflexão coletiva. Segundo Passeggi (2010, p.110), ao parafrasear Gusdorf (1991, p.123), “a pesquisa (auto)biográfica pode incluir, sem discriminação, todas as grafias

(desde a escrita em línguas naturais, como as biografias, autobiografias; aos gestos, às fotografias, como as fotobiografias; vídeografias, cinebiografias, webgrafias, transcrição de textos orais) nas quais o sujeito toma a si mesmo como sujeito de reflexão”.

Salientamos a percepção de Benjamin, a respeito da narrativa “ser ela própria é uma forma artesanal de comunicação ao trabalhar a matéria prima da experiência” (BENJAMIN, 1987, p.221). Experiência esta que seria narrada pela mobilização das memórias e compartilhada com o grupo para o adensamento das reflexões nos memoriais de formação. “A faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987, p.198) ocorreu naturalmente nos encontros de formação. Os/as professores/as se mostraram à vontade para compartilhar suas histórias, narrando os momentos de conquista e os momentos de dificuldade nas práticas pedagógicas em Educação Física e na vida pessoal. “O saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos” (BENJAMIN, 1987, p. 202). O fato de todos/as partilharem a trajetória profissional no PROFESP, mesmo que atuando em cidades diferentes, propiciou momentos de reflexão e a necessidade de incorporar novas formas de agir, de se posicionar politicamente e, até mesmo, incluir novas atividades de esporte e lazer aos alunos/as nos núcleos em que atuaram.

Comum, a todos os grandes narradores, é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus da sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva (BENJAMIN, 1987, p. 215).

Refletimos com o grupo que as narrativas autobiográficas propiciam o processo de pesquisa-ação-formação e se realizam mediante o coinvestimento da pessoa em formação e o formador, no contexto institucional em que são solicitadas e produzidas. “A preocupação primordial é que elas sirvam, essencialmente, a quem escreve. Admite-se, como princípio, que as escritas de si, longe de comunicar o que já se sabe, constituem-se como verdadeiros processos de descoberta” (PASSEGGI, 2010, p. 114-115). De fato, compartilhar as trajetórias pessoais e experiências pedagógicas se constituía como aprendizado que até então eu não havia vivenciado, em nenhum outro encontro de professores, seja durante a graduação, nos cursos de capacitação e de pós-graduação. Ouvir os/as colegas trouxe novas percepções

sobre o meu próprio modo de ver o mundo, instigando novas possibilidades de atuação enquanto professora de Educação Física e bem como na minha vida pessoal.

Encontramos, assim, no trabalho com as histórias de vida que focaliza os percursos formativos, a compreensão e a análise biográfica desse processo vital: a construção do conhecimento, engendrando transformações pessoais e coletivas nos sujeitos. É no movimento dialético entre passado, presente e futuro que os sujeitos se apropriam da vida como processo formativo e tomam a responsabilidade pela atribuição de sentido e pela resignificação da trajetória pessoal/profissional. A biografia educativa não coloca, portanto, ênfase no resultado material do processo, ou seja, no texto escrito, mas no movimento reflexivo, que toma como referência a centralidade temporal, potencializadora do presente e do futuro. Assim, a biografia educativa transforma a lembrança em formação (BRAGANÇA, 2012, p. 117).

Ao término do encontro, pedimos ao grupo de professores/as para escutar o *podcast* do Emicida⁸ e a leitura dos textos: *A vida: uma narrativa em busca de narrador*, de Paul Ricoeur; e, *Histórias narradas, cotidianos vividos: modos de viver e narrar o início da docência em Educação Física*, de Admir Soares de Almeida Junior e Marcela Ottoni Guedes Oliveira.

5.4 Quarto encontro

O quarto encontro ocorreu em 23 de novembro de 2022. A roda de conversa iniciou com a reflexão sobre os efeitos pós-pandemia, na saúde física e mental dos/as integrantes do grupo e da sociedade como um todo, o grupo refletiu sobre o fato da rotina profissional e acadêmica exigir dedicação e consumir praticamente todo o nosso tempo, impossibilitando de dedicarmos a outros aspectos importantes, como a família. Um dos professores compartilhou conosco o poema *O Tempo*, de Mário Quintana:

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y3Bd8wbO61o&ab_channel=Emicida

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio. Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas... Seguraria o amor que está à minha frente e diria que eu o amo...
 E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo. Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz. A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará (QUINTANA, 2006, p. 478).

A partir da leitura do poema, o grupo demonstrou a mesma preocupação: ter tempo disponível e de qualidade para acompanhar o crescimento dos/as filhos/as. A carga horária, imposta pelo mercado de trabalho, relega um tempo mínimo para dedicar aos cuidados dos/as filhos/as, sendo este atribuído, cada vez mais a creches e escolas em período integral. As próprias atividades do PROFESP ocorrem no período do contraturno escolar, contribuindo para que pais, mães e responsáveis por estas crianças trabalhem confiantes que os filhos/as estejam em um local seguro, minimizando os riscos relacionados à vulnerabilidade social.

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. Nessa lógica de destruição generalizada da experiência, estou cada vez mais convencido de que os aparatos educacionais também funcionam cada vez mais no sentido de tornar impossível que alguma coisa nos aconteça. Não somente, como já disse, pelo funcionamento perverso e generalizado da par informação/opinião, mas também pela velocidade. Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo (LARROSA, 2002, p. 4).

Sobre as questões impostas pela falta de tempo, conversamos com o grupo e definimos um novo cronograma para o processo de escrita, comentário e reescrita dos memoriais de formação, conforme descrito no Quadro 2.

Quadro 2 – Cronograma para a escrita coletiva dos memoriais de formação

Versão do Memorial	1a.	2a.	3a.	Versão para publicação do livro eletrônico
Data de postagem	07/12/22	04/01/23	01/02/23	Julho/23
Período para comentários	07 a 21/12/22	04 a 18/01/23		
Período para reescrita	21/12/22 a 04/01/23	18/01 a 01/02/23		

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Durante o encontro, os/as professores/as comentaram sobre as próprias impressões ao realizar a escrita do material e da primeira versão postada pelos colegas. Perceberam convergências ao mesmo tempo em que cada um/a se propunha a escrever o memorial com um viés diferente, enfatizando momentos distintos de suas trajetórias, mesmo com as questões norteadoras sendo comum a todos/as professores/as.

A mediação biográfica se enriquece pelo investimento e ajuda solidária na construção do sentido. Ela se fortalece na crença de que o retorno sobre si torna o sujeito consciente do seu poder e do querer do outro, sobre a sua vida, e, por esse viés, a reflexividade biográfica constitui-se um processo emancipador, provocador do desejo de cuidar melhor de si e do outro (PASSEGGI, 2010, p. 127).

Enfatizaram que a leitura do material proposto contribuiu para as próprias reflexões e a importância do processo de reescrita na construção dos memoriais. “Cada versão da história ou nova história é uma oportunidade de “passar a limpo” a experiência, de repensá-la, de questioná-la, de nomeá-la, porém com outras palavras, sentidos e perguntas” (SUÁREZ, 2016, p. 488, tradução nossa).

Também refletimos sobre o *podcast* do Emicida⁹ e apontamos a utilização deste modo de narrar como uma possibilidade para a elaboração dos memoriais. Analisamos o texto de Ricoeur (2006) e fizemos breve discussão sobre a relação da nossa vida com a inteligência narrativa, a composição narrativa e a subjetividade e, por fim, o grupo refletiu sobre o texto de Almeida Junior e Oliveira (2021), em que os/as autores/as evidenciam os principais desafios e dilemas enfrentados nos cotidianos escolares por professores/as iniciantes, egressos do curso de licenciatura em educação física, que lecionam em escolas de Educação Básica.

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y3Bd8wbO61o&ab_channel=Emicida

5.5 Quinto encontro

O quinto encontro ocorreu em 7 de dezembro de 2022. Conversamos sobre o vídeo de Faria (2002), em que a professora Dra. Juliana Faria realiza algumas reflexões sobre o papel do comentário na Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. O meu primeiro contato com este material ocorreu durante a realização da disciplina Pesquisa Narrativa em Educação, ministrada pelo meu orientador Prof. Admir. Percebi o quanto foi significativo para nossa turma assistir ao vídeo para consolidarmos o adensamento das narrativas, construídas durante a disciplina. Solicitei então, ao meu orientador, utilizarmos este recurso durante os encontros de formação deste estudo. Apresentei à Profa. Juliana os objetivos da pesquisa e dos encontros de formação e ela realizou uma nova gravação, destinada ao grupo de professores/as colaboradores/as do estudo.

E como é o comentário na documentação narrativa de experiências pedagógicas? É o comentário que coletivamente se aprende a fazer a partir da leitura e das conversas sobre as narrativas dos outros, mediada pela coordenação, no sentido de apoiar o outro na reconstrução narrativa de sua experiência, e não de interditá-la, julgá-la ou corrigi-la, nem mesmo reforçá-la ou negá-la. É permitir que o colega que está lendo a narrativa dele aflore a experiência, torne mais densa a sua narrativa, tanto em relação aos elementos da narrativa (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Para quê?) quanto em relação à reflexão pedagógica. É preciso comentar para auxiliar que a nossa experiência coletiva, de convivência e de construção de uma pedagogia da autonomia, da liberdade, de respeito à diversidade, também cresça em densidade narrativa, nos múltiplos sentidos que essa experiência pode ter para todos os envolvidos (FARIA, 2022).

O vídeo foi importante para inspirar e orientar o modo como os/as colaboradores/as da pesquisa interagiriam uns/umas com os/as outros/as e realizariam os comentários nos trabalhos dos/as colegas. O vídeo dialoga também com o documento produzido por Suárez *et al* (2021), no qual há uma forma de se compreender os estilos ou modalidades (*tonos*) de comentários, como se pode compreender nos excertos a seguir.

Interesa, ahora, compartir los estilos de comentarios cruzados que compromete la edición pedagógica: es decir, las preguntas, interrogantes, sugerencias que se elaboran y se comunican al docente narrador/a en vistas de tornar comunicable y densamente significativo el relato. Los comentarios tono 1 son aquellos que habilitan la primera entrada al trabajo de edición del colectivo docente; promueven lazos empáticos de confianza mutua y se hacen cargo de la necesidad de quien narra de ser escuchado para que su texto comience y se vaya acercando a la versión deseable. Estos comentarios suspenden de entrada el intento de demostrar –por parte de quien lo comenta, de quien lo edita pedagógicamente– todo lo que sabe

de aquello que se cuenta en el relato. Estos comentarios pueden ser orales o componer un texto escrito breve que anime la relación, mediada por relatos, que recién comienza.

Los comentarios tono 2 son aquellos que ingresan en extensión y profundidad en el texto. Tienen como propósito provocar algunas de sus reescrituras y modificaciones en el relato escrito. Es deseable que estos comentarios sean ingresados, “entretreídos” a lo largo del texto. Es recomendable que sean escritos con resaltados. Los recursos utilizados para resolver esto son: la formulación de preguntas, las observaciones precisas, las sugerencias que interpelan en aquello que el relato dice y no se comprende. A modo de escrutinio metodológico, estas operaciones tensionan como una indagación interesada algo o mucho de lo que quien narra escribió

El colectivo implicado realiza, entonces, lecturas y relecturas individuales y colectivas de las versiones parciales y finales de los relatos; sostiene conversaciones y deliberaciones pedagógicas, en un ámbito grupal; produce y comunica al y a la docente narrador/a preguntas, interrogantes, sugerencias y comentarios escritos y orales, individuales y colectivos, sobre el relato pedagógico en cuestión; y, toma decisiones respecto de la comunicabilidad del relato pedagógico y de la pertinencia y oportunidades de su publicación y circulación. Es así como lxs docentes reciben comentarios a su propio texto y entregan comentarios a los textos de otrxs.

Por otra parte, también están los comentarios tono 3, que son aquellos que se realizan al corpus de producciones y que dicen algo de un conjunto de relatos terminados a la espera de su publicación o ya publicados. Estos comentarios aportan una visión panorámica de los resultados del dispositivo desarrollado en algún proyecto, algo similar a lo que sucede en las recomendaciones que los críticos de arte realizan de las obras (SUÁREZ et al., 2021, p. 58-59)

Antes de assistirem ao vídeo, percebi que a maioria dos comentários foi realizada dentro da perspectiva do *tono* 1. Após o vídeo, começaram a interagir entre si, transitando entre o *tono* 1 e o *tono* 2. Em virtude do tempo disposto para a realização da pesquisa, não foi possível a realização dos comentários do *tono* 3, pelos/as colaboradores/as do estudo.

Por fim, o grupo de narradores/as conversou sobre as duas primeiras questões norteadoras para a escrita do memorial de formação: 1) Como me tornei professor/a de Educação Física; 2) Como é a minha prática pedagógica no PROFESP. Durante a explanação oral, novas cenas foram introduzidas, contribuindo para o adensamento das proposições apresentadas no material escrito.

El hecho de “contarla a otros” le permite a cada docente participante construir un primer borrador de la trama narrativa del relato y, al mismo tiempo, producir una primera objetivación de la experiencia reconstruida. Las preguntas y comentarios de los colegas y del coordinador colaboran asimismo a cuestionar esta primera versión y a provocar la indagación de aspectos poco atendidos, desdibujados o controversiales de la historia (SUÁREZ, 2016, p. 488).

5.6 Sexto encontro

O sexto encontro foi realizado em 18 de janeiro de 2023. Conversamos sobre as duas últimas questões norteadoras para a escrita do memorial e formação: 3) Quais as minhas principais vivências realizadas no Programa Forças no Esporte; 4) Quais as contribuições das experiências de formação continuada na minha prática profissional.

Neste encontro, assim como nos anteriores, percebi que não estávamos reunidos apenas como um grupo de professores/as, mas como um grupo de amigos/as dispostos a se formar e contribuir para a emancipação de todos/as, por meio das explanações orais e dos comentários no material escrito. Conversamos sobre a pesquisa-narrativa (auto)biográfica e sobre a formação implicada sobre si durante o processo de escrita dos memoriais.

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras, palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (LARROSA, 2002, p. 21).

Realizamos o encerramento dos encontros coletivos com a certeza de que as nossas palavras não seriam silenciadas. Pelo contrário, se somariam como potências para produzir novas reflexões em nossos/as leitores/as, pela publicação dos memoriais de formação no formato de livro eletrônico, que se constituiu como o recurso pedagógico produzido durante o estudo.

5.7 Sétimo encontro

Dos/as sete professores/as que participaram dos encontros de formação, três concluíram a escrita do memorial. O sétimo encontro foi realizado individualmente, nos dias 28/02, 01/03 e 15/03/2023. Nele, conversamos sobre a experiência de participar desta *pesquisiformação*, sobre o processo de elaborar os memoriais coletivamente, sendo possível aos/às professores/as realizarem uma avaliação informal acerca da experiência vivenciada neste período. Para mim foi importante receber o *feedback* dos meus colegas, para corroborar sobre a importância de construir um espaço para a discussão do campo epistemológico da pesquisa

narrativa (auto)biográfica, antes de elaborar os memoriais de formação, sobretudo por estarmos trabalhando com a educação de adultos que possuem vasta experiência profissional e acadêmica.

Ao término do encontro, combinamos alguns contatos adicionais, para a edição do livro eletrônico, em que constará os memoriais destes professores e o meu próprio memorial de formação. Criamos um novo grupo em um aplicativo de mensagens, incluímos duas estudantes do curso de *Design* da UFMG, que cursaram a disciplina *Design III*. A disciplina, ministrada pelo professor Dr. Glaucinei Rodrigues Corrêa, proporcionou, como um dos seus objetivos, a aplicação fundamentada de métodos e técnicas de *design* a partir da identificação de oportunidades de projeto e problemas reais. O professor apresentou os recursos educacionais, elaborados pelos/as pesquisadores/as do mestrado em Educação da FAE/UFMG, para seus/as alunos/as escolherem com o que mais se identificam. Após a escolha, trabalharam em conjunto com os/as pesquisadores/as no desenvolvimento do recurso educacional. Fiquei feliz em ter o trabalho selecionado. Contar com a participação de profissionais de *design*, na edição do livro eletrônico, garantiu a apresentação das ideias de forma mais atrativa, interessante e harmoniosa, permitindo maior visibilidade do processo abordado ao longo deste estudo.

6 DIÁLOGOS ENTRECruzADOS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO NO PROFESP

O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê...

É preciso transver o mundo.

(Manoel de Barros)

Em 2020, quando submeti o projeto de pesquisa para a seleção do mestrado, trazia comigo algumas perguntas sobre a prática pedagógica do/a professor/a de Educação Física que atua no Programa Forças no Esporte, pois a origem destas perguntas tem o seu cerne na minha própria atuação, enquanto professora de Educação Física de um projeto social no contexto militar. A falta de espaços/tempos que propiciam a discussão sobre a experiência destes/as professores/as motivou a realização dos encontros de formação, ocorridos ao longo desta pesquisa. A experiência e o saber que dela derivam são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida (LARROSA, 2002, p. 27).

A busca de um pensar pedagógico, a que se dedica esse tipo de abordagem da experiência no campo educativo, está fundada no desejo de que as práticas educativas sejam valiosas e estejam vinculadas ao sentido da experiência, dando lugar a que se possa acolher o inesperado, a que se possa pensar sobre isso e extrair do saber da experiência as lições que possam enriquecer a prática (FARIA, 2018, p. 172-173).

Neste sentido, os memoriais de formação elaborados realizaram a nobre missão de trazer à tona, questões que propiciaram momentos de autoformação para os/as colaboradores/as da pesquisa, com as quais dialogo a seguir.

Os acontecimentos narrados de uma determinada história se tomam do todo os seus significados. Porém, o todo narrado é algo que se constrói a partir das partes escolhidas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que se produzam interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar (PRADO; SOLIGO, p. 3, 2007).

Por meio da produção coletiva dos memoriais de formação os/as colaboradores/as desta pesquisa puderam se inserir em uma relação horizontal de aprendizagem, em que as trajetórias pessoais e profissionais foram compartilhadas, gerando tensões, questionamentos e provocando reflexões sobre a própria prática pedagógica no PROFESP.

Foram quatro narrativas¹⁰ estruturadas a partir das questões norteadoras, para elaboração dos memoriais de formação: como me tornei professor/a de Educação Física; como é a minha prática pedagógica no PROFESP; quais as minhas principais vivências realizadas no Programa; quais as contribuições das experiências de formação continuada para a minha prática pedagógica? Pela análise do diálogo entrecruzado das narrativas tive, por objetivo, compreender as experiências de formação de professores/as de Educação Física do PROFESP. São cento e vinte e quatro páginas de textos produzidos. Para análise do material, foi utilizado o recurso de interpretação hermenêutica elaborado por Souza (2006; 2014), que considera três tempos de análise: Tempo I: Pré-análise/leitura cruzada (lembrar); Tempo II: Leituras temáticas – unidades de análises descritivas (narrar); Tempo III: Leitura interpretativa-compreensiva (refletir).

O tempo I se caracteriza pela construção do perfil do grupo pesquisado, implicando no cruzamento das perspectivas individuais e coletivas (apreensão de regularidades, irregularidades, particularidades e subjetividades) e do mapeamento inicial de significações e unidades temáticas de análise. Neste processo deve-se considerar as singularidades de cada história de vida.

No tempo II, ocorre a organização temática e o agrupamento das unidades de análise temática, considerando a análise compreensiva-interpretativa.

A análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação (SOUZA, 2014, p. 43).

Neste tempo deve ser realizada a leitura analítica e a interpretação temática que caracterizam as unidades de análise. Utilizei as perguntas, que orientaram a escrita dos memoriais, como unidades de análise. Entretanto, novos temas foram incorporados durante a leitura cruzada do material que possibilitaram a compreensão e interpretação das narrativas.

¹⁰ Neste material estão os três memoriais produzidos pelos/as colaboradores/as do estudo e o meu memorial de formação.

O tempo III refere-se ao processo de análise compreensiva-interpretativa das narrativas em que o processo de formação foi abrangido como objeto de análise. Retornei aos textos produzidos a partir de uma visão panorâmica, e refleti em diálogo com o referencial teórico sobre os pontos de tensão, convergências e divergências percorridos durante a *pesquisaformação*.

Revedo os vídeos dos encontros de formação, destaco a percepção do professor Fabiano a respeito da indagação de como seria o meu processo de análise para responder às perguntas que me levaram a realizar este estudo. Um dos textos propostos para auxiliar o processo de imersão no campo das narrativas (auto)biográficas foi o trabalho de Almeida Junior e Oliveira (2021). O professor Fabiano concluiu, após a leitura do material, que não escreveu o próprio memorial, respondendo às questões norteadoras do estudo, de forma linear. Comparou o seu memorial de formação com os textos produzidos pelos professores que participaram do estudo. Ao pensar como o professor Fabiano organizou as suas ideias, considero que as perguntas sugeridas serviram como fios condutores no processo de autoformação, ao rememorar a própria história de vida. O processo da escrita do memorial, trouxe à tona as memórias mais significativas, que se conectaram com novas ideias e, não necessariamente, responderam as questões norteadoras do estudo de forma óbvia, direta. A minha busca pelas respostas se concretizou naquilo que está nas entrelinhas, nas idas, vindas e desvios presentes no texto, com os comentários que os/as professores/as deixaram no processo de escrita coletiva dos memoriais.

6.1 O processo da escrita dos memoriais de formação

Analisar o livro escrito em minha vida até o presente momento não é uma tarefa das mais fáceis. Ser o foco da própria investigação baseado em fatos vivenciados e superados até o presente momento é algo complexo de ser analisado. Refletir sobre os caminhos, escolhas, pensamentos, momentos bons e ruins é assunto que demandará da minha parte tempo, análises, reanálises e, acima de tudo, reflexões sobre a própria existência (Memorial de formação do Professor Fabiano, 2023).

Longe de ser um especialista em narrativas, mas na incumbência de contribuir com esse manuscrito, buscarei narrar alguns recortes de minha história referente a minha formação profissional e ao trabalho desenvolvido no Programa Forças no Esporte (PROFESP) (Memorial de formação Professor Flávio, 2023).

A partir das reflexões realizadas pelos professores Fabiano e Flávio ressalto a importância da escrita dos memoriais de formação no contexto da pesquisa narrativa (auto)biográfica, enquanto uma valiosa ferramenta que possibilita a compreensão sobre si, em um processo de autoformação que agrega tantos elementos da história de vida pessoal, quanto da prática pedagógica em Educação Física. As reflexões emergentes deste processo suscitam um ato de coragem, pois, conforme destaca o professor Fábio, “há que se refletir acerca dos vários momentos de nossa trajetória, sejam eles bons ou ruins”. Para isso, o professor Flávio sugeriu a narração de alguns recortes da nossa história, destacando o trabalho desenvolvido no PROFESP.

Ao tecer textos narrativos, os autores se envolvem não com uma escrita qualquer nem com um simples relato de fatos, mas com uma produção que pode ser construída por aquilo que eles sentem, que os emociona e os instiga ao diálogo com o leitor. Nessa reflexão, algo de novo sobre o episódio narrado pode aparecer, modificando tanto o autor como o leitor, já que, ao relatar de um ponto de vista pessoal, o narrador é capaz de criar uma trilha para quem lê, marcando um movimento eminentemente interpretativo. É como se ambos estivessem envolvidos em uma tessitura de narrativas compostas por sujeitos complexos e carregados de singularidades, que quando narram se expõem e dialogam, culminando na transformação infundável de si e do outro (FRAUENDORF et al., 2016, p. 352-353).

O intercâmbio de experiências permitiu a consolidação de um grupo maduro e, em muitos momentos, percebi a congruência de episódios vividos, especialmente ao refletirem sobre a primeira questão norteadora do estudo.

6.1.1 Como me tornei professor/a de Educação Física

Frequentei boas escolas com a atuação destacada de bons professores de educação física. Sempre fui um aluno voltado às práticas esportivas. Por estudar em uma cidade do interior e não ter condições de praticar as melhores práticas esportivas especializadas, não pude seguir carreira como atleta profissional. Comparando-me com os outros estudantes das salas, sempre fui destaque nos esportes (Memorial de formação do Prof. Fabiano, 2023).

Desde criança sempre fui apaixonado pelo esporte, em especial, pelo futebol. Assim, como inúmeros garotos brasileiros tive o sonho de ser jogador. Ao comemorar o gol marcado nas quadras ou campos esportivos, imaginava-me como o grande “craque” do time se apresentando na Arena da Baixada, Maracanã, Morumbi, Beira Rio, Mineirão... além de outros grandes estádios do mundo. Era uma emoção singela e genuína de uma criança que ficava boa parte do dia correndo atrás de uma bola.

Na fase da adolescência, percebi alguns desafios e que o caminho a ser seguido não era esse. Porém, o anseio de trabalhar com o esporte foi determinante para cursar a faculdade de Educação Física (Memorial de formação do Prof. Flávio, 2023).

O que eu vou ser quando crescer? Eu não gosto de nada! Dentista? Não. Médico? Medicina é muito difícil. Advogado? Deus que me livre ter que trabalhar de terno, sapatos e gravata. Professor? Jesus! Ter que aguentar alunos como eu... Até que Deus tocou meu coração e veio em mente: professor de Educação Física! Nesse momento, eu devo ter apoiado os cotovelos na mesa, as mãos no queixo com aquele sorriso leve e pensamento distante, pensando estar à beira de alguma piscina ministrando aula de natação e comecei a viajar nesta nobre profissão.

Nessa mesma época, um grande amigo, o Renato, estava cursando Educação Física na Universidade de Brasília (UnB). Conversei bastante com ele, até assisti uma ou duas aulas na faculdade de Educação Física e, vez ou outra, jogava futebol com os estudantes do curso. Com certeza, ter feito natação desde os 4 anos de idade, a amizade com o Renato, hoje Professor Doutor da UnB, além de não gostar de mais nada além dos esportes, me influenciaram muito na decisão de me tornar educador físico (Memorial de formação do Prof. Jean, 2023).

Refletir sobre os caminhos que determinaram a nossa escolha profissional é um processo muito interessante, pois nos convida a rememorar episódios que remetem a diferentes fases da nossa vida. Nos trechos acima os professores destacaram as experiências com os esportes durante a infância e a adolescência como um dos fatores que contribuíram para a decisão de se tornar professor/a de Educação Física. Assim, como meus colegas, compartilho da mesma perspectiva. Desde a minha infância, o esporte esteve presente em minha vida como um dos momentos em que eu sentia maior alegria, prazer e satisfação. Eu esperava ansiosamente, durante todo o fim de semana para chegar a segunda-feira e ter aula de educação física na escola e natação no Serviço Social da Indústria (SESI). Cursei o Ensino Médio entre os anos 2000 a 2003 e o esporte era o conteúdo predominante das aulas consistindo na prática do voleibol, handebol, basquete, corrida, futsal e natação.

Durante a graduação em Educação Física na UFMG (2004-2009), integrei alguns projetos de ensino, pesquisa e extensão que foram fundamentais para me tornar a professora que sou hoje. Tive professores, que foram grandes mentores para a minha atuação pessoal e profissional. Destacando o Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago, Prof. Dr. Mauro Heleno Chagas e Profa. Dra. Danusa Dias Soares. A minha atuação profissional, desde a época da graduação, transitava entre a escola e a academia, os conhecimentos relacionados

à educação, fisiologia do exercício e treinamento se equiparam em termos de relevância para a minha prática pedagógica.

Ao dialogar com as falas dos meus colegas, em seus memoriais de formação, identifiquei os seguintes trechos de suas trajetórias na graduação.

Sempre me dediquei a todas as áreas relacionadas à educação física enquanto aluno de graduação. O curso foi um dos últimos abordando uma formação integral, licenciatura plena, e não focando em uma ou outra área da educação física (licenciatura ou bacharelado). Entretanto, por estar vinculado ao laboratório e ao estágio, tinha maior familiaridade e dedicação às disciplinas voltadas à fisiologia do exercício, em contraponto às disciplinas mais relacionadas à educação física escolar (Memorial de Formação do Prof. Fabiano, 2023).

O anseio de trabalhar com o esporte foi determinante para cursar a faculdade de Educação Física.

Em face ao grande campo de atuação na área da educação física, minha intenção sempre esteve voltada ao esporte e à educação física escolar.

Grandes mestres e doutores com especialidades em diferentes áreas do conhecimento que refletiram de forma exemplar para minha profissional futura (Memorial de Formação do Prof. Flávio, 2023).

Me encantei com a biologia aplicada ao corpo humano, especialmente a magia mitocondrial. Por vezes me pegava divagando durante as aulas, mas agora era na viagem da Educação Física! Lembro que ficava admirado, pensando no processo do emagrecimento que ocorre dentro da mitocôndria, que fica na membrana celular, que é invisível a olho nu. Como pode algo tão complexo e significativo ocorrer dentro de uma estrutura tão pequena?! Admirava também o processo de aprendizagem, a evolução do ser humano nas fases da infância ou como acontecimentos na vida das crianças podem influenciar toda sua vida. Até hoje acho isso tudo muito curioso! Aquela vontade de ser professor de natação foi dando espaço a uma vontade de ser professor acadêmico.

[...]

A universidade realmente transformou o meu ser por meio da graduação em Educação Física (Memorial de Formação do Prof. Jean, 2023).

Nas citações dos meus colegas, percebe-se o maior interesse pelas disciplinas de fisiologia do exercício pelo professor Fabiano, de esportes e educação física escolar, pelo professor Flávio e aprendizagem e fisiologia, pelo professor Jean. Durante a graduação, parecia-me haver polarização das disciplinas ofertadas no curso de Educação Física, como se as disciplinas da área de saúde fossem mais importantes que as da área de humanas e vice-versa, mas o fato é que o aprendizado proporcionado por cada uma delas foi fundamental para a construção da profissional que sou hoje. A área da Educação Física permite atuar em um campo profissional

com múltiplas possibilidades. Dentre elas, os professores Fabiano, Jean, Fábio e eu temos, em comum, a experiência de atuar em um projeto social realizado em organizações militares, que tem o esporte como importante instrumento para minimizar a exposição de crianças e adolescentes ao risco social (FIGURA 28).

Compreendo a importância das atividades desenvolvidas no PROFESP em diálogo com o conceito do esporte educacional. Destaco um trecho do professor Fabiano, em seu memorial de formação.

A diretriz basilar de minhas ações era considerar que o Esporte Educacional (lei nº 9615 de 24/05/1998 publicado no Diário Oficial da União do dia 25/05/1998) é indicado para ser trabalhado em sistemas assistemáticos de educação (como é o caso do PROFESP), evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes tendo como finalidade auxiliar o desenvolvimento integral dos indivíduos e a formação para a cidadania e para o lazer, obedecendo os princípios da totalidade, coeducação, emancipação, participação, cooperação e regionalismo. Os esportes se apresentam como manifestações culturais que podem possibilitar condições para a ampliação do número de praticantes, por conta de sua condição atrativa, assim como de sua riqueza cultural, agregando sentido e significado à construção da formação integral das crianças e dos adolescentes (Memorial de Formação do Professor Fabiano, 2023).

Figura 28 – Professor Fabiano comemora com a turma



Fonte: Memorial de formação do professor Fabiano, 2023.

O esporte educacional é uma importante área de desenvolvimento humano e deve estar incorporado ao projeto de uma nação que prevê o desenvolvimento integral de seus indivíduos, permitindo-lhes um entendimento, não só do que o esporte representa para a sociedade como fenômeno social, mas também o quanto sua prática contribui para o desenvolvimento da sociedade (SEVEGNANI *et al.*, 2019, p. 447).

Durante a realização dos encontros e durante a leitura dos memoriais de formação, percebi a preocupação dos/as meus/minhas colegas em pautar a sua prática pedagógica em atividades que se constituíam, enquanto espaços nos quais os alunos e alunas construía experiências significativas, contribuindo para reflexões sobre a forma como eles/elas se inserem e ao mesmo tempo são os protagonistas em suas ações sobre o quadro da emancipação social. Sendo assim, no próximo tópico tecerei reflexões sobre a prática pedagógica durante as aulas de Educação Física no PROFESP.

6.1.2 A minha prática pedagógica no PROFESP

Analisando a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN), segundo a ótica de Darido (2005, p. 10-11), percebo que a área da Educação Física avançou em relação a notoriedade do esporte enquanto conteúdo, mas sem obscurecer a relevância propiciada por outras vivências. É importante ressaltar a prática da aquisição do conhecimento, de acordo com a autora, relacionado às brincadeiras e jogos, esportes, ginástica, lutas, atividades rítmicas e expressivas, conhecimento sobre o corpo, nas três dimensões dos conteúdos, como uma importante ferramenta para a seleção do conteúdo a ser trabalhado com os/as alunos/as.

Dimensão Conceitual - Conhecer as transformações porque passou a sociedade em relação aos hábitos de vida (diminuição do trabalho corporal em função das novas tecnologias) e relacioná-las com as necessidades atuais de atividade física. - Conhecer as mudanças pelas quais passaram os esportes. Por exemplo, que o futebol era jogado apenas na elite no seu início no país, que o voleibol mudou as suas regras em função da Televisão etc. - Conhecer os modos corretos da execução de vários exercícios e práticas corporais cotidianas, tais como; levantar um objeto do chão, como se sentar à frente do computador, como realizar um exercício abdominal adequadamente, etc. 1.2 Dimensão Procedimental - Vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira. Por exemplo, praticar a ginga e a roda da capoeira. - Vivenciar diferentes ritmos e movimentos relacionados às danças, como as danças de salão, regional e outras. - Vivenciar situações de brincadeiras e jogos. 1.3 Dimensão Atitudinal - Valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto. - Respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não violência. - Predispor a participar de atividades em grupos, cooperando e interagindo. - Reconhecer e valorizar atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião e outras (DARIDO; SANCHEZ NETO 2005, p. 2-3).

[...]

Na prática concreta de aula significa que o aluno deve aprender a jogar queimada, futebol de casais ou basquetebol, mas, juntamente com estes conhecimentos, deve aprender quais os benefícios de tais práticas, porque se pratica tais manifestações da cultura corporal hoje, quais as relações dessas atividades com a produção da mídia televisiva, imprensa, dentre outras. Dessa forma, mais do que ensinar a fazer, o objetivo é que os alunos e alunas obtenham uma contextualização das informações como também aprendam a se relacionar com os colegas, reconhecendo quais valores estão por trás de tais práticas (DARIDO; SANCHEZ NETO 2005, p. 6).

A partir desta perspectiva, considera-se que as dinâmicas das aulas de Educação Física deveriam incluir, em seu planejamento, momentos que permitam o diálogo com os/as alunos/as, como a roda inicial e a roda ao final da aula, por exemplo. Permitindo que além da realização/execução das atividades corporais, ocorra a reflexão entre professores/as e alunos/as, para ambos se expressarem sobre as questões inerentes ao repertório cultural vivenciado. Durante os diálogos nos encontros de formação e por meio da leitura dos memoriais de formação, conforme citado a seguir, percebi que os professores valorizaram a realização das aulas com a participação ativa dos/as alunos, desenvolvendo atividades que propiciaram a escuta e o acolhimento, para os/as próprios/as alunos/as serem os protagonistas na resolução dos problemas apresentados.

Desenvolver um ensino inclusivo e com acolhimento. Uma aula inclusiva trata todos com igualdade quando apoia as ações, estimula, incentiva, valoriza, promove e acolhe os beneficiados. Deve-se haver uma participação ativa dos alunos na construção, modificação e construção das regras das aulas (Memorial de Formação do Professor Fabiano, 2023).

As atividades desenvolvidas no Profesp trazem algumas reflexões, entre elas, a aproximação de professores e alunos com militares dentro das organizações. Tal aproximação é favorável para troca de conhecimento e experiências. Percebe-se que os profissionais das forças armadas passam seu conhecimento técnico aos estudantes, demonstrando simpatia e abertura para novas propostas pedagógicas, conseqüentemente, trocam “ideias” com os demais profissionais civis e alunos para inovações do planejamento. Nesse contexto, os participantes são os grandes beneficiados com o trabalho realizado (Memorial de Formação do Professor Flávio, 2023).

Tudo começou a ficar maravilhoso, eram aulas com participação ativa dos alunos, bate papo inicial, solução de problemas pelos alunos durante o bate papo de fixação das ações no final (Memorial de Formação do Professor Jean, 2023).

Em relação às atividades desenvolvidas no PROFESP, os professores destacaram algumas modalidades.

Atualmente, nosso núcleo atua com sete diferentes esportes: atletismo, basquetebol, futebol, natação, TAG-Rugby, tênis de campo e voleibol. Além das práticas esportivas, nosso núcleo conta com atividades complementares de ordem unida, inicialização da música e aulas de cidadania (Memorial de Formação do Professor Fabiano, 2023).

Crianças e adolescente vivenciam práticas voltadas ao futebol, vôlei, handebol, basquete, tênis, atletismo, lutas, badminton, orientação, etc. Concomitantemente, outras atividades culturais e de cidadania são desenvolvidas sob o comando de profissionais com formação acadêmica e aderência a tais práticas, o que possibilita às participantes novas vivências a diferentes ações educativas (Memorial de Formação do Professor Flávio, 2023).

Ministrava aulas de basquete, vôlei, natação, atividades recreativas, gincanas, etc., mas a modalidade era um mero detalhe do processo de aprendizagem. Foi tudo muito bom, me sentia verdadeiramente parte integrante de um processo que transforma vidas, não somente por meio do esporte, mas por meio de diversas atividades de inclusão social (Memorial de Formação do Professor Jean, 2023).

Os/as alunos/as na aula de atletismo (FIGURA 29) e na aula de lutas (FIGURA 30).

Figura 29 – Alunos/as na aula de atletismo



Fonte: Memorial de formação do professor Fabiano, 2023.

Figura 30 – Alunos/as na aula de lutas



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No núcleo do CIAAR, as principais atividades desenvolvidas eram a iniciação esportiva, as lutas, ordem unida, aulas de música e meio ambiente, além de palestras educacionais com profissionais de diversas especialidades.

Segundo o professor Jean, além dos esportes havia a realização de atividades recreativas e gincanas.

As críticas dirigidas ao esporte podem ser resumidas em duas dimensões, que não se excluem e se articulam. A primeira dimensão diz respeito a essa relação de exclusividade (sem espaço para os outros temas), primazia (prioridade quanto ao tempo e à organização do espaço) ou hierarquia (outros temas tratados em função dele) na organização das aulas de educação física. A segunda dimensão da crítica diz respeito à função do esporte na escola, sustentando-se, por um lado, na ideia de que o esporte acontece na escola está a serviço da instituição esportiva, na revelação de atletas, constituindo-se como base da pirâmide esportiva e por outro lado, na dimensão axiológica, nos valores que ele transmite, perpassa e constrói (ASSIS, 2010, p. 16).

Ao dialogarmos com a prática pedagógica descrita no memorial de formação do professor Flávio, percebe-se que as aulas de Educação Física do PROFESP são planejadas e executadas conforme a proposta da pedagogia do esporte, com o método interacionista.

Tendo o conhecimento do coordenador local, as atividades são planejadas e executadas seguindo uma proposta da pedagogia do esporte com método interacionista. Ou seja, como área mais ampla que estuda o ensino das modalidades esportivas, há uma crítica à reprodução dos movimentos técnicos dos esportes de alto rendimento, por uma série de razões que incluem falta de visão tática e experiências motoras diversificadas. Como alternativa, o método interacionista entende que o aprendizado do gesto

técnico é um dos componentes importantes, mas que precisa ser conjugado com outros. Essa proposta enfatiza o desenvolvimento humano, que agrega à prática esportiva os conhecimentos históricos, sociais, educacionais e de valores (Memorial de formação do professor Flávio, 2023).

O estudo realizado por HIRAMA et al (2014), sobre as propostas de alguns autores de pedagogias interacionistas, encontraram semelhanças em diferentes publicações.

1. O aluno como foco central das ações.
2. Ensinar mais que esporte.
3. Inclusão: jogo para todos.
4. Pilares norteadores para o ensino que se realizam diretamente no cotidiano das aulas:
 - Orientação de ensino do jogo para suas partes.
 - Adaptação de materiais, regras e espaços.
 - Estímulos através da resolução de problemas e
 - Valorização do conhecimento prévio do aluno (HIRAMA et al, 2014, p. 56).

Realizar aulas de Educação Física que contribuíssem para a emancipação dos/as alunos/as, enquanto protagonistas da sua própria transformação, foi um dos objetivos comuns que observei na prática pedagógica dos/as professores/as que participaram deste estudo.

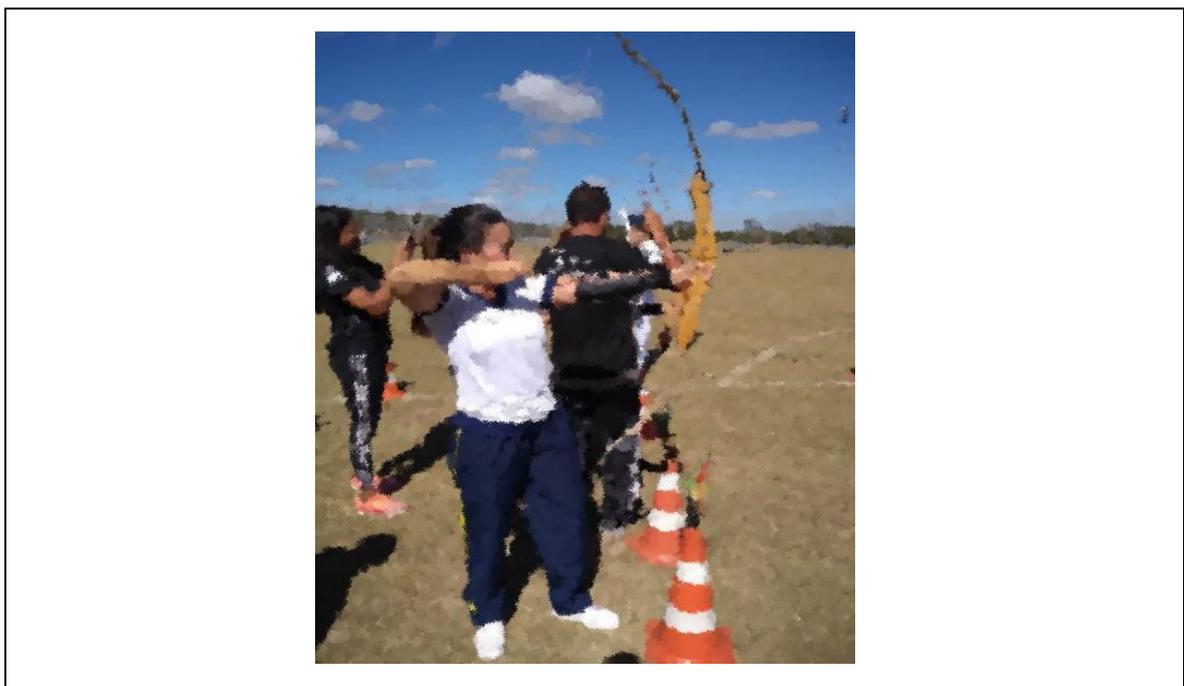
O objetivo das propostas interacionistas é o ensino de conteúdos que extrapolam o fazer gestual próprio das modalidades, a exemplo de valores morais, a estimulação da criticidade, a mídia e o esporte como ferramenta política, social e econômica, entre muitos outros temas, que perpassam este universo e que podem ter grande penetração nos jovens, devido ao significado que o esporte pode ter em suas vidas (HIRAMA et al., 2014, p. 57).

Na fala do professor Jean, percebe-se o engajamento dele concatenado a essa proposição: “me sentia verdadeiramente parte integrante de um processo que transforma vidas, não somente por meio do esporte, mas por meio de diversas atividades de inclusão social”. Considero que um dos maiores desafios do PROFESP é capacitar a equipe de gestores/as e professores/as do programa para as suas ações evidenciarem o protagonismo dos/as alunos/as pela realização de atividades, orientadas pelos pilares do esporte, enquanto atividade inclusiva, e que oportuniza a participação dos alunos e da comunidade no processo de escolha das modalidades/atividades que serão realizadas. Mais que oferecer atividades esportivas, conhecer os interesses e as reais necessidades dos/os alunos/as e da comunidade atendida pelo programa (familiares, responsáveis, professores/as, diretores/as das escolas, supervisores/as, etc.) contribuirá para a sua efetivação, possivelmente minimizando as questões da evasão e contribuindo para diminuir o risco social ao qual os/as beneficiados/as estão expostos/as.

Dentre as questões relacionadas à inclusão, destaco o fato vivenciado por uma professora, colaboradora deste estudo, ocorrido durante um dos encontros de formação. Ela participava do encontro virtual, enquanto viajava com a equipe de alunos/as cadeirantes para uma competição esportiva, e compartilhou as dificuldades enfrentadas durante o trajeto Rio de Janeiro/São Paulo, devido à falta de acessibilidade. Os principais desafios ocorreram durante o embarque e desembarque dos/as alunos/as no ônibus, devido à ausência de uma plataforma para cadeira de rodas; ausência de banheiro adaptado e rampas para acesso ao local da competição. Mesmo com os obstáculos, ela não mediu esforços para viabilizar a viagem e a participação dos/as seus/suas alunos/as no evento. Considero que ensinar, “mais que esporte”, vai ao encontro de todo esse processo. Problematicar as questões vivenciadas para além das aulas de Educação Física, para mediarmos a criticidade e a autonomia de nossos/as alunos/as empoderando-os/as com ferramentas para enfrentamento das questões vivenciadas por eles, devido à falta de mecanismos que garantam a acessibilidade e a inclusão social.

No CIAAR, todas as edificações foram planejadas para possibilitar o acesso das pessoas com deficiência. No ano de 2019, colaborei com a organização do Festival Militar Paralímpico, no qual ocorreram competições de atletismo, natação e tiro com arco (FIGURA 31).

Figura 31 – Tiro com arco no Festival Paralímpico



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Foi gratificante perceber a integração dos/as participantes em toda a estrutura do complexo esportivo, especialmente na pista de atletismo, no campo de futebol e na área da piscina, transitando livremente entre estes espaços e também nos banheiros, bebedouros e vestiários adaptados para pessoas com deficiência. O evento evidenciou a necessidade da inclusão, de pessoas com deficiência, nas atividades do PROFESP do CIAAR.

Durante o período em que realizei a coordenação das atividades, defendi a adequação do planejamento para a participação de todos/as. Um dos professores/as tinha uma sensibilidade especial para incluir e incentivar a participação dos/as alunos/as nas aulas de jiu-jitsu. Ele utilizava a sua expertise, proveniente de cursos de capacitação e especialização na área de inclusão, aliada à sua forma afetiva de se relacionar com as pessoas. Durante as aulas, os/as alunos/as se sentiam livres para expressar seus sentimentos e dificuldades tanto no que diz respeito aos desafios da aula, quanto às advindas das relações externas ao PROFESP e encontravam neste professor a referência para compartilhar estas experiências (FIGURA 32). O diálogo realizado durante as aulas foi fundamental para direcionarmos estas crianças ao acompanhamento efetivo do centro de referência social do município, para os seus direitos não serem negligenciados.

Figura 32 – Professor com alunos/as



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A equipe de professores/as, que ministrava as aulas de iniciação esportiva do CIAAR, era formada por profissionais dedicados, humanos e qualificados. A maior parte era formada por especialistas, mestres e doutores com vasta experiência na educação física escolar e também na área esportiva, com destaque para as modalidades de voleibol, handebol, natação, atletismo, judô e *jiu-jitsu*. Mesmo com a expertise nestas áreas, também foram trabalhados os conteúdos de jogos e brincadeiras, basquetebol, futsal e futebol. No ano de 2020, a equipe aguardava a chegada das plataformas elevatórias para iniciar as aulas de natação. Naquele mesmo ano, o material chegou, mas as atividades foram suspensas em virtude da pandemia da COVID-19.

Quanto ao planejamento e execução das atividades, a valorização do conhecimento prévio do aluno, o estímulo para a resolução dos problemas e o protagonismo dos próprios alunos para a adaptação e criação de regras, foram ações basilares para a condução das aulas. Além das aulas de Educação Física, a maior parte dos/as professores/as, que colaboraram com este estudo, realizaram a função de coordenador/a do PROFESP em seus núcleos de atuação, com uma gama de atividades que serão discutidas no próximo item.

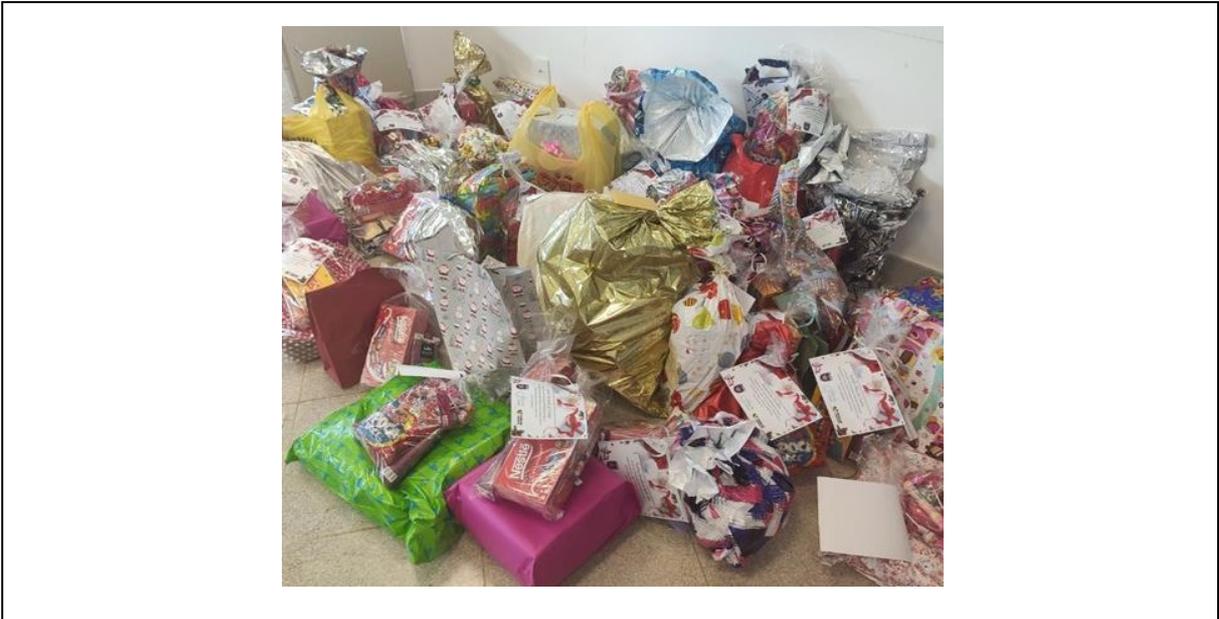
6.1.3 As principais vivências realizadas no programa

Na minha atuação no PROFESP apliquei algumas ações administrativas para o desenvolvimento das atividades. A primeira foi relacionada à implantação do núcleo no CIAAR. Para isso, busquei embasamento na legislação, normativas e manuais sobre o programa, além de conhecer presencialmente as atividades de outros núcleos, pelas visitas técnicas. Após o primeiro momento, elaborei o plano de trabalho juntamente com o projeto pedagógico, definindo o quantitativo de pessoal e as especialidades que atuariam para o desenvolvimento do programa. Além disso, atuei na logística para equipar a sala administrativa e a sala de música do projeto (aquisição de mobiliário, computadores, adequação de pontos de rede e telefone, material de escritório, esportivo, pedagógico, etc.).

Após a conclusão desta etapa, ocorreu a busca por parcerias para a execução das atividades. Internamente, muitos/as militares se prontificaram a atuar como voluntários/as nas oficinas de música, ordem unida, aulas de iniciação esportiva, *jiu-*

jitsu, judô, meio ambiente e ministrar palestras. Os/as militares do efetivo e os/as alunos dos cursos de formação de oficiais do CIAAR foram fundamentais para a realização das atividades, inclusive durante a celebração de datas comemorativas, em que arrecadávamos doações de presentes para as crianças. Como resultado ocupávamos várias salas para guardar o material recebido, até o dia da distribuição, sendo intensa e colaborativa a participação (FIGURAS 33 e 34).

Figura 33 – Campanha de arrecadação de presentes para o Natal do PROFESP



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 34 – Entrega de presentes no Natal



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

No âmbito externo, a parceria com o município proveu o transporte, monitores para acompanhar os/as alunos/as no traslado escola-quartel, um professor de educação física, uma psicóloga e uma coordenadora. Realizamos muitas reuniões com a equipe da diretoria de desenvolvimento social, bem como com a secretaria de educação do município. O contato próximo, mediado pela coordenadora do município, proporcionou a resolução assertiva dos problemas que surgiram: em relação aos/às nossos/as alunos/as e seus familiares/responsáveis (problemas de saúde, questões disciplinares, evasão, acionamento do conselho tutelar), nas questões relacionadas à logística (transporte, alimentação, uniforme) e no planejamento pedagógico das atividades.

Por fim, convidar as famílias e os/as futuros/as alunos/as para conhecerem o programa, as diretoras e coordenadoras das escolas, bem como apresentá-lo aos demais militares do efetivo da organização, foram ações basilares que endossaram a execução do programa. Atualmente, o núcleo tem a equipe formada por profissionais das áreas de educação física, pedagogia, assistência social e gestão pública. Um dos diferenciais do CIAAR, em relação aos outros núcleos, foi a criação da Seção do PROFESP, o que possibilitou a designação de pessoal para atuar com as atividades do programa.

Em seus memoriais de formação, os professores Fabiano e Jean também compartilharam experiências no gerenciamento das atividades do programa.

Trabalhar diariamente com as 300 crianças em nosso núcleo na AFA (chão de fábrica) e pensar de que forma possamos aprimorar nossas ações administrativas, mas acima de tudo pedagógicas nacionalmente eram meu foco de atuação (Memorial de Formação do Professor Fabiano, 2023).

Foi uma experiência bem diferente, eu tinha em mente que se um Oficial pedisse algo, seria atendido, mas eu entendi que a banda tocava diferente, nunca gostei que um trabalho meu ficasse paralisado por que outras pessoas não o realizaram, sendo assim, quem servia as crianças no Rancho éramos nós, realizávamos quase tudo, como aprendi em meu curso de formação, fazíamos do alfinete ao foguete, confeccionávamos o Projeto Pedagógico de Núcleo (PPN), executávamos o PPN, preparava e realizávamos reuniões com a escola, pais e professores participantes, corríamos atrás de parceiros para aulas diversas, especialmente de lutas, ministrávamos as aulas, ordem unida, algumas palestras e corríamos atrás de outros palestrantes... não era fácil, mas dava muito prazer (Memorial de Formação do Professor Jean, 2023).

O professor Fabiano, reflete sobre a questão de “aprimorar nossas ações administrativas”. De fato, o gerenciamento das atividades do PROFESP requer a adoção de medidas que demandam conhecimento na área de gestão, pois necessitam de muita organização, planejamento e diálogo. Durante a graduação (2004-2009), não tive disciplinas que tratassem sobre este assunto. De acordo com Montagner et al. (2012, p. 611) “estamos deixando de apenas formar profissionais para ensinar esporte dentro das quadras e campos [...] para também formar gerações com vistas a administrar o esporte [...] com atuação profissionalizada e atenta às diferentes concepções de gestão e administração”, corroborando com este estudo, as evidências encontradas por Quinaud et al (2019, p. 1118) destacaram a preocupação com o número reduzido de cursos que oportunizam a oferta da disciplina Gestão Esportiva na formação de bacharéis em Educação Física.

O memorial do professor Jean evidencia a sua atuação como coordenador técnico de academia e os desafios da função.

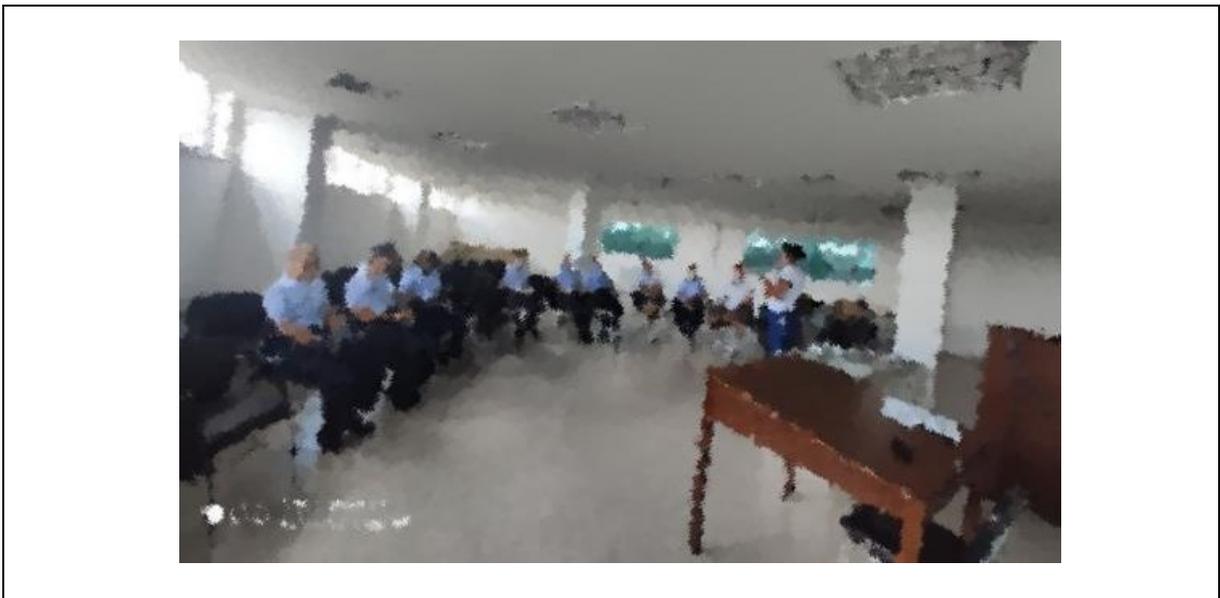
Tive a oportunidade de ser coordenador técnico da academia que trabalhei por 11 anos, outra experiência fantástica! Tive a árdua missão de me tornar “administrador de empresas”, na verdade de pessoas, pois lidava com o quadro de professores, alunos, equipe de limpeza, fornecedores e o funcionamento técnico da academia, essa era a parte mais fácil, para me capacitar, consegui participar de algumas palestras e li alguns livros de gestão de pessoas e empresas para me inteirar no assunto, além de realizar uma pequena consultoria no SEBRAE, mas na realidade o grande aprendizado veio no dia a dia, acompanhado do prazer de trocar conhecimentos com os estagiários, professores e alunos, além de começar a entender que não só da parte fitness se fazem as academias (Memorial de Formação do Professor Jean, 2023).

Assim como o professor Jean, também conheci a área de gestão pela atuação profissional e cursos de formação continuada. Considero que a oferta da disciplina Gestão Esportiva, durante a graduação, associada com a possibilidade de vivência prática no estágio supervisionado, contribuiria para o desenvolvimento das minhas ações no PROFESP. Além disso, fortaleceria a atuação de professores/as de Educação Física que objetivam trabalhar em projetos sociais em que o esporte é o eixo central das atividades. Dentre as principais atividades que desenvolvi para a execução do programa, destaco a elaboração de relatórios gerenciais, processos para aquisição de materiais e serviços, reuniões com instituições da esfera pública, privada e do terceiro setor, organização de palestras multidisciplinares, eventos

culturais, elaboração do calendário escolar, cronograma de atividades e plano de trabalho anual.

No primeiro ano das atividades do programa, um dos maiores desafios foi organizar a participação dos/as professores/as voluntários/as. Não foi possível planejar o quadro de horários das oficinas e garantir a inclusão do tempo pedagógico para o planejamento dessas atividades. Este fato reforçou a atuação individualizada dos/as professores/as, impossibilitando a participação coletiva no direcionamento das ações. Para reverter o cenário, organizamos alguns encontros com os/as professores/as e solicitamos à prefeitura a contratação de profissionais para atuarem no PROFESP (FIGURA 35).

Figura 35 – Reunião com os/as professores/as voluntários/as



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Em 2020 a pandemia da COVID19 paralisou as atividades presenciais.

Cabe ressaltar que não ocorreram atividades presenciais entre março de 2020 a outubro de 2021 em função da pandemia do COVID-19. Nesse período de pandemia foram realizadas entregas de kit de alimentos para as famílias. Nenhuma ação pedagógica foi realizada com os beneficiados no período. Antes do retorno, nosso núcleo realizou uma palestra de retorno às atividades com todos os envolvidos, coordenadores, professores e voluntários. Muitos foram os desafios, não apenas em relação a inatividade física desse período, mas todas as questões que atingiram o biopsicossocial dos beneficiados. Resgatar a prática do exercício físico, as relações humanas e sociais foram fundamentais após a pandemia. (Memorial de Formação do Professor Fabiano, 2023).

Até que na segunda semana das atividades do ano de 2020 fomos todos acometidos com os impactos da pandemia da Covid-19. Ficamos todos em casa e foi muito triste interromper de forma abrupta as atividades que tanto geram oportunidades às crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social. Era de partir o coração, pensar que aquelas crianças passariam dias e noites dentro de seus lares, sem a oportunidade de desenvolver seu cognitivo, lúdico, social. Crianças que foram tolhidas de uma fase da vida que acarretará consequências para todo o futuro. (Memorial de Formação do Professor Jean, 2023).

Os impactos causados pela pandemia são percebidos até os dias de hoje. Os professores Fabiano e Jean destacaram fatores como a inatividade física, bem como questões relacionadas ao biopsicossocial. Além dessas questões, o bem-estar de toda conjuntura familiar foi afetado, pois o suporte oferecido pelo programa foi interrompido, especialmente nos quesitos do reforço alimentar e atividades complementares. Quanto ao PROFESP CIAAR, no período de isolamento, as famílias receberam kit alimentação e material pedagógico destinado aos/às alunos/as, com propostas para a realização de atividades físicas e lúdicas – Este material foi a nossa forma de manter a comunicação com nossos/as alunos/as durante o período da pandemia.

Não obstante a ausência dos alunos/as no quartel, as atividades administrativas do PROFESP seguiram normalmente. Foi um período para organizar as questões pedagógicas do programa, por meio de reuniões com a equipe da prefeitura e com os/as professores/as voluntários. Também realizamos os processos de compra para aquisição de materiais esportivos e pedagógicos. A expectativa pelo retorno das atividades presenciais era grande, pois a equipe estava envolvida com nos preparativos para receber os/as alunos/as e seus familiares/responsáveis. Os uniformes haviam chegado, as plataformas elevatórias para as aulas de natação e um novo acordo de cooperação com a prefeitura, destinando profissionais para atuação exclusiva no PROFESP. Contudo, as atividades presenciais ficaram suspensas de 2020 a 2022, sendo retomadas em 2023.

Durante o período de suspensão das atividades presenciais, a coordenação esportiva do programa promoveu um ciclo de formação continuada e encontros de capacitação pedagógica, destinados aos profissionais que atuavam no PROFESP, com temas relevantes para a atuação da equipe. Em seus memoriais de formação, os colaboradores deste estudo compartilharam suas experiências ao participarem

dessa atividade, como outras experiências de formação continuada, analisadas no próximo item.

6.1.4 Contribuições das experiências de formação continuada para a minha prática pedagógica

Os colaboradores do estudo compartilharam as suas trajetórias acadêmicas ao escreverem o memorial de formação. O Quadro 3 sintetiza o percurso que trilharam durante o processo.

Quadro 3 – Trajetórias acadêmicas dos colaboradores do estudo

Professor Fabiano	Professor Flávio	Professor Jean
– Graduação em Educação Física	– Graduação em Educação Física e Pedagogia	– Graduação em Educação Física
– Especialização em Fisiologia do Exercício	– Especialista em Educação Física Escolar – Especialista em Formação Docente para Educação a Distância (EAD)	– Especialização em Treinamento Desportivo – Especialização em Atividade Física Adaptada e Saúde
– Mestrado em Estudos do Esporte	– Mestrado em Teologia e Sociedade	
– Doutorado em Ciências do Movimento Humano	– Doutorando em Educação	

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A busca pelo aprimoramento acadêmico e profissional está atrelada à necessidade de otimizar o modo como lidamos com os desafios do cotidiano na prática docente, com a sagacidade de adquirir novos aprendizados em virtude da nossa curiosidade e a necessidade de atender a orientações determinadas pelos órgãos a que estamos vinculados/as.

Em 2018, participei da Capacitação Pedagógica do PROFESP. O evento foi presencial, em Brasília. As discussões provenientes do encontro foram basilares na preparação para as questões administrativas do programa, especialmente na área de prestação de contas. No quesito esportivo, as oficinas práticas ressaltaram a importância do esporte educacional, reforçando as diretrizes adotadas no planejamento pedagógico do núcleo.

O PROFESP vem, ao longo dos últimos anos, aprimorando-se administrativa e pedagogicamente, com destaque a um processo continuado de formação dos profissionais e professores envolvidos por intermédio da concepção das assessorias, orientações, capacitações pedagógicas e do ciclo de formação continuada (Memorial de formação do professor Fabiano, 2023).

Durante os anos de 2021 e 2022, as capacitações ocorreram no formato virtual e organizadas em abrangência nacional, pelo professor Fabiano. Os temas abordados enriqueceram o debate sobre a prática pedagógica dos/as professores/as, orientando as suas ações a partir do embasamento científico e também pelo relato de experiências dos/as profissionais que atuam no PROFESP.

O PROFESP me proporcionou um amadurecimento profissional, espiritual e pessoal muito grande, as capacitações pedagógicas que participei entre os anos de 2016 a 2022 foram um divisor de água para forjar o professor de fitness em um professor de educação física escolar (Memorial de Formação do Professor Jean, 2023).

A reflexão do professor Jean ressalta a importância das capacitações do programa para as atividades do PROFESP. O professor participou dos eventos por seis anos, comprovando que a formação é:

O conjunto de processos realizados de forma organizada e ocorre ao longo da vida. Formação esta que necessita se fundamentar na investigação e no diálogo com as práticas pedagógicas dos professores, estimulando relações de troca nas quais o professor tenha, individualmente e coletivamente, a possibilidade de analisar, debater, refletir, escrever e reescrever sobre os seus projetos pedagógicos, em um movimento que contribua para que possa tecer outros olhares e sentidos sobre a sua formação (LUIZ et al., 2016, p. 8).

O professor Jean narra em seu memorial que as capacitações do PROFESP “forjaram um professor de fitness em um professor de Educação Física escolar”, possibilitando novos sentidos para a sua formação. “A formação do ser humano ocorre não por retenção de saberes expostos pelo outro, mas pela apropriação e construção permanente de um processo próprio de conhecer” (SILVA, 2019, p.35). Ao se apropriar dos conhecimentos oriundos das capacitações, o professor Jean percebe novo olhar para os conhecimentos advindos da sua formação, ressaltando a importância da educação física escolar.

Foi tudo muito bom, me sentia verdadeiramente parte integrante de um processo que transforma vidas, não somente por meio do esporte, mas por meio de diversas atividades de inclusão social.

[...]

Começamos a realizar visitas às unidades militares do quartel, Batalhão de Infantaria, Banda de Música, Pelotão Contra Incêndio, Aeródromo. Em cada local, além de conhecer o espaço físico, víamos apresentações da Tropa Santos Dumont, cães de guerra, motociclistas batedores, técnicas verticais, apresentação de instrumentos musicais e a orquestra, técnicas de combate e prevenção contra incêndio, carro dos Bombeiros e, o mais esperado por eles, passear no Pátio das Aeronaves, ver os aviões e helicópteros de perto e poder entrar neles. O mais interessante é que esses passeios não eram apenas demonstrações e visitação. Eu sempre perguntava ao chefe do setor se ele tinha conhecimento de algum militar que havia ascendido de comunidade carente e hoje estava ali servindo à pátria. E tinham vários. Conversava com eles e perguntava se eles não se incomodariam de contar a sua história para as crianças, de qual comunidade vieram, em quais escolas estudaram, como ficaram sabendo das formas de incorporação da FAB, bem como se desenvolveu a carreira militar. A ideia principal era mostrar para as crianças que é possível vir de comunidades desfavoráveis socioeconomicamente e adquirir um emprego, sempre deixava claro para as crianças que o meio que os militares encontraram para acender foi o militarismo, mas que havia vários outros caminhos e, assim, nós conversávamos e fazíamos trabalhos sobre as diversas profissões. (Memorial de formação do Professor Jean, 2023).

Figura 36 – Conhecendo as aeronaves da FAB



Fonte: Memorial de Formação do professor Flávio, 2023.

O professor Jean, ao mediar o diálogo dos/as seus/as alunos/as com outros/as sujeitos da organização militar, estimula um importante exercício de reflexão, para além das vivências proporcionadas pelo esporte. Possibilita que seus/as alunos/as teçam novas tramas ao conhecerem o enredo das histórias de vida dos militares da

FAB. Deste modo, eles/as ressignificam valores, identidades e o próprio posicionamento no mundo. As palavras do professor Flávio endossam as ações do professor Jean.

E, sabendo que a formação continuada é fundamental em qualquer área de potencial das práticas corporais para educar no sentido amplo, não apenas atuação profissional, ainda que o ensino de modalidades esportivas faça parte do contexto educacional, um programa socioesportivo não deve se limitar a elas. Na prática, os professores e profissionais devem aproveitar o ensinar os movimentos. Como foi abordado anteriormente, há uma leitura de que o esporte ou demais atividades educativas em programas esportivos podem servir na promoção de objetivos que beneficiem os praticantes em diferentes esferas da vida (Memorial de formação do Professor Flávio, 2023).

Figura 37 – Alunos/as conhecendo o saxofone



Fonte: Memorial de formação do professor Jean, 2023.

Portanto, mesmo que minhas atividades estejam voltadas às práticas corporais do movimento, percebe-se um significado maior do que a simples execução do esporte. Não se trata de citar o esporte enquanto salvacionista de problemas sociais, mas enquanto uma ferramenta para o desenvolvimento integral que ele pode proporcionar aos participantes em um contexto educativo (Memorial de Formação do professor Flávio, 2023).

Afirma Assis de Oliveira (2010, p. 128) “que o trato diferenciado do esporte não deve afastar os alunos do esporte criticado, mas dirigir esse contato pela “transformação” que garanta a preservação do significado, a vivência de sucesso nas atividades e a alteração de sentidos por meio da reflexão pedagógica”. Ao compartilhar as experiências de formação continuada, percebo que a prática pedagógica dos professores que participaram deste estudo converge para uma atuação que se preocupa em realizar mais que “a simples execução do esporte”, como muito bem

elaborado pelo professor Flávio. São práticas pedagógicas orientadas pelo protagonismo dos/das alunos/as, que possibilitam a vivência das atividades esportivas, ao mesmo tempo em que entrecruzam com outros elementos do contexto da organização militar, pela mediação realizada pelas histórias de vida e pela apropriação dos espaços deste ambiente, possibilitando novos aprendizados e questionamentos em uma relação dialógica.

O professor Fabiano, no período de 2020 a 2022, afirmou em seu memorial de formação, a intenção de organizar um novo ciclo de formação continuada.

Pensando em temas emergentes que pudessem auxiliar na formação dos professores e da equipe que atuam em suas atividades nos núcleos, pretendia-se realizar o 2º Ciclo de Formação Continuada no ano de 2022. Idealizar, assim, palestras dos esportes para além das suas estruturas básicas, utilizando-se temas que possam ser estimulados em ações interdisciplinares, tais como Esporte e Meio Ambiente, Esporte e Saúde, Esporte e Alimentação Saudável, Esporte e Direitos Humanos, Esporte Arte e Educação, Esporte e Inclusão, Esporte e Inclusão Digital, Esporte e Cidadania entre outros. Particularmente, acredito que a inserção destes temas amplia nosso horizonte de Educação por intermédio do esporte, fazendo assim o esporte como uma ferramenta social de ação e integração à sociedade (Memorial de formação do professor Fabiano, 2023).

“A Educação e a Educação Física requerem que questões sociais emergentes sejam incluídas e problematizadas no cotidiano da escola, buscando um tratamento didático que contemple a sua complexidade e sua dinâmica, no sentido de contribuir com a aprendizagem, a reflexão e a formação do cidadão crítico” (DARIDO et al, 2001, p. 30). Incluir o debate sobre temas emergentes, no Ciclo de Formação Continuada no PROFESP, demonstra a necessidade de apoiar nossas ações em projetos interdisciplinares, com a participação de toda a comunidade escolar. Para isso, a sistematização de tempos e espaços, para a escuta ativa de todos os atores que integram as ações do programa, é uma ação relevante.

Creio que em todos esses âmbitos devemos insistir na defesa (e na prática) de um enraizamento escolar da educação física na cultura escolar como uma área do conhecimento responsável pela problematização e pela prática da cultura corporal de movimentos produzida pelos seres humanos - e a escola foi e é um dos lugares dessa produção. No entanto, a cultura corporal não se esgota no já existente, aceito e praticado. E então a educação física pode ser também tempo e lugar de investigação e problematização da história de alunos e alunas encarnados e presentes na escola, que revela o conhecimento sobre as práticas corporais da cultura de que são portadores(as); de invenção de outras maneiras de fazer os esportes, as danças, a ginástica, os jogos, as lutas, os brinquedos, as brincadeiras; de questionamento dos padrões éticos e estéticos construídos culturalmente para a realização dessas e de outras práticas corporais; de

realização do princípio de que os alunos e as alunas podem (e devem) se colocar à disposição de si mesmos quando partilham, fruem, usufruem, criam e recriam as práticas corporais da cultura; de garantia do direito de todos(as) participarem, sem exclusão por nenhum motivo; de respeito à corporeidade singular a cada um, construída em sua história de vida (VAGO, 1999, p. 44).

Conhecer as práticas pedagógicas dos núcleos do PROFESP no território brasileiro que realizam o debate sobre temas emergentes nas aulas de Educação Física, por meio da formação continuada, em que os/as professores/as são protagonistas no processo, seria um excelente modo de condução.

Cabe, então, às instituições formadoras investir na necessidade de pesquisar os consumos produtivos, produzidos pelos professores, no sentido de potencializar a forma como são significadas a prática profissional e a formação, tendo em vista que o novo não se manifesta pela criação de uma nova teoria, mas pela capacidade que temos de produzir outras possibilidades, a partir do que nos é oferecido, em um movimento de apropriação das realidades locais em diálogo com as globais (LUIZ *et al.*, 2015, p. 104).

Em 2022, uma nova equipe passou a gerir as ações do PROFESP em âmbito nacional o que, infelizmente, coincidiu com a não realização do Ciclo de Formação Continuada, idealizado pelo professor Fabiano. Entretanto, acredito que a semente do conhecimento foi plantada e, internamente, os/as professores/as de Educação Física dos núcleos do PROFESP, espalhados pelo Brasil, têm construído novos modos de intervenção e práticas no seu cotidiano, contribuindo para fortalecer o protagonismo dos/as beneficiados/as pelo programa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.*

(Paulo Freire)

Trabalhar com narrativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências, tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo em que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se a nós (CUNHA, 1998, p. 39).

De fato, o processo de realizar esta pesquisa-formação, a partir da escrita coletiva dos memoriais, foi um processo transformador que permitiu a tessitura de diálogos congruentes que se entrecruzaram em vários momentos de nossas trajetórias profissionais e pessoais.

A escrita deste trabalho me permitiu refletir sobre as experiências de formação dos/as professores/as de Educação Física que atuam no Programa Forças no Esporte. Eles/as possuem as suas ações pautadas nos princípios de uma educação física inclusiva, crítica e de emancipação social. Além do desenvolvimento das atividades esportivas, os professores também mediaram ações que permitiram o diálogo com outros sujeitos das organizações militares, contribuindo para a vivência de experiências e construção de novos valores, sentidos e significados em suas histórias de vida.

Por meio da análise dos memoriais de formação, percebi que a prática pedagógica dos/das professores/as não se limita às atividades da docência. Em seus memoriais, destacaram a realização de atividades de coordenação pedagógica, gestão dos processos administrativos para o funcionamento do programa, organização de ciclos de formação continuada para professores/as e, nas palavras do professor Jean “fazíamos do alfinete ao foguete”. Este fato me permitiu ponderar acerca da necessidade da inclusão da disciplina gestão esportiva e a sua vivência prática, durante o estágio supervisionado nos cursos de formação inicial em Educação Física. Atualmente, grande parte dos projetos sociais, que tem o esporte educacional como balizador de suas ações, é gerido por profissionais de outras

áreas do conhecimento. O fato do/a professor/a de educação física não ser apontado para esta função necessita de futuras investigações.

Por fim, considero a escrita dos memoriais de formação, dos colaboradores deste estudo, como um ato de resistência, pois em cada unidade em que atuam compartilham uma prática pedagógica capaz de construir caminhos de enfrentamento e superação das condições de vulnerabilidade social.

8 RECURSO PEDAGÓGICO

*Eu queria avançar ao começo
Chegar ao criancimento das palavras.
(Manoel de Barros)*

O recurso pedagógico do trabalho integra o processo vivenciado ao longo da *pesquisaformação* constituindo-se como importante ferramenta a ser utilizada por outros/as profissionais, que desejam dialogar com as histórias de vida e experiências de formação dos professores/as de Educação Física que colaboraram para a realização deste estudo.

Sendo parte constituinte desta pesquisa, foi elaborado no formato de livro eletrônico e se configura como uma ferramenta atrativa e de fácil acesso, cujo conteúdo poderá ser instância de produção de memória das experiências realizadas pelos/as professores/as do PROFESP. Além de permitir que as práticas pedagógicas e experiências de formação destes/as profissionais, antes invisibilizadas no cenário profissional e acadêmico, se tornem potentes instrumentos de formação para os/as leitores/as. O livro foi elaborado em diálogo com os/as colaboradores do estudo e contou com a participação de Lara Prado Xavier e Luiza Campos de Souza, que realizaram o processo de diagramação e ilustração, sob a orientação do professor Dr. Glaucinei Rodrigues Côrrea.

O professor Glaucinei ministra a disciplina *Design III*, e um dos objetivos é “proporcionar a aplicação fundamentada de métodos e técnicas de *design* a partir da identificação de oportunidades de projeto e problemas reais”. Foram apresentados vários projetos de produtos educacionais para os/as alunos/as do professor selecionarem o que apresentasse maior afinidade. Para mim, foi uma honra ter sido escolhida pela Lara e pela Luiza.

Desde o primeiro encontro, mais que realizar o processo técnico para a publicação do livro em formato eletrônico, Lara e Luiza imergiram em um processo de coautoria da obra. Elas selecionaram as fotografias dos/as professores/as e trouxeram o próprio olhar ao reinventá-las em lindas ilustrações aquareladas. Cada detalhe foi pensado para compartilhar com nossos/as leitores/as a maravilhosa vibração que as crianças transmitiam ao adentrar no quartel: um mundo de cores, energia, movimento e esperança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de. **Foto e Grafias**: narrativas e saberes de professores/as de educação física. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas. Campinas, 2011.

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de; OLIVEIRA, Marcela Ottoni Guedes. Histórias narradas, cotidianos vividos: modos de viver e narrar o início da docência em Educação Física. **Arquivos em movimento**, v. 17, n. 1, p. 583-597, 2021.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. 3. ed. 1. reimpr. Campinas: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2010.

ASSIS, Rodrigo Gavioli de. **Dos professores de papel às lutas na escola**: docentes narradores/as de suas experiências de ensino. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BARROS, Manoel de, 1916-2014. **Memórias inventadas / Manoel de Barros**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. **Obras Escolhidas**, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORBA, Angela Meyer. **Educação em foco**. Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 139-156, set 2008/fev. 2009.

BRAGANÇA, I. F. S. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. ISBN: 978-85-7511-469-8. Disponível em: doi: 10.7476/9788575114698. Também disponível em ePUB from: <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa-formação e histórias de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teórico-metodológicas. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 37-48, ago./dez. 2009.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre a escrita de memoriais: caminhos de transformação. **Memoriais de formação**: narrativa e autoria no processo formativo docente /Aline Gomes da Silva, *et al.* (Org.). São Gonçalo: UERJ, 2016.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. **Portaria n. 2/1SC**, de 26 de fevereiro de 2021. Aprova a reedição do Manual que dispõe sobre o Programa de Fortalecimento de Valores (MCA 909-1). Brasília, 2021a.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. **Portaria n. 2/1SC**, de 26 de fevereiro de 2021. Aprova a reedição do Manual que dispõe sobre o Programa de Fortalecimento de Valores (MCA 909-1). Brasília, 2021.

BRASIL. Lei complementar n. 97, de 9 de junho de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para organização, preparo e emprego das Forças Armadas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 jun 1999.

BRASIL. Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre o desporto e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 mar. 1998.

BRASIL. Ministério da Defesa. Instrução Normativa DIPSE/DDM/SEPESD/SG/MD n. 1, de 23 de agosto de 2021. **Manual do Programa Forças no Esporte (PROFESP) e Projeto João do Pulo (PJP)**. Brasília, 2021b.

BRASIL. Ministério da Defesa. Secretaria-Geral. **Informativo-PROFESP**. 2020b. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/programas_sociais/profesp/informativoa_profespea_2020a_va_finala_19_a_fev.pdf. Acesso em: 19 abr. 2023.

CARVALHO, Levindo Diniz. Crianças e infâncias na educação (em tempo) integral. **Educação em Revista**, 2015.

CUNHA, M. I. da. As narrativas como explicitadoras e como produtoras de conhecimento. In: CUNHA, M. I. da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM editora, v. 118, p. 37-46, 1998.

DAMASCENO, Kelly Katia; MONTEIRO, Filomena M. de Arruda. Formação Continuada: uma contribuição para a construção de conhecimentos necessários à prática docente. In: Formação continuada de professores. VIII Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores. **Anais...** Pró-reitora de graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2005.

DARIDO, Suraya Cristina *et al.* A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina; SANCHEZ NETO, Luiz. Os Conteúdos da Educação Física na Escola. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2005.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Reflexões sobre as crianças e a educação de seus corpos no espaço-tempo de Educação Infantil. **Revista Paidéia**. Belo Horizonte, 2008.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; LINHALES, Meily Assbú; VAGO, Tarcísio Mauro. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física “para” e “com” as crianças. **Pensar a Prática**, 5: 92-105, jul./jun. 2001-2002.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista brasileira de pesquisa** (auto) biográfica, Salvador, v. 1, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago, 2006.

DIÓGENES, Elione Maria Nogueira; PAZ, Sandra Regina. Paulo Freire: Giramundo, Palavramundo, Educamundo. In: OLIVEIRA, Maria Marly de (org.). **Formação continuada de professores: dialogando com Paulo Freire** [recurso eletrônico]. – Recife: Edupe, 2021.

EMICIDA. Amarelo Prisma. Episódio 4. **Coragem/Coração**. YouTube, 24 jun. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y3Bd8wbO61o & ab_channel=Emicida](https://www.youtube.com/watch?v=y3Bd8wbO61o&ab_channel=Emicida). Acesso em: 19 set. 2022.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FARIA, Juliana Batista. Algumas reflexões sobre o papel do comentário na Documentação Narrativa de Experiência. **YouTube**. 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-q96CWAYy0>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FARIA, Juliana Batista. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa: experiências de formação de sujeitos em imersão docente**. 2018. 385 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PACHECO, Daniela Quevedo; CHAUTZ, Grace Caroline Chaves Buldrin; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Mais além de uma história: a narrativa como possibilidade de autoformação. *Educ. Puc.* [online]. 2016, v. 21, n. 3, p.351-361. ISSN 2318-0870. <https://doi.org/10.5965/151939932112016351>.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaando o “novo” em Educação Física escolar a perspectiva de seus atores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. O papel do trabalhador social no processo de mudança. *In: Educação e Mudança*. 12. ed., São Paulo: Paz & Terra, 1979.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não-lugar da EF Escolar II. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 10-21, mar. 2010.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Infantia**: entre a anterioridade e a alteridade. Porto Alegre: Educação e Realidade, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011.

HIRAMA, Leopoldo Kastsuki; JOAQUIM, Cássia dos Santos; COSTA, Roberto Rocha; MONTAGNER, Paulo César. Propostas Interacionistas em Pedagogia do Esporte: aproximações e características. *Conexões*. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v.12, n. 4, p. 51-68, out/dez. 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JOGO DE CENA. Eduardo Coutinho (Direção). (Filmografia) Rio de Janeiro: Videofilmes, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para Si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *In: Revista Brasileira de Educação*, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28.

LUIZ, Igor Câmara *et al.* Investigação, narrativa e formação continuada de professores de Educação Física: possibilidades para uma prática colaborativa. *J. Phys. Educ.* v. 27, e 2721, 2016.

LUIZ, Igor Câmara; MELLO, André da Silva; VENTORIM, Silvana; SANTOS, Wagner dos. Narrativas de formação continuada: sentidos produzidos por professores de Educação Física. *Motrivivência*, v. 27, n. 44, p. 93-108, maio/2015.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J; AMAYA, K. G. Desafios da formação em esporte para intervenção profissional no contexto da gestão: investigações iniciais. *In: NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. O. (Org). Construção da identidade profissional em Educação Física*: da formação à intervenção. Florianópolis: Editora da UDESC, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In: PASSEGGI; SILVA (Org.) Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. G.; V. T.; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. 2. ed. v. 1, p. 45-60. Campinas: Alínea, 2007.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. Da janela, vislumbro... e me perco nos dourados achados! In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus. **Memoriais, pesquisaformação e modos outros de escrita acadêmica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

QUINAUD, R. T.; FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. Formação profissional do gestor esportivo para o mercado de trabalho: a (in)formação dos cursos de bacharelado em educação física do Brasil. **Movimento**, [s. l.], V. 24, n. 4, p. 1111-1124, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.75557.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

RIBETTO, Anelice. Uma janela para compor um possível posfácio. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus. **Memoriais, pesquisaformação e modos outro de pesquisa acadêmica**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2020.

RICOEUR, Paul. La vida: un relato en busca de narrador. **Ágora – Papeles de filosofía**, 25/2: 9-22, 2006.

SEVEGNANI, Palmira; MORAES E SILVA, Marcelo; FIGUERÔA, Katiúscia Melo; MEZZADRI Fernando Marinho. **A política pública para o esporte educacional no Brasil (2003-2016)**: entre a setorialidade e a intersetorialidade. *Licere*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, jun/2019.

SILVA, Bruna Saurin; SOUZA, Ana Cláudia Ferreira de; MARTINS, Mariana Zuaneti. Desafiando o abismo tradicional: uma aproximação entre práticas inovadoras e o modelo de educação esportiva no âmbito da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 42: e2023, 2020.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. A formação contínua docente como questão epistemológica. In: Monteiro, Silas Borges; OLINI, Polyana (Org.) **Coleção encontro nacional de didática e prática de ensino**: formação continuada e desenvolvimento profissional docente, v. 4. Cuiabá: EdUFMT/Editora Sustentável, 2019.

SILVA, Luis Felipe Nogueira; LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José. Silva, L.F.N., Leonardo, L., e Scaglia, A.J. Epistemologia da prática pedagógica na Educação Física e esporte. Mapeamento a partir de um instrumento metodológico. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, 25(274), 145-163, 2021.

SOARES, Magda. Para quem pesquisamos? Para quem escrevemos? In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa *et al.* **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais.** São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação.** Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39- 50, jan./abr., 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea.** Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, 2018.

SUÁREZ, D. H. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica,** v. 1, n. 3, p. 480-497, 13 dez. 2016.

SUÁREZ, D. H.. Docentes, narrativa e investigación educativa: La documentación narrativa de las practicas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. In: Sverdlik, I. et al. La investigación educativa: Una herramienta de conocimiento y de acción. **Noveduc.,** 2007.

SUÁREZ, Daniel *et al.* Documentación narrativa de experiencias pedagógicas: una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes. **Cuadernos del IICE n. 6.** ISSN 2618-5377, 2021.

VAGO, T. M. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cadernos CEDES,** 19(48), 30-51, 1999.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE,** p. 25-42, set. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Pesquisas sobre o PROFESP

PESQUISAS SOBRE O PROESP

Nº	Autor (a)	Título	Tipo	Ano	Enfoque do Trabalho
1	FERREIRA, Wagner; SOFFNER, Renato Kraide	Uma experiência educativa sociocomunitária na Amazônia: o Projeto PROFESP do 3º Pelotão Especial de Fronteira (3º PEF) do Exército Brasileiro, na comunidade de Pacaraima, Roraima.	Artigo	2013	Ação socioeducativa originada do projeto PROFESP do 3º Pelotão Especial de Fronteira.
2	SANTOS, Brenda Farias dos; GOLIN, Carlo Henrique; MELO, Rogério Zaim de.	O Programa Forças no Esporte (PROFESP) na Fronteira Brasil-Bolívia.	Artigo	2021	Evidenciar pesquisas acerca do Programa Forças no Esporte (PROFESP), vertente do Programa Segundo Tempo (PST), desenvolvido pelas Forças Armadas.
3	SANTOS, Brenda Farias dos.	O Programa Forças no Esporte (PROFESP) na Fronteira Brasil-Bolívia.	Dissertação	2022	Identificar a aplicabilidade dos PROFESP, enquanto política pública, desenvolvido pelas Forças Armadas Brasileiras (Marinha e Exército) na região de fronteira Brasil-Bolívia, a partir dos discursos dos envolvidos no referido Programa.
4	SILVA, Rildson Alves Medeiros da.	O programa forças no esporte (PROFESP) e o desenvolvimento de crianças e adolescentes frente à prática esportiva: análise da experiência de estágio.	Mono-grafia (Graduação)	2021	Refletir acerca da importância do profissional de Educação Física no âmbito do PROFESP da Marinha do Brasil e a relação deste com o desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida das crianças e adolescentes inscritas no Programa.
5	MICALISKI, Emerson Liomar; MACHADO, Karine Mendes; FIGUERÔA, Katiúscia Mello.	O PROFESP em Curitiba: uma parceria das forças armadas com a Secretaria Municipal da Educação.	Artigo	2020	Apontar as atividades desenvolvidas no programa PROFESP, realizadas nos núcleos militares de Curitiba, em parceria com a Secretaria Municipal da Educação.

PESQUISAS SOBRE O PROESP

(Continua)

Nº	Autor (a)	Título	Tipo	Ano	Enfoque do Trabalho
6	MARTINS, Januzzi Andréa.	Programa forças no esporte na base aérea de Natal: a integração entre a educação escolar e a prática desportiva na socialização de jovens em situação de risco	Artigo	2015	Investigar as atividades desportivas e pedagógicas desenvolvidas na Base Aérea de Natal – BANT no âmbito do Programa Segundo Tempo/Programa Forças no Esporte – PST/PROFESP no que concerne ao reflexo no desempenho escolar dos alunos matriculados na rede pública de ensino, do município de Parnamirim/RN, e assistidos pelo Programa.
7	SILVA, André Luiz Guimarães da	A inclusão social propiciada pelo programa força no esporte (PROFESP) na área do comando militar do sudeste (CMSE)	Trabalho de Conclusão de curso	2019	Aborda a Inclusão Social propiciada pelo Programa Forças no Esporte (PROFESP) na Área do Comando Militar do Sudeste.
8	FERREIRA, Ramon Vilas Boas.	Moral, ética e cidadania no contexto escolar: perspectiva de um trabalho transversal com os alunos do PROFESP como prática sociocultural.	Artigo	2013	Levantar a perspectiva dos resultados do trabalho transversal da temática: Ética, Moral e Cidadania, realizado pelo Programa Forças no Esporte gerido pelo 53º Batalhão de Infantaria de Selva, no Município de Itaituba/PA em 2015, e de que forma o contribuiu com a disciplinarização e melhor inserção social de crianças e adolescentes, moradores de áreas de risco da Rede Pública de Educação.
9	GUIRRA, Frederico Jorge Saad; CASTELLANI FILHO, Lino.	Direita, volver! Forças no Esporte e na educação: a militarização da sociedade brasileira em marcha.	Artigo	2020	Analisar o processo de militarização da sociedade brasileira a partir das interrelações presentes nas políticas governamentais educacional e esportiva.

PESQUISAS SOBRE O PROESP

(Continua)

Nº	Autor (a)	Título	Tipo	Ano	Enfoque do Trabalho
10	GUIRRA, Frederico Jorge Saad; CASTELLANI FILHO, Lino.	Segundo tempo-forças no esporte: O esporte de alto rendimento como legado dos JMMS	Artigo	2017	Analisar e mostrar que a participação dos militares em importantes programas esportivos do Governo Federal, como o Programa Forças no Esporte – Segundo Tempo -, também serviu de instância de sustentação do esporte olímpico nacional e meio de expansão do esporte de alto rendimento, derrubando a tese de sua utilização como elemento de democratização do esporte.
11	PIMENTEL, Marcus Vinicius Scussiato.	Programa Criança Feliz e Forças no Esporte	Mono-grafia	2019	Pesquisar os pontos de confluência e possibilidades de interação sinérgica dos citados empreendimentos sociais, ambos voltados para a infância.
12	CARMO JÚNIOR, Valdivino José do.	A detecção de talentos esportivos no Programa Forças no Esporte	Artigo	2022	Examinar o meio que o Programa Forças no Esporte (PROFESP) proporciona a detecção de talentos esportivos e sua relação com o desenvolvimento nacional.
13	SOARES, Anny Karolayne Fonseca	Valores Humanos: um diálogo com a prática esportiva de adolescentes no Projeto Segundo Tempo-Forças no Esporte	Dissertação	2022	Analisar os valores humanos, estimulados pela prática esportiva no Programa Segundo Tempo-Forças no Esporte, realizado na ERMN, à luz dos olhares dos participantes, professores/monitores, coordenador e familiares.

PESQUISAS SOBRE O PROESP

(Continua)

Nº	Autor (a)	Título	Tipo	Ano	Enfoque do Trabalho
14	FARO, Livia Oliveira de.	Relato de uma intervenção pedagógica no programa Forças no Esporte à luz do Provinha Brasil	Monografia (Graduação)	2013	Caracteriza o Programa Forças no Esporte, em geral, e sua implementação na unidade em que o pesquisador trabalhou. Apresenta os objetivos e o escopo da Provinha Brasil e os resultados de sua aplicação no âmbito da unidade do Programa Forças no Esporte. Relata a experiência de intervenção pedagógica vivenciada pelo autor, indicando os recursos que utilizou e apresenta as autocríticas que conseguiu realizar até a conclusão do trabalho.
15	SOUZA, Jéssica Natália de.	Efeitos socioculturais da prática de futebol para alunas do Programa Segundo Tempo Forças no Esporte	Trabalho de Conclusão de Curso	2019	Refletir sobre os efeitos socioculturais da prática do futebol para as meninas participantes do Programa Segundo Tempo Forças no Esporte (PROFESP)
16	SOARES, Anny Karolayne. SURDI, Aguinaldo César.	A inclusão através da construção de valores humanos na prática esportiva no programa segundo tempo-forças no esporte (PROFESP)	Artigo	2021	Analisar a inclusão a partir da construção de valores humanos na prática esportiva.
17	PEREIRA, Isabela Inês Leonardo.	Narrativas visuais: Sentido e Motivação do Adolescente no Programa Segundo Tempo - Forças no Esporte	Trabalho de Conclusão de Curso	2016	Identificar os sentidos e compreender a motivação dos adolescentes sobre o Programa Segundo Tempo Forças no Esporte, no núcleo da Estação Radiogoniométrica da Marinha em Natal, através da análise dos discursos produzidos a partir das fotografias realizadas pelos adolescentes.

PESQUISAS SOBRE O PROESP

(Conclusão)

Nº	Autor (a)	Título	Tipo	Ano	Enfoque do Trabalho
18	ARAÚJO, Patrícia Chaves de; SANTOS, Anacleto Araújo.	Práticas corporais de aventura e o esporte orientação: em foco o Programa Segundo Tempo - Forças no Esporte	Pôster	2019	Descrever a vivência e aplicação do Esporte Orientação. O mesmo partiu por intermédio do Programa Segundo Tempo – Forças no Esporte (PST-PROFESP), como monitor de Educação Física, na Estação Rádio Métrica da Marina em Belém do Pará.
19	KALINKA, Isabelle Vasconcelos; PIERI, Rodrigo de Vasconcelos.	A psicologia do esporte em um programa social: o psicólogo como facilitador da relação professor-aluno	Artigo	2020	Relatar a experiência de uma acadêmica de psicologia em suas primeiras vivências como estagiária em psicologia do esporte.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

APÊNDICE B – Carta-Convite aos/às professores/as

Caro/a professor/a,

No âmbito do Mestrado Profissional (PROMESTRE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), venho desenvolvendo a pesquisa: Potencias singulares, saberes plurais: narrativas de professores (as) Educação Física no interior do Programa Forças no Esporte. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é, principalmente, a possibilidade de refletir sobre as experiências de formação dos/as professores/as de Educação do Programa Forças no Esporte. Gostaríamos de convidá-lo/a para participar desta pesquisa, na qual você irá participar de uma formação para realizar a escrita do seu memorial, onde será possível compartilhar a sua trajetória, as suas experiências de vida, formação e docência, bem como as suas inquietações e modo de ver o mundo. Os critérios para participação são:

- Ser professor/a de Educação Física
- Ter atuado no Programa Forças do Esporte

Para a realização do estudo, serão realizados encontros de formação, com a carga horária de 40 horas, divididas em seis encontros síncronos no formato virtual e assíncronos, nos quais serão adotados os seguintes procedimentos: preenchimento de questionário; realização de rodas de conversa utilizando as plataformas *Google Meet*, *Microsoft Teams* ou *Zoom*; compartilhamento, leitura e comentário de textos.

Será uma alegria ter você conosco! Caso tenha alguma dúvida, por favor, entre em contato.

Isis Aloma Marinho Lima

Orientador Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior

APÊNDICE C – Questionário do perfil dos/as colaboradores do estudo

Prezado/a professor/a,

Com o intuito de selecionar os/as colaboradores/as da pesquisa, peço a gentileza de responder às questões a seguir. Informo que os nomes serão mantidos em sigilo, não causando nenhum tipo de dano moral e/ou ético, ou constrangimento ao/a professor/a colaborador/a.

5. Nome:

6. Organização militar:

7. Cidade/ Estado:

8. E-mail:

9. Telefone: ()

10. Idade:

11. Indique o curso de mais alta titulação que você possui:

() Atualização ou Aperfeiçoamento (mínimo de 180 horas)

() Especialização (mínimo de 360 horas)

() Mestrado

() Doutorado

() Não realizei

12. Indique a área temática do curso realizado:

13. Você realizou algum curso direcionado para o PROFESP? Se sim, qual curso, ano de realização, e duração?

14. Há quantos anos você ministra aulas de Educação Física?

() Menos de 1 ano

() De 1 a menos de 2 anos

() De 2 a menos de 5 anos

() De 5 a menos de 7 anos

() De 7 a menos de 10 anos

() De 10 a menos de 15 anos

() De 15 a menos de 20 anos

() Mais de 20 anos

15. Você atuou no PROFESP por quantos anos?

- Menos de 1 ano
- De 1 a menos de 2 anos
- De 2 a menos de 5 anos
- De 5 a menos de 7 anos
- De 7 a menos de 10 anos

16. Qual a sua função? Se precisar, assinale mais de uma

- Coordenador/a esportivo Coordenador/a de núcleo
- Professor/a de Educação Física Outra. Qual?

17. Você trabalha no Profesp atualmente?

- Sim Não

APÊNDICE D – Cronograma e bibliografia dos encontros de formação

DATA	ATIVIDADE
24/08	Apresentação
21/09	Fotografia da Infância Memorial de formação – quando as memórias narram a história de formação – Guilherme do Val Toledo Prado e Rosaura Soligo A construção compartilhada de um saber singular – Delory
19/10	Documentário Jogo de Cena: Eduardo Coutinho O narrador – Walter Benjamin Narrar é humano, autobiografar é um processo civilizatório – Maria da Conceição Passeggi
23/11	EMICIDA. Amarelo Prisma. Episódio 4 Coragem/Coração Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y3Bd8wbO61o&ab_channel=Emicida A vida: uma narrativa em busca de narrador – Paul Ricoeur Histórias narradas, cotidianos vividos: modos de viver e narrar o início da docência em Educação Física – Admir Soares de Almeida Junior e Marcela Ottoni Guedes Oliveira
07/12	Vídeo Profa. Dra. Juliana Batista Freitas – O papel do comentário na Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas Reflexão sobre as questões norteadoras da escrita dos memoriais: - Como me tornei professor/a de Educação Física - Como é a minha prática pedagógica no PROFESP
07/12	Postagem da primeira versão do memorial
07/12- 21/12	Leitura coletiva dos memoriais e comentários
21/12- 04/01	Reescrita da primeira versão do memorial de formação
04/01	Postagem da segunda versão do memorial de formação
04/01- 18/01	Leitura coletiva da 2ª versão dos memoriais e novos comentários
18/01	Reflexão sobre as questões norteadoras da escrita dos memoriais: - Quais as minhas principais vivências realizadas no programa - Quais as contribuições das experiências de formação continuada para a minha prática profissional. Encerramento dos encontros coletivos.
01/02	Postagem da terceira versão do memorial de formação
01/02 – 27/02	Leitura coletiva da 3ª versão dos memoriais e novos comentários
28/02 – 01/03	Encontros individuais
17/03	Postagem da versão final para publicação do livro eletrônico

REFERÊNCIAS UTILIZADAS NOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de; OLIVEIRA, Marcela Ottoni Guedes. Histórias narradas, cotidianos vividos: modos de viver e narrar o início da docência em Educação Física. **Arquivos em movimento**, v. 17, n. 1, p. 583-597, 2021.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. **Obras Escolhidas**, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista brasileira de pesquisa (auto) biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

EMICIDA. Amarelo Prisma. Episódio 4. Coragem/Coração. **YouTube**, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3Bd8wbO61o> & ab_channel=Emicida. Acesso em: 19 set. 2022.

FARIA, Juliana Batista. Algumas reflexões sobre o papel do comentário na documentação narrativa de experiência. **YouTube**. 22 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-q96CWAyy0>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira; PACHECO, Daniela Quevedo; CHAUTZ, Grace Caroline Chaves Buldrin; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Mais além de uma história: a narrativa como possibilidade de autoformação. **Educ. Puc.** [online]. 2016, v. 21, n. 3, p.351-361. ISSN 2318-0870. <https://doi.org/10.5965/151939932112016351>.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI; SILVA (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. G., V. T; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. 2. ed. v. 1, p. 45-60, Campinas: Alínea, 2007.

RICOEUR, Paul. La vida: un relato en busca de narrador. **Ágora – Papeles de filosofía**, 25/2: 9-22, 2006.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES DOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de. **Foto e Grafias**: narrativas e saberes de professores/as de educação física. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas. Campinas, 2011.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus. **Memoriais, pesquisa formação e modos outros de escrita acadêmica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 318p.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; PROENÇA, Heloisa Helena Dias Martins; SERODIO, Liana Arrais; FILHO, Ruy Braz da Silva. **Pipocas pedagógicas IV**: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, 2018.

APÊNDICE E – Carta de Anuência

Ao Coordenador-Geral pelos Programas Sociais pelo Esporte (CG PROFESP/PJP)

Solicitamos ao Sr. autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “Potências singulares, saberes plurais: narrativas de professores/as de Educação Física no interior do Programa Forças no Esporte”, a ser realizada com militares que possuem formação na área de Educação Física e que participaram do programa.

Essa pesquisa é parte do projeto do PROMESTRE – Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG, e será realizada pela mestrandia 1T QOCon Efi Isis Aloma Marinho Lima, sob orientação do Professor Dr. Admir Soares de Almeida Junior, cujo objetivo é refletir sobre as experiências de formação dos/as professores/as de Educação Física do Profesp. Este estudo irá dialogar com as singularidades destes professores e professoras, que se constituem enquanto potências que carregam diversos saberes e permeiam uma pluralidade de culturas cujas vozes ainda são pouco conhecidas. Através deste estudo, também pretende-se identificar as trajetórias humanas e profissionais dos/das docentes; os temas/conteúdos desenvolvidos por eles/elas durante as aulas de Educação Física e as contribuições das experiências de formação continuada na prática pedagógica destes/destas profissionais. Até o presente momento, poucos estudos foram realizados com a temática do Profesp e como resultado desta pesquisa, pretende-se dar visibilidade ao trabalho realizado nas aulas de Educação Física, além de proporcionar uma experiência de formação aos participantes.

Os encontros com os professores/as serão realizados pela pesquisadora e pelo seu orientador, através do formato virtual, em horários e dias a serem acordados com os/as participantes de forma a não interferir na rotina de trabalho.

Para o desenvolvimento da pesquisa necessito, portanto, da assinatura do Sr. e carimbo na carta de anuência para autorização de pesquisa. Na certeza de contarmos com a colaboração, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer **esclarecimentos**.

Belo Horizonte, de de 2022.

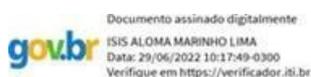
 Documento assinado digitalmente
ISIS ALOMA MARINHO LIMA
Data: 29/06/2022 10:17:49-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Isis Aloma Marinho Lima 1T QOCon Efi – Pesquisadora.

CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Autorizo a realização da pesquisa “Potências singulares, saberes plurais: narrativas de professores/as de Educação Física no interior do Programa Forças no Esporte”, a ser realizada com militares que possuem formação na área de Educação Física que atuaram no PROFESP, pela mestranda 1T QOCon Efi Isis Aloma Marinho Lima, sob orientação do Professor Dr. Admir Soares de Almeida Junior, conforme questionário de entrevista em anexo.

De acordo,



APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado/a professor/a,

Você está sendo convidado/a a participar, como voluntário/a da pesquisa: Potências singulares, saberes plurais: narrativas de professores (as) Educação Física no interior do Programa Forças no Esporte, a ser desenvolvida pela mestranda **Isis Aloma Marinho Lima** (FaE/UFMG), sendo orientada pela **Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Junior** (EEFFTO/UFMG) no mestrado Profissional em Educação da UFMG- PROMESTRE.

O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é, principalmente, a possibilidade de refletir sobre as experiências de formação dos/as professores/as de Educação do Programa Forças no Esporte. Para a realização do estudo, serão realizados encontros de formação, com a carga horária total de, aproximadamente, 20 horas, divididas em encontros assíncronos e síncronos nos quais realizaremos as seguintes atividades: rodas de conversa virtuais, questionário, leitura e comentário em documentos compartilhados, registro em fotografias, gravações em áudio e vídeo. E, como parte integrante desta pesquisa, pretendemos realizar a escrita coletiva de um livro eletrônico, a partir dos materiais elaborados nos encontros de formação.

A participação neste estudo não gerará nenhum custo, nem acarretará nenhuma vantagem financeira. Você será esclarecido/a sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação nesta pesquisa é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

A sua participação será através das trocas de experiências entre os/as colaboradores/as da pesquisa, durante os encontros de formação. Estes serão realizados de acordo com a disponibilidade do grupo. Inicialmente, prevemos seis encontros com duração aproximada de uma hora e trinta minutos cada um. Neste trabalho, adotamos a pesquisa narrativa (auto) biográfica através da utilização do memorial de formação como estratégia metodológica pois, “trata-se de um gênero textual privilegiado para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a

palavra e tornar públicas as suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional”¹¹. No que diz respeito ao risco da pesquisa, observa-se a possibilidade de constrangimento dos/as colaboradores/as durante os encontros de formação, pois em toda pesquisa científica há risco. Entretanto, com o intuito de minimizá-lo, será realizada uma abordagem pautada pela ética e pelo respeito mútuo.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos, áudios, vídeos, notas de campo, fotos, questionários, dentre outros) será utilizado exclusivamente para fins de divulgação da pesquisa. Esse material será devidamente arquivado pelo período de cinco anos, após esse período, todo o material será destruído. A pesquisadora irá tratar a identidade dos/as colaboradores/as da pesquisa com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma o/a colaborador/a será identificado em qualquer publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora e a outra será fornecida a você.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá procurar a pesquisadora **Isis Aloma Marinho Lima**. E em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de MG, (31) 3409 4592, Av. Antônio Carlos n. 6627 – Unidade Administrativa II – 2º andar - sala 2005 – Campus Pampulha, BH, MG, 31 270.901. Tendo lido e concordado com os termos anteriormente estabelecidos, pedimos que preencha o termo abaixo e assine esse documento.

Antecipamos agradecimentos,

¹¹ PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. G., V. T.; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007. v. 1, p. 45-60.

APÊNDICE G – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,
portador(a) da CI _____, autorizo a utilização da minha
imagem na pesquisa Potencias singulares, saberes plurais: narrativas de
professores/as de Educação Física no interior do Programa Forças no Esporte, bem
como no produto educacional a ela vinculado a serem desenvolvidos pela mestranda
Lisis Aloma Marinho Lima (FaE/UFMG), sendo orientada pela Prof. Dr. Admir **Soares
de Almeida Junior** (EEFFTO/UFMG) no mestrado Profissional em Educação da
UFMG- PROMESTRE. Estou esclarecido/a que essas imagens só podem ser
utilizadas para fins acadêmicos.

Assinatura do/a colaborador/a